



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL

ANTONIO JEFERSON DE SOUSA

**O JORNAL A *LUTA* E AS REPRESENTAÇÕES DA CIDADE DE  
CAMPO MAIOR (1967-1979)**

TERESINA-PI  
2021

ANTONIO JEFERSON DE SOUSA

**O JORNAL A LUTA E AS REPRESENTAÇÕES DA CIDADE DE  
CAMPO MAIOR (1967-1979)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do grau de mestre em História do Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Cláudia Cristina da Silva Fontineles.

ANTONIO JEFERSON DE SOUSA

**O JORNAL A LUTA E AS REPRESENTAÇÕES DA CIDADE DE CAMPO MAIOR  
(1967-1979)**

Avaliado em: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Cláudia Cristina da Silva Fontineles (Orientador)

Universidade Federal do Piauí – UFPI

---

Prof. Dr. Túlio Henrique Pereira (Examinador externo)

Universidade Regional do Cariri-URCA/UFRJ

---

Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento (Examinador interno)

Universidade Federal do Piauí-UFPI

---

Prof. Dr. Marcelo de Sousa Neto (Suplente)

Universidade Estadual do Piauí- UESPI

TERESINA-PI

2021

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras  
Serviço de Processos Técnicos

S725j      Sousa, Antonio Jeferson de.  
            O jornal *A Luta* e as representações da cidade de Campo Maior  
(1967-1979) / Antonio Jeferson de Sousa. -- 2021.  
            120 f. : il.

            Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro  
de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em  
História do Brasil, Teresina, 2021.

            Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Cristina da Silva Fontineles.

            1. Campo Maior (PI) - História. 2. Imprensa. 3. Representação.  
I. Fontineles, Cláudia Cristina da Silva. II. Título.

CDD 981.22

Bibliotecária: Thais Vieira de Sousa Trindade - CRB3/1282

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, Oxalá, Orixás, os guias espirituais, que sempre me aconselharam a lidar com as situações da vida com paz, tranquilidade e humildade. Obrigado pelo fortalecimento da minha fé pautada nas orações e pensamentos positivos. A energia dos elementos da natureza (água, terra, fogo e ar) me ajudou a entender que tudo tem o seu tempo. O maior ensinamento é saber agradecer e continuar persistindo.

À Capes, por ter concedido a bolsa que financiou a pesquisa.

Agradeço a minha mãe Osmarina Silva, que me incentivou e possibilitou meus estudos na cidade de Teresina. Ao acordar às quatro horas da manhã para pegar o ônibus para a universidade, ela sempre me ajudava na organização dos meus materiais de estudo. Mãe, obrigado pelo amor e carinho que foram fundamentais para sempre continuar persistindo nos estudos. Agradeço ao meu pai, Antonio Francisco, pelo suporte e incentivo. Obrigado por sempre me levar de madrugada até a parada de ônibus. Aos meus pets Zeus, Apolo e Linus pelos momentos de fofura.

À minha irmã, Geiciele Sousa, por todo companheirismo na vida e nos estudos. Obrigado por me ensinar as sensibilidades das artes, através dos desenhos e pinturas, me ensinando a enxergar a vida como arte. Muito obrigado pelas conversas e pelo apoio, algo que é fundamental na nossa trajetória de estudo.

Agradeço à minha orientadora, Cláudia Cristina da Silva Fontineles, pelo estímulo, dedicação e orientação competente. Seu incentivo e apoio, desde a disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa, contribuíram na minha trajetória. Obrigado pelas observações valiosas e sugestões de leituras que possibilitaram o amadurecimento da pesquisa.

Aos professores do Departamento de História, Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino, Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Piauí e do Programa de Pós-graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, que contribuíram com a minha formação.

Agradeço ao professor Francisco Alcides do Nascimento pela leitura do projeto de pesquisa nas disciplinas cursadas no mestrado “História e Cidade” e “Seminário de Linha de Pesquisa”. Obrigado pelas sugestões e observações no exame de qualificação. Obrigado por aceitar participar da banca de defesa.

Agradeço ao professor Marcelo de Sousa Neto pelas observações, sugestões e indicações de leitura no exame de qualificação.

Agradeço ao professor Túlio Henrique Pereira por aceitar participar da banca de defesa.

Agradeço aos motoristas e cobradores dos ônibus que possibilitaram o meu deslocamento da cidade de Campo Maior para a cidade de Teresina. Também agradeço aos colegas que compartilharam comigo as longas horas de viagem, muitas vezes saindo de casa às quatro horas da manhã e voltando à noite. Mesmo cansados, as conversas nos serviam como uma possibilidade para continuar acreditando que todo o esforço seria recompensado. Também agradeço aos amigos Giglianny Sousa, Isaac Gabriel, Cibele Almeida, Hiliane Barbosa, Sarah Dayane, Yasmim Silva, Welligton Pereira, Camila Moura.

Agradeço a Celson Chaves, Flávio Sousa, Caio Teixeira, Francisco Vieira e Francisco de Assis Lima por terem concedido as fontes para a pesquisa.

Agradeço a Natália Ferreira pela amizade e incentivo. Compartilhamos o sonho de entrar na pós-graduação. Uma amizade que conquistei no segundo período do curso de História e a partir daquele momento começamos a compartilhar vários momentos e principalmente o sonho de entrar na pós-graduação. Nossa amizade é baseada no incentivo e humildade que foi fundamental para nossa trajetória de pesquisa. Agradeço a Nino Dourado pela amizade e escuta. Obrigado por compartilhar sua experiência de pesquisa e informações sobre os jornais.

Agradeço à professora Ingrid Bonfim por ter aceitado fazer a revisão gramatical deste trabalho e Maria do Socorro Baptista Barbosa pelo Abstract.

Agradeço a todos que me ajudaram nessa trajetória.

“A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.” (Italo Calvino)

## RESUMO

O presente estudo analisou a trajetória do jornal *A Luta* e suas representações da cidade de Campo Maior durante os anos de 1967 a 1979. Nesse sentido, discutimos o contexto de surgimento do jornal *A Luta* e os grupos responsáveis por sua redação. Assim, analisamos as representações construídas sobre as intervenções urbanas realizadas em Campo Maior que ganharam bastante destaque no periódico, como, por exemplo, a construção do Mercado Municipal, do Terminal Rodoviário e do Monumento aos Heróis do Jenipapo. Desse modo, discorremos sobre a urbanização da cidade de Campo Maior a partir das matérias jornalísticas que tratam sobre as práticas cotidianas, questionando em que medida o periódico dava ênfase à energia elétrica. Como fontes históricas, utilizamos matérias jornalísticas, colunas de opinião e propagandas publicadas no jornal *A Luta*, bem como fotografias produzidas no recorte estudado. O estudo toma como aporte teórico-metodológico a perspectiva da História Cultural e História da Imprensa a partir da interlocução com Chartier (1998), Pesavento (2004), Abreu (2008), Barbosa (2007), Ribeiro (2003), e Capelato (2015). Para analisar a relação entre memória e identidade, recorremos aos estudos de Le Goff (2003), Seixas (2004) e Pollak (1992). Para estudar a urbanização da cidade e o espaço urbano recorremos aos estudos de Rezende (2016), Fontineles (2015), Nascimento (2007), Corrêa (2004), Carlos (2001), entre outros.

**Palavras-Chave:** História. Imprensa. Representação. Campo Maior (PI).

## ABSTRACT

The present study analyzed the newspaper *A Luta*'s trajectory and its representations of the city of Campo Maior during the years from 1967 to 1979. In this sense, we discuss the context of the newspaper *A Luta*'s emergence and the groups responsible for its writing. Thus, we analyzed the representations built on the urban interventions carried out in Campo Maior that gained considerable attention in the periodical, such as, for example, the construction of the Municipal Market, the Bus Terminal, and the Heroes of Jenipapo Monument. In this way, we discuss the city of Campo Maior's urbanization based on journalistic articles that deal with daily practices, questioning to what extent the periodical gave emphasis to electric energy. As historical sources, we used journalistic materials, opinion columns and advertisements published in the newspaper *A Luta*, as well as photographs produced in the studied period. The study takes as a theoretical-methodological contribution the perspective of Cultural History and History of the Press from the dialogue with Chartier (1998), Pesavento (2004), Abreu (2008), Barbosa (2007), Ribeiro (2003), and Capelato (2015). To analyze the relationship between memory and identity, we turned to studies by Le Goff (2003), Seixas (2004) and Pollak (1992). To study city urbanization and urban space, we resort to studies by Rezende (2016), Fontineles (2015), Nascimento (2007), Corrêa (2004), Carlos (2001), among others.

**Keywords:** History. Press. Representation. Campo Maior (PI).

## **LISTA DE SIGLAS**

CLCC	CLUBE Lítero Cultural Campomaiorense
CEPISA	Companhia Energética do Piauí
UCES	União Campomaiorense dos Estudantes Secundários

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização de Campo Maior .....	20
Figura 2: Página de publicações literárias de A Luta. ....	29
Figura 3: Capa do jornal A Luta de 1972. ....	40
Figura 4: Matéria do jornal A Luta de 1971. ....	44
Figura 5: Manchete do jornal A Luta. ....	57
Figura 6: Avenida Demerval Lobão. ....	59
Figura 7: Terminal Rodoviário em fase de construção.....	61
Figura 8: Terminal Rodoviário década 1970. ....	61
Figura 9: Projeto do Monumento.....	75
Figura 10: Matéria do jornal A Luta.....	88
Figura 11: Propaganda Casa Marc Jacob .....	100
Figura 12: Propaganda Movelaria Santo Onofre. ....	101
Figura 13 Propaganda Lojas Machado S.A. ....	102

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 JORNAL A LUTA: IMPRENSA NA CIDADE DE CAMPO MAIOR.....</b>	<b>19</b>
2.1 A cidade e a imprensa: circulação do jornal A Luta em Campo Maior .....	19
2.2 “Juventude é comunicação”: A atuação dos estudantes no jornal A Luta .....	41
2.3 Escritos de uma cidade sensível: Campo Maior entre a história e memória. ....	47
<b>3 URBANIZAÇÃO DE CAMPO MAIOR NAS PÁGINAS DO JORNAL A LUTA (DÉCADAS DE 1960 E 1970) .....</b>	<b>54</b>
3.1 Construção de obras e representações da cidade .....	54
3.3 Monumento aos Heróis do Jenipapo: História, identidade e disputas pela memória .....	68
<b>4 URBANIZAÇÃO, COTIDIANO E SOCIABILIDADES .....</b>	<b>82</b>
4.1 A energia elétrica .....	82
4.2 Urbanização e segregação: vivências no espaço urbano .....	90
4.3 A cidade e consumo: Televisão no cotidiano .....	98
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>106</b>
<b>6 REFERÊNCIAS E FONTES .....</b>	<b>109</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A nossa trajetória de pesquisa iniciou durante a disciplina “Métodos e Técnicas de Pesquisa em História”, estudada no curso de graduação em História da Universidade Federal do Piauí, no primeiro semestre de 2017. Os textos lidos na disciplina nos direcionaram a entender a articulação entre a historiografia, teoria e metodologia da história, compondo nossa caminhada, enquanto pesquisadores e professores. O ensinamento mais importante durante os debates em sala de aula foi que nossas vivências podem ser articuladas com a pesquisa, “um passado recomposto”<sup>1</sup> na escrita da história.

Assim, foi nesse caminho que propomos, inicialmente, estudar a trajetória de jovens que faziam parte da Associação Universitária de Campo Maior (AUCAM) no recorte temporal de 1980 a 2000. As atividades recreativas e festivas que aconteciam na associação eram bastante relatadas. Nesse sentido, para fundamentar o projeto, foi necessário buscar as fontes para embasar o estudo, momento em que encontramos as edições do jornal *A Luta*.

Na pesquisa documental, deparamo-nos com muitas questões, principalmente as matérias relacionadas com a cidade de Campo Maior. Com base nisso, começamos a pesquisar, em 2018, no Programa Institucional de Iniciação Científica Voluntária (ICV/UFPPPI), com o projeto de pesquisa “Autoritarismo x Democracia: discursos oficiais (décadas de 1960 e 1970)”, sob a orientação da professora Cláudia Cristina da Silva Fontineles. Nesse período, fichamos as edições do *A Luta* e analisamos o seu projeto editorial, bem como dialogamos com a bibliografia sobre a imprensa brasileira. A partir dessas leituras, redefinimos nosso problema de pesquisa e apresentamos o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre as transformações urbanas na cidade de Campo Maior sob a ótica do jornal *A Luta*.

Ao propor o projeto de pesquisa para o mestrado, continuamos a pesquisa sobre as transformações urbanas de Campo Maior a partir dos discursos presentes no periódico. Contudo, ao longo das leituras, das apresentações de trabalho em eventos científicos e das orientações, foi necessário redefinir o nosso objeto de estudo, bem como a problemática de pesquisa.

Desse modo, nesta pesquisa, nosso objetivo consiste em analisar o jornal *A Luta* e as representações sobre a cidade de Campo Maior no referido periódico. O recorte temporal

---

<sup>1</sup> BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (org.). *Passados recompostos: campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1998.

compreende os anos de 1967 a 1979, que corresponde ao período de circulação do jornal. Todavia, ao longo da pesquisa, fizemos algumas delimitações em torno desse recorte.

Nesse sentido, o recorte temporal inicia em 1967, quando, em novembro daquele ano, começa a circular o *A Luta*, fundado pelo jornalista e político Raimundo Antunes Ribeiro. Durante o período de sua circulação, o jornal obteve a colaboração de jornalistas profissionais do Piauí e de outros estados, bem como a atuação de estudantes do ensino secundário e universitário, além de políticos, comerciantes e escritores locais.

O recorte temporal também se justifica pelos discursos do jornal em torno da urbanização da cidade. Durante as décadas de 1960 e 1970, a cidade ganhou prédios de grande porte, como o Mercado Público, o Terminal Rodoviário e o Monumento aos Heróis do Jenipapo. Diante disso, elegemos o ano de 1979 como o fim do recorte, pois corresponde ao período em que o jornal deixou de circular.

O recorte espacial consiste na cidade de Campo Maior, embora, ao longo da pesquisa, façamos menção a outras cidades. Nossa pesquisa, dessa maneira, centra-se nos discursos sobre a cidade de Campo Maior, propondo-se a entender as representações sobre as mudanças ocorridas no espaço urbano e os significados que eram atribuídos no periódico em estudo.

O estudo toma como aporte teórico-metodológico a perspectiva da história cultural que, segundo o historiador Roger Chartier, “[...] tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.<sup>2</sup> Dessa maneira, colocamos em questão como o *A Luta* oferecia leituras sobre Campo Maior e como a representação da urbanização da cidade foi construída. Portanto, o conceito de representação foi importante para a presente pesquisa, uma vez que “[...] não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele”.<sup>3</sup>

Seguindo essa perspectiva teórica-metodológica, entendemos que a representação da cidade foi construída a partir da percepção de determinados grupos. Nessa ótica, no primeiro momento da pesquisa, evidenciamos quais eram esses grupos e as suas atuações. Isso porque, como nos alerta Sandra Pesavento, “a representação envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão”.<sup>4</sup> Nesse sentido, os grupos representavam os seus interesses, ideias e projetos de cidade.

---

<sup>2</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Algés: Difel, 2002, p. 16-17.

<sup>3</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 40.

<sup>4</sup> PESAVENTO, 2004, p. 40.

As pesquisas de Pauliana Maria de Jesus<sup>5</sup>, Celson Chaves<sup>6</sup>, Natália Oliveira<sup>7</sup> e Raimundo Nonato Bitencourt Pereira<sup>8</sup> foram importantes para a presente pesquisa, visto que são estudos historiográficos que retratam o contexto de urbanização da cidade de Campo Maior na primeira e segunda metade do século XX.

Este trabalho procurou aprofundar as discussões sobre a relação entre o jornal *A Luta* e os discursos sobre a cidade de Campo Maior, especificamente no que concerne à urbanização, sendo necessário entender o projeto editorial e gráfico do periódico, bem como encontrar informações dos colaboradores, as temáticas discutidas, pois, como nos adverte Maria Helena Capelato, “questionar a imagem ‘imprensa, espelho fiel da realidade’, implica um trabalho de reconstituição do real em suas múltiplas facetas”.<sup>9</sup>

Com base nisso, recorreremos às leituras sobre a história da imprensa para compreender quais eram os discursos produzidos pelo jornal e quais grupos estavam envolvidos na sua produção. Os estudos de Maria Helena Capelato<sup>10</sup>, Alzira Abreu<sup>11</sup>, Ana Paula Goulart Ribeiro<sup>12</sup> e Marialva Barbosa<sup>13</sup> ofereceram um aporte teórico e metodológico para analisar o jornal *A Luta*.

Nas colunas sociais, nas matérias jornalísticas e nas propagandas do jornal em estudo, podemos observar as vivências no cotidiano e informações sobre a urbanização, principalmente relacionada à construção de obras e à oferta dos serviços de energia elétrica e água. A historiadora Maria Helena Capelato, ao analisar o uso dos jornais como fonte de pesquisa, ressalta que “ler a história por meio dos jornais é fascinante porque, em cada página, nos

---

<sup>5</sup> JESUS, Pauliana Maria de. *Reflexões sobre a modernização de Campo Maior entre 1930 e 1970*. 2018. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

<sup>6</sup> CHAVES, Celson. *Rua Santo Antônio*. Campo Maior: EDUFPI, 2014.

<sup>7</sup> OLIVEIRA, Natália; AFONSO, Alcília. *Da matriz vejo a cidade: a igreja de Santo Antônio em Campo Maior*. Teresina: Halley, 2015.

<sup>8</sup> PEREIRA, Raimundo Nonato B. *Modernização urbana de Campo Maior (1930-1937)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Campina Grande, Paraíba, 2015.

<sup>9</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988, p. 22-23.

<sup>10</sup> CAPELATO, Maria Helena. A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Lígia Coelho (org.). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. 1. ed. São Paulo: Humanitas/CAPEL, 2015, p.114-136. p. 121; CAPELATO, Maria Helena Rolim. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

<sup>11</sup> ABREU, Alzira de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 1950*. Rio de Janeiro: FGV, 2008, p. 13-60.

<sup>12</sup> RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 147-160, 2003.

<sup>13</sup> BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

deparamos com aspectos significativos da vida de nossos antepassados, seus usos e costumes”.<sup>14</sup>

Assim, buscamos, neste estudo, responder algumas questões, a saber: quais as condições históricas que possibilitaram a existência do jornal *A Luta*? Quem eram seus colaboradores e a que grupos o jornal pertencia? Quais os significados atribuídos a urbanização de Campo Maior nas páginas do periódico?

Foi importante mostrar quais grupos que faziam parte do jornal *A Luta* e que ideias defendiam. Podemos observar a atuação de grupos de estudantes do ensino secundário e universitário na escrita de colunas de opinião. Além deles, existiam pessoas que escreviam textos memorialísticos, retratando tanto a cidade do passado como a do presente. Também identificamos a atuação de colaboradores que ocupavam uma posição de destaque na sociedade, como, por exemplo, políticos e comerciantes. É como se a cidade fosse fabricada de acordo com as expectativas daqueles que possuíam os “aparelhos escriturísticos”.<sup>15</sup>

Durante o período em análise, o jornal promoveu alguns debates que tiveram repercussão na sociedade campomaiorenses. Em 1971, os escritores Octacílio Eulálio e Irmão Turuka publicaram no jornal uma campanha com o objetivo de levantar fundos para a construção do Monumento aos Heróis do Jenipapo. Jean François Sirinelli, ao estudar as elites culturais, ressalta que estão “[...] ligadas à sociedade que as rodeia e são precisamente esses laços, especialmente políticos, que lhes conferem uma identidade”.<sup>16</sup> Nesse sentido, ao estudar a atuação dos escritores no jornal, buscamos, também, entender as relações de poder na imprensa e a sociedade que conferia sua existência.

Ao estudar os textos memorialísticos de Octacílio Eulálio e Irmão Turuka, analisamos a dimensão da memória desses textos, uma vez que abordavam temas sobre a história, memória e identidade da cidade. Nesse sentido, recorreremos aos estudos de Jacques Le Goff<sup>17</sup>, Jacy Seixas<sup>18</sup> e Michel Pollak<sup>19</sup>.

---

<sup>14</sup> CAPELATO, 2015, p. 115.

<sup>15</sup> CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 201.

<sup>16</sup> SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org.) *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa; 1998, p. 259-279. p. 264.

<sup>17</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 2003.

<sup>18</sup> SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p. 37-58.

<sup>19</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

Os textos de Octacílio e Turuka também nos permitiram entender as sensibilidades do viver urbano, na medida que os escritores ressaltaram, nos seus textos, as memórias de uma cidade da infância e juventude que estava sendo modificada em decorrência das construções arquitetônicas. O conceito de cidade foi fundamental para intermediar a análise, na medida em que a cidade é entendida a partir das representações. Segundo Maria Stella Bresciani:

A cidade, estrutura física que suporta referências e fornece elementos para os símbolos e memórias coletivas, convive em nosso imaginário com a cidade labiríntica e moldável das vidas pessoais onde recordações compõem memórias sem lugar que fundam a cidade simbólica, diversa e semelhante na forma como se vê nomeada.<sup>20</sup>

Nas páginas do *A Luta* podemos encontrar inúmeras narrativas sobre a cidade, mostrando as expectativas de uma cidade desejada, através das matérias jornalísticas e das colunas de opinião. As primeiras páginas do jornal, tanto estampavam manchetes sobre as construções, reformas e embelezamentos do espaço urbano, quanto faziam denúncias relacionadas ao mal funcionamento dos serviços de água e energia elétrica e como isso repercutia no dia a dia da população.

Das lamparinas às lâmpadas, das conversas nas praças aos programas televisivos, Campo Maior começava a experimentar um novo ritmo. Segundo Antônio Paulo Rezende, ao estudar a cidade de Recife na primeira metade do século XX, afirma que “a modernidade, com as suas invenções, causa realmente espanto e deslumbramento, medos e desejos, e a cidade é o espaço onde ganha maior dimensão”.<sup>21</sup>

Para estudar a urbanização das cidades, foram basilares os estudos de Antônio Paulo Rezende<sup>22</sup>, que estuda a cidade de Recife na primeira metade do século XX. Também dialogamos com os estudos de Cláudia Cristina da Silva Fontineles<sup>23</sup> e Francisco Alcides do

---

<sup>20</sup> BRESCIANI, Maria Stella. Cidade, cidadania e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, p. 13-20. p. 13.

<sup>21</sup> REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 2016, p. 39.

<sup>22</sup> REZENDE, 2016.

<sup>23</sup> FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e história do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2015.; \_\_\_\_\_. Patrimônios arquitetônicos em Teresina: combates pela memória (década de 1970). *História & Perspectivas*, Uberlândia, v. 29, n. 54, p. 167-188, jan./jun. 2016.

Nascimento<sup>24</sup>, que discutem as propostas de urbanização da cidade de Teresina, capital do estado do Piauí. Essas propostas também repercutiram em outras cidades do estado, como, por exemplo, Campo Maior. A respeito do conceito de espaço urbano, dialogamos com os estudos de Ana Fani Alessandri Carlos<sup>25</sup> e Roberto Corrêa<sup>26</sup>.

A fim de responder aos questionamentos norteadores deste trabalho, utilizamos o jornal *A Luta* e fotografias. O uso das fotografias foi essencial para entender como se desejava criar uma representação de uma cidade que crescia em consonância com as propostas de urbanização difundida no período estudado. Para isso, recorremos aos estudos historiográficos de Charles Monteiro<sup>27</sup> e Ana Maria Mauad<sup>28</sup>.

Assim, no primeiro capítulo, discutimos o contexto de surgimento do jornal *A Luta* e os grupos responsáveis por sua redação. Achemos importante identificar os grupos que compunham a redação do jornal, formado, na sua maioria, por estudantes do ensino secundário e universitário, políticos, comerciantes e escritores. O jornal passou por melhoramentos no projeto gráfico e editorial com a colaboração de jornalistas profissionais. Os textos dos escritores Irmão Turuka e Octacílio Eulálio possibilitaram mostrar as sensibilidades em relação às transformações urbanas da cidade.

Em seguida, no segundo capítulo, traçamos o contexto histórico da urbanização da cidade de Campo Maior. Analisamos como as administrações locais e governo do estado dotaram a cidade de construções de grande porte, como foi o caso do Mercado Público Municipal, do Terminal Rodoviário e do Monumento aos Heróis do Jenipapo. As primeiras páginas do jornal anunciavam as inaugurações com bastante euforia, acompanhando o andamento das obras. Ademais, as fotografias encontradas sobre esse período nos possibilitaram entender como buscavam representar, através da fotografia, os melhoramentos urbanos promovidos no período estudado. A construção do Monumento aos Heróis do Jenipapo

---

<sup>24</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 195-214, 2007.

<sup>25</sup> CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: FFLCH, 2007.

<sup>26</sup> CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo: Editora Ática, 2004.

<sup>27</sup> MONTEIRO, Charles. Construindo a história da cidade através de imagens. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (org.) *Narrativas, imagens e práticas em história cultural*. Porto Alegre: Asterico, 2008, p. 148-171.

<sup>28</sup> MAUAD, Ana Maria. *Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*. Niterói: Editora da UFF, 2008.

também foi apresentada com bastante entusiasmo; criticava-se, contudo, o esquecimento das pessoas que haviam criado um movimento em prol da construção do monumento.

Por fim, no terceiro capítulo, buscamos compreender em que medida as transformações urbanas afetaram o cotidiano dos cidadãos. A questão da energia elétrica foi um dos debates travados nas páginas do jornal, com o intuito de regularizar a ampliação desse serviço, principalmente o aumento do seu funcionamento, no período diurno e noturno. Isso possibilitava o consumo de produtos eletrônicos, bastante anunciados pelas propagandas do jornal. Um dos produtos analisados no capítulo foi a televisão, pois a sua chegada aos lares campomaiorenses causou discussões sobre a energia elétrica e o sinal das repetidoras. Dessa forma, as colunas de opinião destinadas a reclamações possibilitaram entender como a urbanização influenciava as maneiras do cidadão se comportar no espaço urbano.

## 2 JORNAL A LUTA: IMPRENSA NA CIDADE DE CAMPO MAIOR

Em 19 de novembro de 1967, começou a circular, na cidade de Campo Maior, localizada no estado do Piauí, o jornal intitulado *A Luta*. O referido jornal foi fundado pelo político e jornalista Raimundo Antunes Ribeiro e circulou na cidade até o ano de 1979. Durante os primeiros anos de circulação, o jornal se declarava como “independente, crítico e noticioso”, o que, posteriormente, durante a década de 1970, foi alterado para “literário, crítico, noticioso e publicitário”. Ao longo da sua trajetória, o jornal se envolveu em inúmeros debates, contando com a participação de políticos, empresários, estudantes, jornalistas e escritores.

Neste capítulo, analisamos como o referido periódico se inseriu e se relacionou com os interesses vigentes na sociedade campomaiorenses entre as décadas de 1960 e 1970, desde o ano da publicação do seu primeiro número. Para tanto, é analisado o período da direção de Raimundo Antunes Ribeiro<sup>29</sup> e do Clube Lútero-Cultural Campomaiorenses (CLCC), no jornal *A Luta*. Também buscamos compreender as mudanças no projeto gráfico e editorial do periódico e como isso influenciou na forma como as notícias eram escritas. Nesse sentido, o *A Luta* nos possibilita entender as maneiras como determinados grupos construam as leituras sobre a sociedade campomaiorenses e como isso está articulado às relações “imprensa e poder”.<sup>30</sup>

### 2.1 A cidade e a imprensa: circulação do jornal A Luta em Campo Maior

O município de Campo Maior (figura 1) está localizado no estado do Piauí, a 84 km da capital Teresina. Limita-se com os municípios de Cabeceiras do Piauí, Nossa Senhora de Nazaré, Cocal de Telha, Alto Longá, Coivaras, Novo Santo Antônio, Jatobá do Piauí, Sigefredo Pacheco, José de Freitas e Altos.

---

<sup>29</sup> Raimundo Antunes Ribeiro nasceu em Manaus, no dia 29 de março de 1907. Foi vereador nas cidades de Floriano e Campo Maior. Ocupou o cargo de Assessor de Comunicação da prefeitura de Campo Maior e de Secretário da Empresa de Turismo do Piauí- PIEMTUR. Na cidade de Floriano, foi um dos fundadores do jornal *O Labor* e fundador do jornal *O Operário*, tendo, também, colaborado com os jornais *O Popular* e *Correio do Sul*. Na cidade de Campo Maior, fundou o jornal *A Luta* e colaborou com *A voz do Jenipapo* e *Heróis do Jenipapo*. Cf.: LIMA, Reginaldo Gonçalves de. *Geração Campo Maior: anotações para uma enciclopédia*. Teresina: Gráfica e Editora Júnior Ltda, 1995, p. 267.

<sup>30</sup> BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 151.

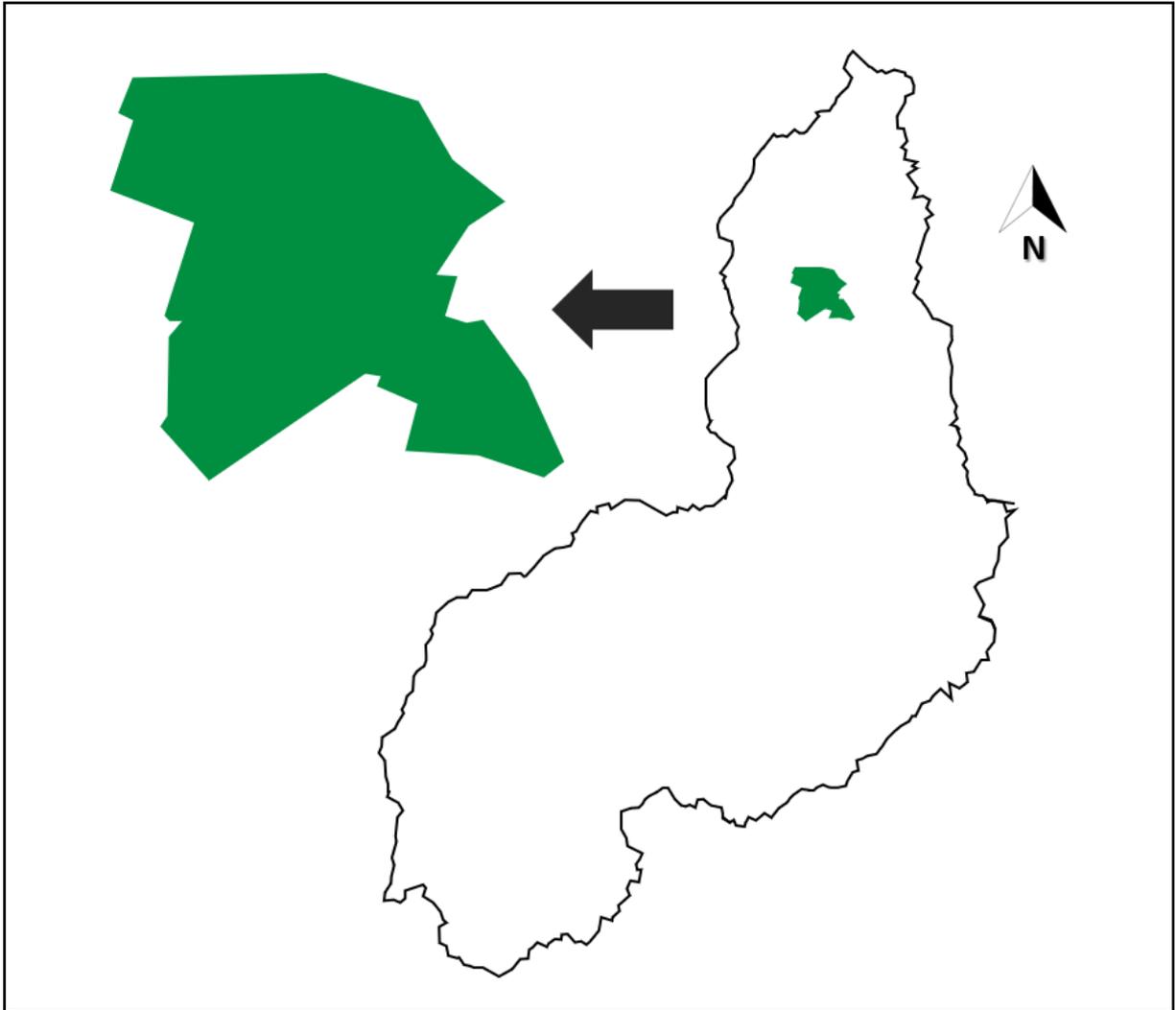


Figura 1: Localização de Campo Maior

Fonte: Produzido pelo autor através do recurso digital PowerPoint

O município é conhecido por “Terra dos Carnaubais” em razão da sua história ser marcada pela importância da extração da cera de carnaúba durante a primeira metade do século XX, atraindo casas comerciais como, por exemplo, a Casa Inglesa e Marc Jacob.<sup>31</sup> Além disso, o aspecto da culinária é notório na cidade, que possui heranças com o seu passado, ao ser conhecida por “Terra da carne de sol”. Isso se deu em razão das atividades desenvolvidas nas

---

<sup>31</sup> JESUS, Pauliana Maria de. *Reflexões sobre a modernização de Campo Maior entre 1930 e 1970*. 2018. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018, p.53; CHAVES, Celson. *Rua Santo Antônio*. Campo Maior: EDUFPI, 2014; PEREIRA, Raimundo Nonato B. *Modernização urbana de Campo Maior (1930-1937)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Campina Grande, Paraíba, 2015.

fazendas de gado, nas quais era feita a secagem de carne bovina, utilizando o sal e o calor do sol. O couro era utilizado para a confecção da roupa dos vaqueiros.

A figura do vaqueiro também constitui a história e a memória do município de Campo Maior. Isso ganha ressonância durante os festejos de Santo Antônio<sup>32</sup>, festividade que se inicia no final de maio e segue durante a primeira semana de junho. Durante a festividade, os vaqueiros são homenageados. Assim, a religiosidade é marcante no município, uma vez que os festejos de Santo Antônio se tornam um dos eventos de grande importância, atraindo pessoas de municípios vizinhos e outros estados.

Durante a década 1970, a cidade passou por intervenções urbanas empreendidas pela prefeitura e governo do estado. Nesse período, foram construídos prédios de grande porte, como, por exemplo, o Mercado Público, o Terminal Rodoviário e o Monumento aos Heróis do Jenipapo.

É nesse contexto que nossa pesquisa tem por objetivo analisar os discursos do jornal *A Luta*. Para tanto, buscamos entender como o periódico construiu as representações da urbanização da cidade, dando destaque a temas como construção de obras arquitetônicas, a oferta de energia elétrica e abastecimento de água. Diante disso, é importante analisar como o periódico era produzido, isto é, qual era seu projeto gráfico, editorial, quem era seus diretores, redatores e colaboradores.

O médico e político João de Deus Torres<sup>33</sup>, ao falar sobre o jornal *A Luta*, destaca que este era almejado, há muito tempo, na cidade de Campo Maior. No texto<sup>34</sup>, publicado na edição do dia 3 de dezembro de 1967, o autor ressalta a trajetória de Raimundo Antunes Ribeiro, para mostrar que o jornal estava entre as obras feitas por ele:

Embora com atraso venho saudar o incansável Raimundo Antunes Ribeiro (TOTÓ), por mais esta extraordinária vitória. Após ouvi-lo com atenção, falar de sua luta em favor de 'A LUTA', o aparecimento do primeiro número deste jornal, foi-nos mostrado pelo Ribeiro, com as alegrias da criança que recebe o brinquedo há muito desejado. Jornalista brilhante e sempre atuante na

---

<sup>32</sup> Cf.: OLIVEIRA, Natália; AFONSO, Alcília. *Da matriz vejo a cidade: a igreja de Santo Antônio em Campo Maior*. Teresina: Halley, 2015.

<sup>33</sup> João de Deus Torres nasceu no município de Porto, estado do Piauí, no dia 14 de janeiro de 1925. Formou-se em Medicina, na Universidade do Brasil- Rio de Janeiro. Na cidade de Campo Maior, atuou como médico, ocupando o cargo de Superintendente das endemias rurais do Piauí, diretor da Maternidade Sigefredo Pacheco e médico do Inamps (INSS). Foi prefeito no município de Campo Maior durante o período de 31 de janeiro de 1963 a 31 de janeiro de 1967. Cf.: LIMA, 1995, p. 151.

<sup>34</sup> Preservamos, na presente pesquisa, a ortografia original dos textos do jornal *A Luta*.

imprensa piauiense acalentou sempre este sonho: o de fundar em Campo Maior um jornal, que viesse preencher êste vazio e contribuir de maneira decisiva para os nossos foros de cidade civilizada. Não nos surpreendeu a grande conquista do TOTÓ. Surpreende-nos, sim, que outros, com outros recursos e tão proclamado amor à terra, não a tenham feito. Já nos habituamos a ver no Ribeiro, aquêle homem desprezado, honrado, bom, que sempre dá muito mais do que recebe. Aquêle homem que sempre despreza os interesses imediatos em favor de um ideal. Conseguindo êste ideal, parte para outras lutas, para novas jornadas. Foi assim com o Instituto ‘Leopoldo Pacheco’, com os ginásios ‘S. Antônio’ e ‘Municipal’, Maternidade ‘Sigefredo Pacheco’, ‘Rádio Clube’ e tantos outros empreendimentos.<sup>35</sup>

Segundo o autor, o primeiro número causou alegria, principalmente devido à novidade da conquista de se ter em circulação um jornal editado na cidade. João de Deus Torres relaciona o surgimento do jornal com um idealismo de Raimundo Antunes Ribeiro, destacando outras obras realizadas por ele. Contudo, longe de ser apenas fruto de um idealismo, é necessário questionar as representações estabelecidas nas páginas do jornal *A Luta*. Segundo Roger Chartier, as representações “[...] do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”.<sup>36</sup>

Como orienta a historiadora Maria Helena Capelato, utilizar jornais como fonte e como objeto de pesquisa “[...] pressupõe uma avaliação crítica desse documento, o que implica sua desconstrução”.<sup>37</sup> Ainda segundo a autora, “nesse processo, devem-se considerar as circunstâncias históricas em que a análise foi produzida, os interesses em jogo e os artifícios utilizados pelos seus produtores”.<sup>38</sup> Seguindo essa perspectiva, interessa-nos compreender as maneiras como o jornal *A Luta* era referenciado nas suas primeiras edições, tendo em vista que, no recorte temporal analisado, ele era o único jornal editado na cidade até o ano de 1977, e que, por isso, necessitava de um público leitor, o que lhe possibilitaria a obtenção de recursos financeiros para o funcionamento.

O jornal *A Luta* informava aos leitores sobre os acontecimentos do cotidiano, bem como possibilitava a interação com o público leitor através das diversas colunas, as quais tratavam de temas variados. A historiadora Alzira Abreu, ao analisar a imprensa do Rio de Janeiro, trata do duplo papel exercido pela imprensa: “[...] ela revela de forma quase imperceptível as mudanças

<sup>35</sup> TORRES, João de Deus. Meus aplausos. *A Luta*, Campo Maior, p. 1-8, 3 dez. 1967.

<sup>36</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Alégis: Difel, p. 17.

<sup>37</sup> CAPELATO, Maria Helena. A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Ligia Coelho (Org.). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. 1. ed. São Paulo: Humanitas/CAPEL, 2015, p. 115.

<sup>38</sup> CAPELATO, 2015, p. 115.

que estão ocorrendo na sociedade, mas, por outro lado, a obriga a acompanhar as transformações. Ela se atualiza para acompanhar as mudanças e ao mesmo tempo introduz novas formas de pensar; ela é parte integrante de todo o processo”.<sup>39</sup>

Diante do exposto, entendemos o *A Luta* como um noticioso que visava informar sobre os acontecimentos da vida social da cidade de Campo Maior, mas ele próprio tornou-se, também, um dos componentes das mudanças dessa sociedade. Quando João de Deus Torres destaca que o jornal trouxe o aspecto de “cidade civilizada”, evidencia a importância dos meios de comunicação para promover essa transformação.

O jornal era publicado uma vez por semana e circulava aos sábados ou aos domingos, contendo de 6 a 8 páginas. Seu primeiro diretor foi Raimundo Antunes Ribeiro (1967-1969). Na década de 1970, assumiram, em períodos diferentes<sup>40</sup>, os cargos de diretores do periódico: José Miranda Filho (1970-1979), Dilson Lins da Trindade (1970), Ernâni Napoleão Lima (1971-1972), José Rodrigues de Miranda<sup>41</sup> (1975-1979) e Zeferino Alves Neto (1976-1977). No ano de 1970, o jornal passa a fazer parte do Clube Littero-Cultural Campomaiorense (CLCC).

A primeira página apresentava as principais notícias de Campo Maior, bem como de outros municípios do Estado. Existiam páginas dedicadas a assuntos esportivos, política, coluna social e literatura. Além disso, o jornal era mantido com anúncios publicitários, vendas avulsas e assinaturas. Na edição do dia 3 de dezembro de 1967, foi publicada uma tabela, a qual determinava o preço dos anúncios de acordo com as páginas, sendo a primeira página equivalente ao preço mais caro.<sup>42</sup>

Raimundo Antunes Ribeiro enfrentou dificuldades financeiras nos primeiros anos de funcionamento do jornal *A Luta*, o que, muitas vezes, colocava em risco a sua circulação. Nesse período, foram constantes as publicações de textos explicando a importância da imprensa na cidade de Campo Maior, conforme o exemplo a seguir:

---

<sup>39</sup> ABREU, Alzira de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ABREU, Alzira de. (Org.). *Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 1950*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2008, p. 17.

<sup>40</sup> É importante ressaltar que as informações sobre os diretores do jornal *A Luta* foram coletadas a partir das edições disponíveis para a consulta. Assim, por falta das edições completas de 1973 e 1974, ficou impossibilitada a localização das informações sobre esse período.

<sup>41</sup> José Rodrigues de Miranda nasceu na cidade de Campo Maior, no dia 9 de março de 1915. Foi graduado em Odontologia pela Faculdade de Odontologia e Farmácia do Ceará. Possuiu um consultório na cidade de Campo Maior, atuando, também, nas cidades de Altos, Alto Longá e Piri-piri. Durante a década de 1970, foi diretor e editor do jornal *A Luta*. Cf.: LIMA, 1995, p. 231

<sup>42</sup> ANÚNCIOS. *A Luta*, Campo Maior, p. 2, 3 dez. 1967.

Temos observado, porém, que muitos se têm omitido, fugindo à obrigação do apoio e da colaboração. E explicamos: temos observado, aos domingos, que um só exemplar de ‘A Luta’ passa pela mão de cinco ou seis leitores, quando cada leitor poderia adquirir o seu exemplar. Bastaria que cada leitor comprasse o seu jornal e isto já seria uma inegável colaboração. Ainda mais quando o preço do exemplar ninguém nega ser ao alcance de qualquer um. Aqui fica êste apêlo aos leitores de ‘A LUTA’; que cada um compre o seu exemplar, na certeza de que estará contribuindo para a manutenção dêste jornal. E observe-se que um jornal significa veículo de desenvolvimento – representa sinal de progresso para um povo. A leitura, por outro lado, além de instruir, informa, sobretudo em se tratando de jornal. Povo informado é povo que se educa. Povo educado é próprio das comunidades que aspiram o seu bem estar. E o povo campomaioense, temos certeza só objetiva prosperidade.<sup>43</sup>

A compra de apenas um exemplar, que era compartilhado por vários leitores, foi criticado pelo colaborador, porque, segundo a sua opinião, isso prejudicava a sobrevivência do jornal. O desenvolvimento da sociedade estava relacionado à presença de um jornal escrito na cidade, sendo assim destacada a qualidade das informações apresentadas no periódico. O jornal é um dispositivo que, no entender do filósofo Giorgio Agamben, pode ser entendido como “[...] qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos”.<sup>44</sup>

O colaborador Agenor Abreu escreveu o texto intitulado *Jornal* no qual recorre a uma cronologia para mostrar os primeiros jornais impressos e sua importância em cada sociedade. Essa introdução feita pelo autor se articulava com o argumento apresentado em seguida, demonstrando as contribuições que seriam propiciadas pelo *A Luta*:

Acima falei da Imprensa nos seus primeiros dias, desta atividade que hoje, é veículo de progresso, pois informa e instrui, note-se em caráter particular o nosso caso, que é ‘A LUTA’, onde se têm revelado valores novos e promissores, em matérias diversas, e, podemos dizer, boas. De parabéns, pois, o povo de Campo Maior, que já possui o seu porta-voz, graças ao dinamismo de Totó Ribeiro, que não mede esforços para o bom andamento do jornalismo em nosso meio e oferece à mocidade, oportunidade para ver as suas idéias em letras de fôrma, nêste jornalzinho que já é uma necessidade nossa, na redação do qual já fazemos os nossos ‘bate-papos’ literários, graças ao estímulo e franquia dêste cidadão idealista, que merece a nossa cooperação, ainda fraca, mas sincera, quase sem valor artístico, mas de total boa vontade.<sup>45</sup>

O jornal *A Luta* é representado como o porta-voz da sociedade campomaioense,

---

<sup>43</sup> A NOSSA Imprensa. *A Luta*, Campo Maior, p. 1, 21 jul. 1968.

<sup>44</sup> AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009, p. 40.

<sup>45</sup> ABREU, Agenor. *Jornal. A Luta*, Campo Maior, p. 3-8, 28 jul. 1968.

apresentando-se como comprometido com os interesses dos seus leitores. Além de informar, tornava-se, também, um espaço de sociabilidades, sendo a redação o local de bate-papos literários. Todavia, a contribuição não acontecia apenas na escrita de textos. Ao longo da pesquisa, percebemos que o jornal buscava defender os interesses daqueles que, de alguma maneira, ajudavam a manter a produção do mesmo. Portanto, os nomes desses colaboradores apareciam de maneira destacada nas páginas do periódico, evidenciando sua posição social e, principalmente, suas principais ações.

O empresário e político Manoel Pereira da Silva, conhecido como “Manuca”, foi um colaborador do jornal *A Luta*. Na década de 1970, ocupava a presidência da Associação Comercial de Campo Maior e era representante das organizações empresariais campomaiorenses.<sup>46</sup> Manuca era proprietário da Movelaria Santo Onofre, um dos anunciantes do periódico. Na edição do dia 29 de junho de 1975, foi publicado um texto agradecendo a colaboração de Manuca, evidenciando que foi a partir de sua ajuda que permitiu “mudar a roupagem d’ ‘A LUTA’”.<sup>47</sup>

Isso explica a maneira como era divulgada a imagem de Manuca, enquanto um empresário que estava interessado com os interesses do município. O jornal foi uma ferramenta de propaganda para ele, durante sua candidatura a vereador, no ano de 1976. Na edição do dia 12 de novembro de 1976, foi divulgada a biografia do político, intitulada “Manuca e suas atividades”, em que, ao final, é divulgado “Escolha certo na hora de votar. ‘Manuca ou N. 2113’ ele fala por todos”.<sup>48</sup> Manuca conseguiu obter êxito sendo o mais votado dentre os candidatos a vereador, em que foi eleito com 1.160 votos.<sup>49</sup>

Durante as décadas de 1960 e 1970, percebemos que o periódico buscava melhorar seu projeto gráfico e editorial, bem como utilizar uma linguagem distanciada da opinião, em que a presença de jornalistas profissionais se tornava importante. Para isso, houve a contribuição de Alberoni Lemos Filho, que foi redator chefe do jornal durante o ano de 1969, enquanto Raimundo Antunes Ribeiro ocupava o cargo de diretor responsável.

Alberoni Lemos Filho atuou como redator-chefe do jornal *A Luta* durante alguns meses de 1969, conforme a análise das primeiras páginas do jornal, que traziam seu nome. Sua saída da equipe foi justificada em carta enviada a Raimundo Antunes Ribeiro e publicada no jornal,

---

<sup>46</sup> MANUCA com o presidente do BB. *A Luta*, Campo Maior p. 1, 16 mar. 1975.

<sup>47</sup> GRATIDÃO. *A Luta*, Campo Maior, p. 1, 29 jun. 1975.

<sup>48</sup> MANUCA e suas atividades. *A Luta*, Campo Maior, p. 3, 12 nov. 1976.

<sup>49</sup> TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO PIAUÍ. *Eleições 1976 - Resultado por município para Prefeito, Vice-Prefeito e Vereador*. Disponível em: <https://www.tre-pi.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1945-a-1992> Acesso em: 5 de junho de 2021

ocasião em que o jornalista destaca sua falta de tempo decorrente do serviço público, assim como de sua atuação como correspondente dos jornais *O Estado de São Paulo* e *Jornal do Brasil*.<sup>50</sup>

Na edição do dia 9 de março de 1969, o colaborador Osvaldo Lobão mostra sua satisfação com o novo projeto gráfico do jornal e seu contentamento com a colaboração de Alberoni Lemos Filho:

Tal observação vem bem a propósito de mais uma vitória conquistada por êste órgão. Uma vitória definida por múltiplos fatores. Sim, porque além de conseguir sobreviver às inúmeras dificuldades, vencendo barreiras de diferentes aspectos, vemos, agora, A LUTA com uma nova apresentação, em tamanho maior, paginação mais caprichada, revisão cuidadosa, matéria selecionada, e mais variada, além da impressão sempre nítida e firme. Mas, a principal novidade que nos trouxe o jornal foi, sem dúvida, a presença de Alberoni Lemos Filho, seu redator-chefe. Aquisição melhor não poderia fazer Totó Ribeiro. Sim, porque Alberoni Filho é jornalista do mais elevado gabarito, incontestavelmente brilhante.<sup>51</sup>

Percebemos que a nova apresentação trouxe melhorias, tanto no aspecto físico do jornal quanto no seu conteúdo. Dessa maneira, criava-se a representação de um jornal que prezava pela qualidade, como, por exemplo, a presença de um jornalista profissional na redação. Podemos notar, também, a preocupação com a linguagem, que, a partir daquele momento, passaria por uma revisão. Essas mudanças na apresentação podem indicar as maneiras como o noticioso jornal buscava cativar um público leitor. Marialva Barbosa, analisando a imprensa do Rio de Janeiro, na segunda metade do século XX, afirma que:

O que os jornais pretendem é não apenas atuar no campo político, lugar onde se geram problemas, programas, análises, comentários, conceitos e acontecimentos, entre os quais os ‘consumidores’ devem escolher, mas, sobretudo, conseguir mobilização cada vez maior do público. Quanto maior a sua audiência, maior o seu poder de divulgação e a lógica da conquista do próprio poder.<sup>52</sup>

Em 1973, após um convênio firmado com a Organização Carlos Dias, do jornalista João Carlos Dias, o jornal passou a possuir uma sucursal na cidade de Teresina, capital do estado do

---

<sup>50</sup> A LUTA tem nôvo cabecalho. *A Luta*, Campo Maior, p. 2, 2 mar. 1969.

<sup>51</sup> LOBÃO, Osvaldo. A Luta-mais uma vitória. *A Luta*, Campo Maior, p. 3, 9 mar. 1969.

<sup>52</sup> BARBOSA, 2007, p. 153.

Piauí. Na matéria publicada no dia 10 de junho de 1973, o convênio era representado como uma nova fase para o jornal.

Em Teresina, o leitor pode desde esta edição contar com o encontro com A LUTA e com ele, o encontro com as principais notícias imparciais da imprensa piauiense. A sucursal de A LUTA em Teresina irá, por outro lado, inteirar os leitores do nosso Jornal das mais atualizadas notícias gerais feitas por quem realmente entende de comunicação, com a mesma equipe que faz a melhor revista do nordeste – a REVISTA LEIA. Essa é uma das fases de progresso de A LUTA e nova luta que marca mais um passo na imprensa piauiense.<sup>53</sup>

No trecho citado, observamos que o convênio possibilitou que o jornal tivesse notícias sobre Teresina, as quais foram escritas pela equipe da Revista Leia<sup>54</sup>. Esse convênio é entendido como uma “fase de progresso” para o jornal, uma vez que assim se inseriu na imprensa piauiense, posto que o significado desse convênio significava ganhar relevância em nível estadual, como citado na matéria jornalística. Isso certamente era entendido como maior espaço de prestígio para seus proprietários e colaboradores. Logo, nos permite afirmar que as mudanças gráficas e editoriais, empreendidas no período, além do objetivo de conquistar o público leitor na cidade de Campo Maior, também ambicionava outros públicos, como o que se estendia além dos limites geográficos e sociais de Campo Maior.

Durante a década de 1970, mudanças foram feitas após a saída do diretor Raimundo Antunes Ribeiro. O jornal, que se intitulava “independente, crítico e noticioso”, passou a ser denominado “literário, crítico, noticioso e publicitário”.

O Clube Lítero Cultural Campomaiorense (CLCC) foi criado no ano de 1969. A informação sobre esse clube foi encontrada no anúncio do aniversário de um ano de sua fundação, em que os sócios foram convocados para a votação da nova diretoria.<sup>55</sup> No jornal *A Luta*, o nome CLCC aparecia sempre na primeira página, a partir de 1970, apresentando o jornal pertencente ao CLCC e preservando o nome de Raimundo Antunes Ribeiro como fundador do jornal.

As informações sobre o CLCC são muito fragmentárias. Foram encontradas apenas algumas notas sobre reuniões e votações para a escolha da diretoria. Ao encontrar esses fragmentos, podemos entender sobre as mudanças ocorridas no jornal, após a saída de

---

<sup>53</sup> SUCURSAL de A Luta em Teresina. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 10 jun. 1973.

<sup>54</sup> Conforme Celso Pinheiro Filho, *Leia* era uma revista política e noticiosa, fundada e dirigida por João Carlos Dias. Cf.: PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. 3. ed. Teresina: Zodíaco Editora, 1997, p. 236.

<sup>55</sup> CLCC fará aniversário e elegerá nova diretoria. *A Luta*, Campo Maior, p. 5, 19 dez. 1970.

Raimundo Antunes Ribeiro da direção do periódico.

Uma das mudanças realizadas durante esse período foi uma página dedicada à literatura, na qual eram veiculadas novelas, poemas e textos memorialísticos. Isso não foi uma novidade, pois, desde os primeiros anos de circulação de *A Luta*, vários escritores da cidade publicaram seus textos, como foi o caso dos escritores Antônio Andrade Filho, Octacílio Andrade, dentre outros.

Todavia, foi a partir desse período que houve uma maior publicação de textos literários, como foi o caso das novelas *Remorso* e *Árvore negra do silêncio*<sup>56</sup>, ambas publicadas na década de 1970. A novela *Remorso*, escrita por José Miranda Filho, foi publicada na página exclusiva para textos de literatura, na qual, também, eram publicados poemas e poesias de outros escritores, como é possível observar na figura a seguir.

---

<sup>56</sup> ERRATA... *A Luta*, Campo Maior, p. 1, 13 ago.1978; ATENÇÃO. *A Luta*, Campo Maior, p. 1, 13 ago. 1978.



Figura 2: Página de publicações literárias de A Luta.  
Fonte: LITERATURA. A Luta. Campo Maior, 3 jul. 1977, s/p.

Durante a década de 1970, a energia elétrica e o abastecimento de água se tornaram uma das principais discussões nas páginas do jornal *A Luta*, tendo amplitude nas matérias jornalísticas, principalmente nas primeiras páginas. O jornal buscava mostrar os problemas enfrentados pela população, trazendo informações sobre as soluções que seriam realizadas em torno da falta de energia elétrica. Além das reportagens, as diversas colunas do jornal mostravam a opinião dos leitores sobre esses problemas. Durante o referido período, destacavam-se as colunas “O povo reclama” e “Problemas que clamam soluções” dedicadas, especialmente, para as denúncias feitas pela população sobre inúmeros problemas no município.

A historiografia sobre a imprensa no Brasil aponta as transformações ocorridas nas redações dos jornais a partir da década de 1950. O jornalismo caracterizado de opinião passa a ser substituído pelo jornalismo objetivo. Segundo a historiadora Alzira Abreu, ao analisar esse contexto, esclarece que:

Esse jornalismo de opinião tinha forte influência francesa e foi dominante desde os primórdios da imprensa brasileira até a década de 60. Foi gradualmente substituído pelo modelo norte-americano: um jornalismo que privilegia a informação e a notícia e que separa o comentário pessoal da transmissão objetiva e impessoal da informação.<sup>57</sup>

As reportagens do jornal *A Luta* buscavam apresentar ao leitor as informações sobre a cidade, selecionando o que os redatores consideravam mais relevantes em termos de informação. Essa seleção de notícias e o modo como eram escritas e publicadas não estão desvinculadas do jornalismo praticado em outras cidades brasileiras. A pesquisadora Ana Paula Goulart Ribeiro, ao estudar a modernização da imprensa carioca nos anos 1950, ressalta que:

As técnicas americanas impuseram ao jornalismo noticioso um conjunto de restrições formais que diziam respeito tanto à linguagem quanto à estruturação do texto. Inspirado no noticiário telegráfico, o estilo jornalístico passou a ser mais seco e forte. A restrição do código lingüístico – com uso de reduzido número de palavras, expressões e regras gramaticais – aumentava a comunicabilidade e facilitava a produção de mensagens.<sup>58</sup>

Assim, é essencial entender, na presente pesquisa, como as mudanças ocorridas no jornalismo brasileiro se tornam importantes, no sentido de problematizar as reportagens e colunas do jornal *A Luta*. O periódico era caracterizado, inicialmente, em 1967, como “independente, crítico e noticioso”; na década de 1970, torna-se “literário, crítico, noticioso e publicitário”.

Durante esse período, as notícias sobre a infraestrutura urbana do município de Campo Maior, em especial, relativas à energia elétrica e ao abastecimento de água, passam a ocupar as primeiras páginas do jornal. Logo, a primeira página seria como “[...] uma espécie de ‘cardápio atraente’ de tudo o que estava no interior do jornal”.<sup>59</sup>

---

<sup>57</sup> ABREU, 2008, p. 15.

<sup>58</sup> RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 147-160, 2003, p.148.

<sup>59</sup> RIBEIRO, 2003, p. 151.

Nesse sentido, a organização das reportagens e colunas do jornal *A Luta* acompanhavam as mudanças ocorridas na imprensa brasileira. Contudo, é importante frisar que ele possui suas especificidades, ou seja, suas maneiras de interpretar essas mudanças. Dessa maneira, é possível encontrar no periódico os dois modelos de jornalismo, tanto o opinativo, como o objetivo, muitas vezes, ambos juntos na mesma edição.

Durante a administração do prefeito Jaime da Paz<sup>60</sup>, podemos perceber que o periódico publicava, principalmente em suas primeiras páginas, as principais notícias sobre as ações do prefeito, especialmente sobre as construções e inaugurações de obras. Essa relação amigável do prefeito com os proprietários do jornal ficou perceptível no momento da sua despedida da prefeitura, em 1973, quando foi publicado um texto agradecendo sua contribuição:

A LUTA, por seus diretores, redatores e pessoal gráfico, vem agradecer ao Prefeito Jaime da Paz o apoio e a colaboração dele recebidos durante esses dois anos em que tão bem se houve à frente dos destinos de sua terra, que é também nossa, período em que jamais se mostrou indiferente a sorte do Semanário, até mesmo a ele se afeiçoando e querendo-o como foi acontecer com pessoas progressistas que entendem o Jornal como fator preponderante para o desenvolvimento das Comunidades. Ao cidadão Jaime da Paz, que nos deu ajuda tão valiosa quão indispensável, a par de nosso desejo de que lhe sejam conferidos títulos de grande bem feitor de sua terra e de um dos maiores Prefeitos da gleba piauiense, empenhamos a nossa palavra de que estaremos sempre do seu lado toda vez que necessário se torne, independente mesmo de qualquer convocação.<sup>61</sup>

A partir do fragmento acima, podemos entender que, durante o mandato de Jaime da Paz, o noticioso jornal recebeu uma ajuda que foi fundamental para a manutenção da sua circulação. Por isso, as notícias sobre o prefeito, inclusive as críticas sobre os problemas urbanos, eram apresentadas como bem recebidas pelo gestor municipal.<sup>62</sup> Notamos, portanto, que o jornal estava a serviço dos interesses da prefeitura durante a administração da gestão da época.

O apoio recebido por Jaime da Paz teve ressonâncias na campanha eleitoral do ano de 1976. Em matéria veiculada no dia 12 de novembro de 1976, o jornal mostrava que os comícios

---

<sup>60</sup> Jaime da Paz nasceu em Campo Maior, no dia 22 de abril de 1922. Concluiu o curso Técnico em Contabilidade, na Escola Técnica de Comércio do Rio de Janeiro. Em 1943, ingressou no Exército, fazendo parte da FEB (Força Expedicionária Brasileira). Especializou-se na Escola Técnica de Aviação de São Paulo. Foi prefeito de Campo Maior durante 1971 a 1973. Cf.: LIMA, 1995, p. 153.

<sup>61</sup> A LUTA dirige-se a Jaime. *A Luta*, Campo Maior, p. 1, 28 jan. 1973.

<sup>62</sup> JAIME aceita críticas construtivas. *A Luta*, Campo Maior, s/p, 27 fev. 1971.

do candidato a prefeito Jaime da Paz e seu vice Raimundo Nonato Andrade<sup>63</sup>, do partido Arena II, foi um sucesso nos bairros do município, com isso, chegando a afirmar a vitória dos políticos.<sup>64</sup> Contudo, o resultado das eleições foi diferente, como anunciado no periódico. José Olímpio da Paz<sup>65</sup> foi eleito prefeito e Joaquim Mamede<sup>66</sup> Lima eleito como vice-prefeito pelo partido Arena I.

Ao assumir a direção do *A Luta*, em novembro de 1976, o texto escrito por Zeferino Alves Neto ressaltou o apoio dado por José Rodrigues de Miranda para o político Jaime da Paz, durante a campanha eleitoral daquele ano:

A convite do Dr. Miranda, retorno hoje à direção deste jornal. O fato não mereceria um registro maior se não houvesse necessidade de um esclarecimento que considero oportuno dar. Assumo a direção do jornal num momento de dificuldades de toda natureza a ameaçarem a sobrevivência de nossa velha A LUTA. Aceitando o convite, me dispus a adaptar nosso jornal aos novos tempos, às novas circunstâncias, à realidade de um jornal que apoiou um candidato que perdeu as eleições... Dura a realidade, acrescenta-se. Sem dinheiro para pagar os gráficos, sem dinheiro para comprar papel, totalmente entregue a sua sorte. Não quero com estas palavras dizer que o Dr. Miranda não se conduziu com acerto à frente do jornal até há alguns dias. As posições que ele assumiu, as assumiu por livre escolha, com o aval de sua consciência e merece nosso respeito por isto. Mas hoje os tempos são outros e assumindo a direção da A LUTA, só vejo uma saída para o impasse em que o jornal se encontra: uma linha de total neutralidade e independência, que por sinal, são as coisas que mais recomendam uma publicação que se pretenda respeitar-se a si mesma. Acredito que a minha experiência na imprensa local me dará condições de chegar aonde quero, desde que conte com o mínimo de apoio dos leitores, dos anunciantes e, por que não, das autoridades que não haverão de se furtar a contribuir para a existência de um veículo de comunicação que tem contribuído de forma evidente à nossa comunidade, sem que nisso, nessa ajuda, se caracterize o compromisso do aplauso e da promoção imerecida de nossa parte.<sup>67</sup>

---

<sup>63</sup> Raimundo Nonato Andrade nasceu em Campo Maior, no dia 7 de setembro de 1922. Foi prefeito de Campo Maior durante 1967 a 1971. Cf.: LIMA, 1995, p. 152.

<sup>64</sup> ÚLTIMOS comícios da Arena II foram sucesso. *A Luta*, Campo Maior, s/p, 12 nov. 1976.

<sup>65</sup> José Olímpio da Paz nasceu no município de Campo Maior no dia 4 de setembro de 1912. Foi Deputado Estadual, diretor municipal do Mobral e presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Também foi prefeito de Campo Maior no período de 1959 a 1963. Faleceu no ano de 1977, período do seu segundo mandato a prefeito, e o cargo foi ocupado por seu vice, Joaquim Mamede Lima. Cf.: LIMA, 1995, p. 150.

<sup>66</sup> Joaquim Mamede Lima nasceu em Groaíras, município do estado do Ceará, no dia 2 de setembro de 1934. No município de Campo Maior, foi eleito vice-prefeito e assumiu a prefeitura no período 1977 a 1983. Cf.: LIMA, 1995, p. 154.

<sup>67</sup> ALVES NETO, Zeferino. Mudança na direção. *A Luta*, Campo Maior, p. 1, 28 nov. 1976.

A preocupação de Zeferino com os problemas financeiros do jornal põe em evidência o apoio que este recebeu da prefeitura nas gestões anteriores. Nesse sentido, a saída encontrada por Zeferino foi evidenciar as mudanças que seriam implementadas naquele momento, que seria a "neutralidade" e a "independência" no projeto editorial do periódico. Contudo, percebemos, nas fontes analisadas, que o apoio aos políticos que colaboraram com o jornal, bem como a opinião dos diretores e redatores não desapareceram de suas páginas.

Zeferino Alves fazia uso do humor para relatar os problemas de falta de água na cidade, como mostra a matéria veiculada no dia 27 de agosto de 1978:

Apesar das promessas de água, boa, perene e farta, até hoje o problema continua sem a solução prometida e a desafiar a paciência de quantos se ligam à ela, nesta terra de muito calor. Não faz muito, o SAAE, que é a empresa encarregada do Serviço, desde seu nascedouro, fazia abrir novo poço e, diante dos bons resultados conseguidos, dava as alvissaras a este mesmo povo, tão sedento de água. De fato, o 'precioso líquido', jorrou com abundância àquele tempo, deixando a todos esperançosos e eufóricos. Mas, como tudo que é bom dura pouco, foi-se aquilo que era bom... e ficou o ruim. Água, hoje, só aos bocados. A propósito do assunto e para que se tenha uma idéia melhor da precariedade que a falta de água acarreta à população, leia-se o que se segue: EU TOMO BANHO, PESSOAL. Tem gente que pensa que eu não tomo banho. Os caras do SAAE, por exemplo. Sim, porque raro tem sido o fim de semana que eu tenho aparecido por aqui que não falta água. Ou não se toma mais banho em fim de semana, nesta cidade? Será que os canos d'água, a própria água, tão reivindicando repouso semanal? Sei não, vai ver que a água também tá querendo fazer greve. A água, viu, eu falei, a água, não confundam.<sup>68</sup>

A crítica de Zeferino Alves evidencia que, inicialmente, o serviço de água foi recebido com euforia e esperança pela população e que, naquele momento, não apresentava mais a qualidade antes vivenciada. O autor trata do tema ao usar o humor para relatar as dificuldades enfrentadas para tomar banho, principalmente nos períodos mais quentes do ano. Notamos que existia uma certa tensão do autor em escrever uma crítica direta à empresa responsável pelo serviço de abastecimento de água. Ao questionar se os canos ou a água estavam de repouso semanal ou de greve, pode indicar uma crítica à empresa que oferecia o serviço, mesmo que, ironicamente, alerte que estava discorrendo apenas sobre a água. A referência à greve – e a advertência de que se referia à água como agente da greve – remete aos riscos de se considerar que estivesse tratando de greves no período. É importante lembrarmos que a matéria foi

---

<sup>68</sup> ALVES NETO, Zeferino. Falta d'água continua. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 27 ago. 1978.

publicada em agosto de 1978, ainda em plena vigência dos governos autoritários, que se implantaram no Brasil desde o golpe civil-militar, que instituiu a ditadura no Brasil desde 1964.

Entre os anos de 1978 e 1979, o *A Luta* vinculava diversas críticas à administração do prefeito Joaquim Mamede Lima. Percebemos a repercussão dessas críticas na coluna “Você não sabia, pois saiba agora”, do dia 22 de julho de 1979, em que o colunista expôs que existiam boatos da proposta de criação de um jornal da prefeitura. Questionava-se, na coluna, se seria apenas um periódico de propaganda da prefeitura, pois, se fosse o caso, “[...] morre no nascedouro”.<sup>69</sup> Não sabemos se o jornal foi criado, porém, isso indica as discussões e disputas na imprensa campomaiorense no recorte estudado. Nesse sentido, concordamos com Roger Chartier, quando afirma que as lutas por representação são importantes “[...] para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”.<sup>70</sup>

É importante ressaltar que, durante os anos de 1977, 1978 e 1979, já existiam outros jornais editados na cidade de Campo Maior. Nas comemorações do aniversário de 217 anos da cidade, no ano de 1979, foram anunciados *A voz do Jenipapo* e *A cidade* como jornais locais que iriam fazer a cobertura do evento.<sup>71</sup> Conforme Reginaldo Gonçalves de Lima, *A Voz do Jenipapo*, criado em 1977, tinha como proprietário o vereador Manoel Pereira da Silva (Manuca).<sup>72</sup> Sobre *A Cidade*, não encontramos informações sobre seu proprietário e data de criação, sendo apenas mencionado em algumas matérias do jornal *A Luta*. Na presente pesquisa, não foi nosso objetivo analisar os referidos jornais, contudo, podemos entender que, naquele momento, o jornal *A Luta* já não era o único periódico editado na cidade.

Ao analisar as páginas do jornal *A Luta*, podemos perceber sua organização. A primeira página mostrava as principais notícias da cidade e de outras localidades. É importante ressaltar que, mesmo tendo como predominância assuntos locais e regionais, apareciam também matérias de assuntos internacionais, como, por exemplo, a coluna intitulada “Um giro pelo Mundo” na edição do dia 28 de novembro de 1970.<sup>73</sup>

Em relação às matérias de temas locais, o texto intitulado “O retrato da arrogância” teve bastante repercussão, tendo resultado na agressão física contra o jornalista Zeferino Alves Neto. Na edição do dia 12 de dezembro de 1970, foi publicada a seguinte reportagem explicando o

<sup>69</sup> VOCÊ não sabia, pois saiba agora. *A Luta*, Campo Maior, p. 2, 22 jul. 1979.

<sup>70</sup> CHARTIER, 2002, p. 17.

<sup>71</sup> CAMPO Maior- 217 anos. *A Luta*, Campo Maior, s/p, 12 ago. 1979.

<sup>72</sup> LIMA, Reginaldo Gonçalves de. *Geração Campo Maior: anotações para uma enciclopédia*. Teresina: Gráfica e Editora Júnior Ltda, 1995, p. 243.

<sup>73</sup> UM giro pelo mundo. *A Luta*. Campo Maior, p. 6, 28 nov. 1970.

acontecimento:

Foi domingo de manhã. Por volta das onze horas. Zeferino, sozinho, seguia a rua Alagoas entre as vias Cel. Eulálio Filho (a da pista) e Cel. Rafael Oliveira, quando o sr. Pires, subitamente, investiu com fúria o jipe de côr azul sôbre o repórter, na tentativa de atingi-lo. Zeferino, porém, saltou para a calçada próxima, escapando à morte, por um fio. Malgrado no tentame de crime, o mau-caráter estacou o veículo, dizendo querer conversar com Zeferino, que depois afirmou que, envolvido no estupor, nada ou quase nada entendeu as palavras do outro. De súbito, cobriu o de socos e pontapés enquanto a vítima, era arremessada contra a parede que apenas procurava defender-se da estúpida agressão, em face de seu caráter pacífico. Dois murros encontraram certos o alvo, um sôbre o nariz, que esguichou muito sangue, outro de choque contra o ôlho direito, entumecendo-o gravemente, com possibilidade de defeituá-lo. [...] foi um artigo escrito através de rara inspiração de alguém que não assinou a matéria, uma vez que a direção de *A Luta*, por gôsto que lhe é peculiar, pois está na linha básica dêste Jornal servir a coletividade, tomou a responsabilidade para si de publicar o que os caros leitores leram na edição de 28/11/70. Houve quem não gostasse da obra de arte, e a represália veio, justamente e infundada, ao invés de uma réplica decente, uma carta dirigida à direção do Jornal, defendendo-se, por exemplo, que nós a publicaríamos segundo a ética jornalística que pretendemos preservar.<sup>74</sup>

O jornal recebia textos dos colaboradores que participavam de forma assídua ou ocasionalmente da escrita de textos, os quais eram entregues à redação do periódico. José de Sena Rosa, ao estudar o *A Luta*, afirma que os colaboradores “conciliavam suas atividades profissionais com a colaboração no jornal”<sup>75</sup>, pois “a grande quantidade de colaboradores revela e demonstra como o jornal não mantinha um corpo fixo de pessoas para a construção de suas colunas [...]”<sup>76</sup>. Nessa perspectiva, o periódico publicava textos daqueles que não necessariamente ocupavam cargo no jornal, diferente das atribuições dos redatores que mantinham suas colunas fixas, como, por exemplo, aqueles que tratavam sobre os eventos sociais, esportes, política, assuntos estudantis e notícias locais e regionais.

O que se esperava com a publicação do texto “O retrato da arrogância” era que o debate ocorresse nas páginas do periódico, em que seria enviado alguma carta de resposta. Em contrapartida, a resposta sobre a denúncia das irregularidades no Colégio Estadual teve como resultado a agressão, além de colocar em questão as intencionalidades do jornal e, também, do

---

<sup>74</sup> ZEFERINO é alvo de vil agressão por alguém de maus costumes. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 12 dez. 1970.

<sup>75</sup> SENA ROSA, José Ribamar de. *A luta, falando de trocas e meios*. Teresina: Halley Gráfica e Editora, 2015, p. 72.

<sup>76</sup> SENA ROSA, 2015, p. 74.

seu projeto editorial, como demonstra o texto publicado na edição do dia 27 de fevereiro de 1971:

Muitos de nossos prezados leitores nos têm indagado se não está em nosso intento responder à Secretária de Educação e Cultura do Estado, mais precisamente ao Departamento da Educação Média, a respeito de um ofício que recebemos daquele departamento e que por um dever de imprensa, por nós foi publicado na edição do dia 13 do mês fluente. Não responderemos, caros leitores. Sabeis de veras de uma verdade que decerto vos agrada – fazemos imprensa (a qual não mais qualificamos de modesta nem seus sinônimos) para a comunidade, para os que se põem no alto, maiormente, para os que se acham colocados embaixo, sofrendo as agruras a si impostas pelos degraus inferiores da vida. Por isso criamos, na edição anterior, uma coluna, através da qual o povo possa aproximar-se melhor das autoridades. Não há mais modéstia de nossa parte; daí asseveramos que trabalhar pela comunidade é a linha que vimos adotando desde quando a uma equipe de jovens foi entregue a árdua tarefa de manter a circulação d' A LUTA pelo jornalista – homem calejado com a lida e rico de boa vontade – Raimundo Antunes Ribeiro, o Totó.<sup>77</sup>

O trecho supracitado é mais um esclarecimento sobre linha editorial adotada pelo jornal, uma vez que buscava-se justificar o fato que o texto que gerou a polêmica estava localizado no espaço dedicado para a publicação de assuntos de interesse da comunidade, e teria como objetivo uma aproximação deles com as autoridades, sendo, assim, definida como a linha editorial do periódico.

No final do texto, os redatores mostraram o desfecho sobre as irregularidades no Colégio Estadual, sendo realizada uma sindicância para a apuração da denúncia:

Aconselhou-nos um amigo que seria melhor para nós não tocarmos mais no assunto, mas é nos necessário dizer aos considerados leitores que pedem explicação de nossa esquivança com relação ao assunto, que o artigo da direção 'Retrato da Arrogância' é um dos tais benefícios que nos impusemos conceder aos campomaiorenses um dever nosso aos professores do Colégio Estadual, os funcionários, os alunos, que se achavam-se diante de uma série de cousas negativas de que trata o mesmo artigo. Uma sindicância foi feita às pressas pela Divisão de Atividades Complementares, do Departamento da Educação Média; poucos professores foram entrevistados, apenas um funcionário e nenhum aluno do estabelecimento de ensino. O sr. Távora Ramos chegou à ingênua dedução de que não encontrou a desorganização administrativa, quando visitou o Colégio: se após a denúncia deste Jornal, a diretora da escola não tomasse as suas providências, seria portadora de uma ingenuidade de causar dó. O certo é que, para nós, a sindicância não tem validade; foi mais uma daquelas coisinhas nulas e inúteis da vida. A veracidade do artigo é patente e insofismável; fizemo-lo conscientemente, e com a nossa própria orientação de cidadãos bem formados e dotados de bons

---

<sup>77</sup> AOS LEITORES, a verdade. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 27 fev. 1971.

princípios. Se a verdade não foi comprovada com a tal sindicância, não é problema nosso. Nem consideramos o fato derrota.<sup>78</sup>

O título do texto analisado “Aos leitores, a verdade” é bastante significativo e vai ao encontro dos argumentos apresentados no trecho citado que ressalta o comprometimento do periódico com a veracidade das informações prestadas, em que fora questionado o resultado da sindicância. É importante ressaltar que a redação do *A Luta* era composta, em sua grande maioria, pelos estudantes que ficaram responsáveis pelo jornal após a saída de Raimundo Antunes Ribeiro de sua direção. Com isso, podemos inferir que textos sobre as questões educacionais eram de bastante interesse da redação.

O texto “Aos leitores, a verdade” também evidenciava as denúncias que foram feitas:

Durante muitos meses de lida nesse Jornal, passamos por estações mais desagradáveis, que, porém, não constituíram motivos de esmorecimento e covardia. Como exemplo, basta citarmos a vil agressão imposta ao colega Zeferino e delações descabidas feitas por pessoas ignorantes e de espírito rasteiro que se dizem campomaiorenses; tacharam-nos abominavelmente de subversivos, perante agentes da Polícia Federal por quem fomos intimados recentemente [...] ouvimos das autoridades policiais o que, decerto, nossos inimiguinhos desconhecem: não há nada nas páginas do Jornal *A Luta* que aponte subversão. É, ao contrário, um Jornal decente, respeitador do regime democrático brasileiro e que se fundamenta nas tradições religiosas da nação. Tanto a Polícia Federal quanto o Serviço Nacional de Investigação, para decepção e desespero dos que auguram paralisar as nossas atividades, admiram os nossos esforços e dão-nos plenas garantias a fim de continuarmos circulando. Aos insultuosos respondemos como Cristo: ‘Pai, perdoai-lhes porque não sabem o que fazem’.<sup>79</sup>

No contexto analisado, o país vivia sob a ditadura militar e vivenciava a censura nos jornais de grande circulação no país. Carlos Fico, ao estudar sobre a censura na ditadura militar, ressalta que “certamente, porém, foi o AI-5 que permitiu uma atividade censória mais sistemática por parte da ditadura militar. O Ato foi usado, imediatamente, para a censura da imprensa”.<sup>80</sup> E, ainda, segundo o autor: “O Decreto-Lei nº 1.077, de 26 de janeiro de 1970, estabelecia a censura de publicações e de ‘exteriorizações’ contrárias à moral e aos bons

<sup>78</sup> AOS LEITORES, a verdade. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 27 fev. 1971.

<sup>79</sup> AOS LEITORES, a verdade. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 27 fev. 1971.

<sup>80</sup> FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura- regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012, p. 189.

costumes, não abrangendo especificamente a censura política da imprensa”.<sup>81</sup> Mesmo o *A Luta* sendo considerado um jornal de pequena circulação, podemos observar através da matéria analisada que a publicação de textos como “O retrato da Arrogância” era relacionada à prática de imprensa subversiva.

A historiadora Beatriz Kushnir, ao mapear a legislação censória do período republicano, afirma que a censura “[...] não foi uma invenção daquele momento”.<sup>82</sup> A autora alerta que “[...] sob a capa do ‘resguardar a moral e os bons costumes’, ou defendendo questões de ‘interesse da Nação’, a censura, sempre política, é atemporal. Mas em cada instante as peculiaridades ditam suas especificidades”.<sup>83</sup>

A matéria ressalta, ainda, que o periódico foi investigado pela Polícia Federal e pelo Serviço Nacional de Informação (SNI), tendo como resultado nenhum indício de atividade subversiva e, assim, garantindo sua circulação. No contexto estudado, o SNI, bem como as DSIs (Sistemas Setoriais de Informações dos Ministérios Cíveis) e “[...] todos os demais órgãos de informações compunham a ‘comunidade de informações’. Seu material básico, como não poderia deixar de ser, era a ‘informação’, isto é, dados sobre quaisquer questões ou pessoas de interesse do regime”.<sup>84</sup>

Outros textos publicados apontam para denúncias que teriam como objetivo de fechamento do periódico, como explicita o texto “Lamentavelmente” publicado na edição do 31 de outubro de 1970:

Como diretor dêste órgão, tenho sido alvo de muitas críticas. Lamento não serem elas construtivas. Os leitores não sabem o que acontece dentro dêste jornal. Já fomos intimados por várias vêzes a fechá-lo. Já ouvimos de campomaiorenses frases como esta: ‘Vamos fechar A LUTA; fechamos a Rádio, por que não podemos fechar o jornalzinho?’. Podem, sim. Podem fechá-lo à hora que quiserem. No entanto, enquanto não o lacram, eu lutarei para melhorá-lo. Hoje começamos com uma página em papel apergaminhado, e prometemos tirar ‘A LUTA’ sempre nêste papel. Todos aquêles que têm o espírito de um Carlivan de um Lauro César Vieira (Presidente da Associação dos Bacharéis em Jornalismo de Pernambuco) que mesmo de longe se acham no dever de fazer alguma coisa de importante. Reconhecem que somos meio provincianos; vêem, também que estamos lutando para darmos outra forma a êste semanário e que fazemos tudo para isto. Razões porque elês se prontificaram e começaram a nos ajudar. Grato Carlivan e Lauro César. Que

---

<sup>81</sup> FICO, 2012, p. 189.

<sup>82</sup> KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. 2001. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001, p. 21.

<sup>83</sup> KUSHNIR, 2001, p. 36.

<sup>84</sup> FICO, 2012, p. 179.

outros capacitados tomem a mesma atitude. Critiquem e ajudem a construir um jornal sadio e útil à sociedade.<sup>85</sup>

O texto explicita que era utilizado o acontecimento do fechamento da rádio para alertar que o mesmo poderia acontecer com o *A Luta*. Entendemos que, ao evidenciar as contribuições de Carlivan e Lauro César Vieira, ambos correspondentes externos do jornal, o objetivo era mostrar que o periódico produzia conteúdo com profissionalismo, por causa da contribuição dos jornalistas citados. Na matéria, publicada no jornal no dia 10 de outubro de 1970, que mostrava o interesse do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) em reabrir a estação radiofônica para fins educacionais no qual ao reproduzir um telegrama enviado para o Ministro da Educação Jarbas Passarinho, é explicitado que a Rádio Clube foi fechada em julho de 1969, quando era apenas experimental.<sup>86</sup> Ou seja, através das fontes analisadas, é possível inferir que as comparações do fechamento da rádio e o *A Luta* dizia respeito a ser considerado como um jornal produzido por pessoas que não necessariamente tinham formação profissional em jornalismo. Por isso, a redundância em agradecer as contribuições dos dois jornalistas mencionados no trecho analisado.

É importante, para a presente pesquisa, problematizar o uso da frase “Regime democrático brasileiro” como mencionado no texto “Aos Leitores, a verdade”<sup>87</sup>. Outros textos publicados no mesmo período trazem frases como essa, principalmente no aniversário do que eles chamavam de “Revolução de 1964”. Contudo, mesmo com as denúncias que eram realizadas com o propósito de fechamento do periódico, podemos perceber uma atitude de colaboracionismo, como ocorreu em jornais de grande circulação do Brasil, como demonstra a pesquisa da historiadora Beatriz Kushnir:

Os jornalistas e donos de jornal que, ao apoiarem os governos militares naquele momento, optaram por estar ao lado do poder, se tornaram tanto agentes, como ‘vítimas’ dessa autocensura. Permanecer no palco das decisões era mais importante que a busca e publicação da verdade. Por isto, esses jornalistas colaboracionistas são aqui vistos como cães de guarda.<sup>88</sup>

Nas edições referentes ao aniversário da ditadura militar, o jornal divulgava textos homenageando o que eles chamavam de “Revolução”. Na capa da edição do dia 30 de março

---

<sup>85</sup> LAMENTAVELMENTE. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 31 out. 1970.

<sup>86</sup> A RÁDIO Clube de Campo Maior em breve voltará ao ar. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 10 out. 1970.

<sup>87</sup> AOS LEITORES, a verdade. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 27 fev. 1971.

<sup>88</sup> KUSHNIR, 2001, p. 48.

de 1972 (figura 3) podemos observar que a homenagem aparecia com bastante destaque na primeira página:

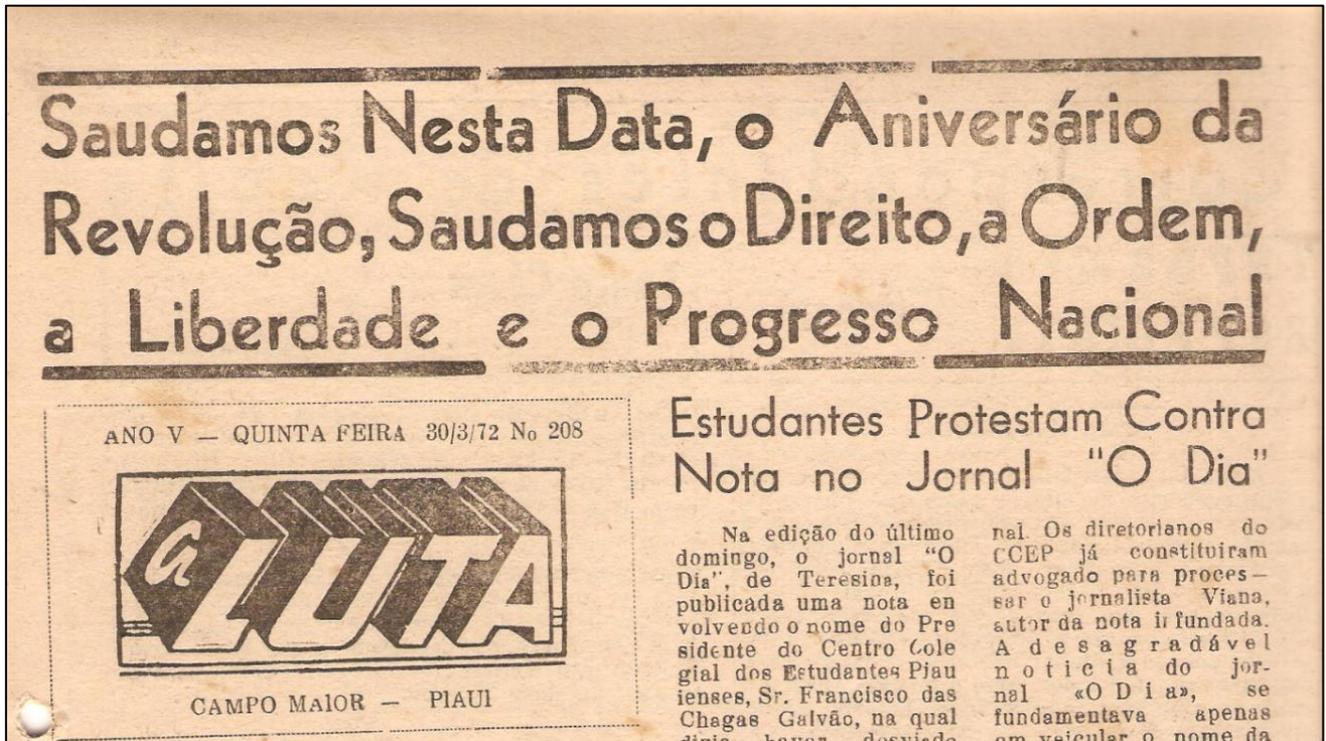


Figura 3: Capa do jornal A Luta de 1972.

Fonte: SAUDAMOS nesta data... *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 30 mar. 1972.

As palavras “Revolução”, “Direito”, “Ordem”, “Liberdade” e “Progresso Nacional” são utilizadas para representar o Brasil nas páginas do *A Luta*. Mais uma vez, podemos observar o colaboracionismo<sup>89</sup> do jornal com o governo autoritário. Outros textos publicados também tratavam do mesmo propósito de mostrar a imagem de um país em desenvolvimento, em que eram mostrados os aspectos econômicos resultado do que eles chamavam de “Revolução de 1964”. O texto “Revolução & Desenvolvimento” publicado na edição do dia 30 de março de 1969 tratava sobre isso:

Sob o tema de ‘a revolução e desenvolvimento’, desde a edição do AI-5 - representa uma dose maior do remédio que foi dado pela revolução vitoriosa de 64, para o restabelecimento da democracia Brasileira. O AI-5 editado pela

<sup>89</sup> KUSHNIR, 2001.

revolução é uma preservação da ordem muito necessária ao desenvolvimento sócio econômico Brasileiro. O Governo Federal tem dado às regiões mais pobres do Brasil a ajuda para um desenvolvimento integral, visando ao próprio homem na tão grande missão, porque representa um instrumento essencial para oitocentos novos empregos por ano. Estamos, cinco anos depois, em pleno processo revolucionário e este se aprofunda cada vez mais, realizando-se em função da defesa dos interesses Nacionais e populares pelas forças armadas, que encarnam, no melhor estilo do tenentismo, na missão histórica da revolução Brasileira. Ninguém deterá o processo revolucionário durante muitos anos e são necessárias medidas parciais, para a consolidação da democracia Brasileira. A obra do movimento armado de 31 de Março de 1964: restabeleceu a ordem pública e a democracia, que somente Governos fortes como os do saudoso Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco e do Marechal Arthur da Costa e Silva respectivamente, poderiam proporcionar ao povo Brasileiro inúmeras realizações de interesse popular. A revolução foi feita para salvar o Brasil do colapso político, do subdesenvolvimento sócio econômico, dos quais a corrupção e a subversão constituíram na época, aspecto mais dramático e evidente. As realizações do Governo da revolução, nos setores mais importantes da vida administrativa do País, é de plena receptividade, em termo de opinião pública em geral. Pelo seu conteúdo de sinceridade e de coragem, sua enumeração dos impressionantes resultados obtidos nos setores de energia, transportes, educação, saúde e comunicações. São inquestionáveis a fidelidade do Presidente Costa e Silva e das gloriosas forças armadas ao compromisso de manutenção, da ordem no País, de uma autêntica democracia, na qual floresce a liberdade que frutifica a igualdade e a justiça social.<sup>90</sup>

O texto do qual o trecho acima foi extraído mostra, já a partir do título, “Revolução & Desenvolvimento”, a ênfase nas questões econômicas em âmbito nacional. Nesse sentido, é divulgada a imagem de um país sem divergências, na qual a “ordem” e “democracia” foram restabelecidas pelo regime militar. Notamos que havia o desejo de difundir a ideia de que existia harmonia no país, no sentido de mostrar que o governo tinha receptividade, principalmente através da opinião pública. Ao ser publicado como uma análise econômica e social do Brasil, o texto caracteriza-se como uma propaganda do governo autoritário.<sup>91</sup>

## 2.2 “Juventude é comunicação”: A atuação dos estudantes no jornal *A Luta*

“A semana do Regresso”<sup>92</sup> era o período das férias em que os estudantes universitários retornavam para a cidade após o término do período letivo. O periódico mostrava, com muito entusiasmo, o retorno desses estudantes. Estes, em sua maioria, retornavam das cidades de

<sup>90</sup> CELESTINO, Pedro. Revolução & Desenvolvimento. *A Luta*. Campo Maior, p. 4, 30 mar. 1969.

<sup>91</sup> Sobre a propaganda durante o regime militar, ver: FICO, 2012, p. 193-199

<sup>92</sup> NOTAS sociais. *A Luta*. Campo Maior, p. 5, 28 jul. 1968.

Recife, Salvador, São Luís e Fortaleza<sup>93</sup>, haja vista que, no período em estudo, a cidade em análise não possuía instituição de ensino superior.

Os estudantes do ensino secundário e universitário tiveram importante contribuição no *A Luta* desde o início da circulação do periódico. Raimundo Antunes Ribeiro, fundador do jornal, ressaltou que recebeu apoio dos estudantes da cidade:

Ao fundar o jornalzinho ‘A Luta’, recebi da mocidade local e dos jovens campomaiorenses que estudam noutros centros do país calorosas manifestações de aprêço e franca solidariedade. Avolumou-se, assim, ainda mais, o meu respeito e a minha admiração, tantas vêzes proclamados, pelos moços de minha Pátria, notadamente pelos inteligentes e bravos filhos da gleba dos carnaubais.<sup>94</sup>

Dentre os espaços ocupados pela juventude, destacam-se as colunas que apareciam nas edições, como foi o caso da coluna “A Voz da UCES”<sup>95</sup>, “Coluna do Estudante”<sup>96</sup>, “Nossa Integração”<sup>97</sup> e “Nosso High- Society”<sup>98</sup>.

A coluna “A voz da UCES” (União Campomaiorenses dos Estudantes Secundários) era editada pelo estudante do ensino secundário José Aurino da Silva, que também era redator do periódico. A coluna trazia informações de interesse dos estudantes do ensino secundário<sup>99</sup> no que concerne à vida escolar.

A coluna “Nosso High- Society” era editado pela estudante Sílvia Mello, que, em 1969, cursava o último ano de pedagogia na Escola Normal Santa Teresa de Jesus, em Campo Maior.<sup>100</sup> A coluna trazia diversas informações sobre os acontecimentos sociais da cidade, dentre eles, aniversários, casamentos e festas nos clubes. Além disso, eram constantes as informações sobre a partida e o retorno dos estudantes do ensino universitário para as cidades nas quais estudavam.

Outro grupo de estudantes que aparecia nas páginas do *A Luta* era a “Ala Jovem” que tinha como objetivo discutir assuntos relacionados com as questões políticas, econômicas e

---

<sup>93</sup> NOTAS sociais. *A Luta*. Campo Maior, p. 5, 28 jul. 1968.

<sup>94</sup> RIBEIRO, Raimundo Antunes. Para trás, intrigantes. *A Luta*. Campo Maior, p. 3, 19 jan. 1969.

<sup>95</sup> A VOZ da UCES. *A Luta*. Campo Maior, p. 3, 23 mar. 1969.

<sup>96</sup> COLUNA do estudante. *A Luta*. Campo Maior, p. 3, 30 jun. 1968.

<sup>97</sup> NOSSA Integração. *A Luta*. Campo Maior, p. 5, 17 out. 1970.

<sup>98</sup> NOSSO “High- Society”. *A Luta*. Campo Maior, p. 4, 9 mar. 1969.

<sup>99</sup> É importante ressaltar que, no período estudado, podemos identificar as seguintes escolas: Ginásio Santo Antônio, Escola Normal Santa Teresa de Jesus/Patronato Nossa Senhora de Lourdes, Ginásio Orientado para o Trabalho e Ginásio Estadual de Campo Maior.

<sup>100</sup> ANIVERSARIA nossa companheira Sílvia Mello. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 18 mai. 1969.

sociais de Campo Maior. Na edição do dia 29 de março de 1970, foram publicados os princípios desse grupo:

A Ala jovem tem reunido seus membros e discutido a formulação dos princípios que orientarão sua ação na política local. Publicamos aqui, para conhecimento de nossos leitores, a filosofia do movimento, resumida em nove itens já aprovados:

- 1° – Conscientização da juventude para os problemas socio-econômico, políticos de Campo Maior.
- 2° – Saber que a solução dos problemas socio-econômico, políticos necessitam da contribuição de cada um da comunidade.
- 3° – Analisar os candidatos para depois o escolher, visando sempre suas qualidades administrativas.
- 4° – Não criar uma idéia fixa em torno de uma só ala da ARENA.
- 5° – Observar, analisar as administrações e, quando necessário, levar os problemas a quem de direito.
- 6° – Nunca criticar meramente.
- 7° – Não só criticar, mas contribuir com a administração do município.
- 8° – Nunca ver os problemas pelo lado político.
- 9° – A ALA JOVEM não lutará contra uma causa e sim a favor.<sup>101</sup>

No trecho é realçado no primeiro momento o interesse de chamar a atenção da juventude no que concerne às questões políticas e econômicas do município. Podemos observar esse aspecto após as eleições municipais de 1970, em que a Ala Jovem apresentou para o prefeito eleito, Jaime da Paz, suas sugestões, em um evento ocorrido no Grêmio Recreativo. O evento teve bastante repercussão no *A Luta*, tendo destaque na edição do dia 13 de fevereiro de 1971, onde a matéria foi publicada na primeira página, como mostra a imagem 4.

---

<sup>101</sup> ALA jovem e seus princípios. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 29 mar. 1970.

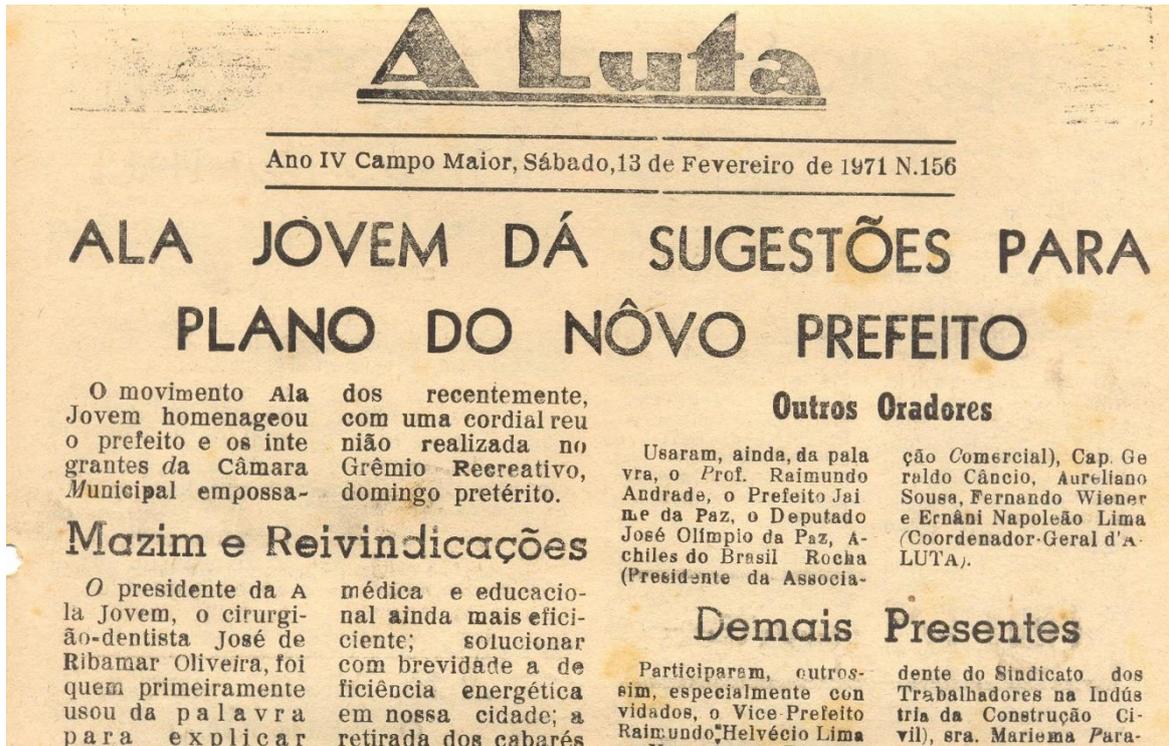


Figura 4: Matéria do jornal A Luta de 1971.

Fonte: ALA jovem dá sugestões para plano do nôvo prefeito. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 13 fev. 1971.

O presidente da Ala Jovem, o cirurgião-dentista José de Ribamar Oliveira, foi quem primeiramente usou da palavra para explicar a filosofia dessa revolução - jovem de Campo Maior no sentido de que se alcance o desenvolvimento sócio-econômico-político do Município. O líder, em seguida, apresentou ao prefeito Jaime da Paz as reivindicações da juventude, que, sem dúvida, é também de todos os munícipes. Ei-las: reivindicar ao Governo Estadual a implantação da nossa Faculdade de Veterinária e mais outra, no caso, a de Agronomia; a iminente construção da barragem dos três rios; a ação direta da atual administração municipal no setor de agro-pecuária; a construção do aeroporto; dar uma assistência médica e educacional ainda mais eficiente; solucionar com brevidade a deficiência energética em nossa cidade; a retirada dos cabarés situados em zona central, porém, a reivindicação é acompanhada da sugestão de que essas mulheres sejam transferidas para um local dotado de perfeitas condições; apoiar o chefe do executivo à nossa imprensa escrita e falada; o monumento aos heróis do Jenipapo, cuja construção teve e tem a idéia, o incentivo e o trabalho do irmão Turuka e de Octacílio Eulálio, enfim promover o turismo local; proporcionar melhores condições aos produtores da cêra de carnáuba, que são os menos beneficiados motivado pelo baixo lucro.<sup>102</sup>

Na reunião, foram expostas as sugestões da Ala Jovem em torno da administração do prefeito Jaime da Paz. As propostas desse grupo diziam respeito tanto aos aspectos econômicos quanto à infraestrutura da cidade. A construção das faculdades de veterinária e agronomia

<sup>102</sup> ALA jovem dá sugestões para plano do nôvo prefeito. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 13 fev. 1971.

estava relacionada às atividades econômicas do município. Podemos notar que essas reivindicações vão ao encontro de outras matérias, difundidas pelo jornal em estudo, durante o recorte analisado, com textos mostrando a necessidade de urbanização dos bairros e construção de prédios.

A Ala Jovem também promovia debates no que concerne aos problemas sociais do município. Na edição do dia 12 de julho de 1970, o periódico publicou uma matéria intitulada “Ala Jovem discutiu problema da sêca”, na qual relata a apresentação desse grupo no Campo Maior Clube, tendo a presença de políticos, de comerciantes e de estudantes. Dentre os presentes, estavam o prefeito Raimundo Andrade, o vice-prefeito José Neves, o técnico João Brandão Mendes (representante da SUDENE<sup>103</sup>), dentre outros. Na ocasião, foi tratado sobre a estiagem e a criação de “[...] frentes de trabalho, para atender à população menos favorecida”.<sup>104</sup>

Nas fontes analisadas, o projeto da Ala Jovem dizia respeito ao protagonismo dos jovens na promoção de debates, sendo necessário percorrer os caminhos da política. Para tal, o grupo afirmava que era necessário um ensino que direcionasse os estudantes para a realidade vivenciada. O texto intitulado “Juventude é comunicação” chama a atenção para o diálogo entre os estudantes e professores:

Entre os muitos problemas que agravam o setor educacional, considero o mais insolúvel o da falta de comunicação entre mestres e alunos. O professor entra na sala de aula com uma única e exclusiva finalidade: falar e escrever a aula que traz preparada de casa, não se incomodando com estar o aluno aprendendo ou não alguma coisa. Creio que o estudante em parte tenha alguma culpa, pois, nas condições atuais em que o jovem deve ter na consciência que só terá um futuro, como deseja, se tiver um estudo ou uma preparação técnica. Então por que não motiva seu professor? Já que se diz que esta geração não é estéril, e, estamos certos de que o impulso determinado pela Tecnologia foi feito com a participação do jovem. Mas com tudo isto vemos que é necessário um diálogo mais amplo com os escolares, êles tem sêde do saber, querem ter para cada uma das perguntas uma resposta ou pelo menos opinião.<sup>105</sup>

A partir da educação, acreditava-se em uma maior participação dos jovens nos espaços de poder. O texto chama a atenção dos estudantes no sentido de mudar a realidade do sistema educacional do município, visto que um ensino pautado no diálogo seria um dos caminhos necessários para alcançar “um futuro como deseja”.<sup>106</sup> O final do texto é mais enfático, quando ressalta qual era o papel do jovem naquele cenário:

---

<sup>103</sup> Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste.

<sup>104</sup> ALA Jovem discutiu problema da sêca. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 12 jul. 1970.

<sup>105</sup> JUVENTUDE é comunicação. *A Luta*. Campo Maior, p. 5, 17 out. 1970.

<sup>106</sup> JUVENTUDE é comunicação. *A Luta*. Campo Maior, p. 5, 17 out. 1970.

O jovem tem de ser mais consciente de sua condição e procurar se instruir a fim de saber separar o que é bom do mau e culto do mascarado. Não há melhor como participar nos grupos que têm como finalidades o desenvolvimento social e cultural, somente assim o jovem estará atingindo a finalidade da juventude.<sup>107</sup>

O texto denota a ideia de que a atuação dos estudantes deveria ocorrer além do espaço das escolas, que, por sua vez, sinaliza para a importância dos grupos e reafirma seu compromisso com o desenvolvimento social e cultural. Nesses espaços ocupados pelos estudantes, as colunas de opinião no *A Luta* sinaliza para o protagonismo dos estudantes, em que vários debates foram publicados no periódico de interesse dos estudantes do ensino secundários e do universitário.

A “II Semana Universitário Campomaiorense” teve bastante repercussão no *A Luta*. Realizada em 1977 durante as férias dos estudantes universitários, trazia, em sua programação, atividades esportivas, bailes e conferências:

Realizou-se nesta cidade, de 06 a 13 do corrente, a II Semana Universitária, fruto da idéia de um grupo de jovens universitários, lançada no ano passado e agora coroada de êxito, pelos resultados positivos alcançados, dentro da perspectiva que a colocamos. O objetivo fundamental da Semana, cremos, foi o de trazer à tona, num diálogo franco com a coletividade e classes representativas, o diagnóstico de alguns dos nossos mais graves problemas, alguns pontos chocantes da realidade brasileira, principalmente de âmbito local. Universitários e Conferencistas ilustres - tentaram prestar estes serviços, nem sempre aceito ou compreendido. Deve-se destacar, honesta e conscienciosamente, as conferências do Dr. César Melo e do Magnífico reitor da nossa Universidade, Professor Camilo Filho. Este, de maneira brilhante, descontraída e alegre, mostrou aos campomaiorenses um retrato fiel da Universidade, das origens ao momento atual, focalizando sua importância no processo de desenvolvimento do Estado e suas perspectivas para o amanhã. O Dr. César Melo<sup>108</sup>, de forma não menos brilhante, enveredou pelos ásperos e desconhecidos (para os leigos) caminhos da saúde pública, apresentando as dificuldades do nosso meio diante de tão relevante questão social, fazendo-nos sentir a solução do problema. ‘Entendendo-se a Saúde Pública como o bem estar físico, mental e social da pessoa humana, enfatizou o Dr. César, faz-se necessária a convergência de esforços na busca de soluções cabíveis.’<sup>109</sup>

<sup>107</sup> JUVENTUDE é comunicação. *A Luta*. Campo Maior, p. 5, 17 out. 1970.

<sup>108</sup> César Ribeiro Melo nasceu em Campo Maior no dia 13 de novembro de 1949. Formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia. Foi prefeito de Campo Maior durante 1983 a 1988. Cf.: LIMA, 1995, p. 155.

<sup>109</sup> IDÉIAS & Fatos. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 13 fev. 1977.

O trecho permite perceber que um dos objetivos do evento era promover debates sobre o município de Campo Maior, como, por exemplo, em relação à saúde pública. Além disso, a conferência com o reitor da Universidade Federal do Piauí sinaliza para as preocupações no que concerne ao ensino superior:

A grande alegria estampou-se no rosto dos presentes a Semana, no momento em que, respondendo à uma questão formulada pelo vereador João Alves, o reitor Camilo Filho deixou claro a possibilidade de termos na terra dos Carnaubais uma escola de nível superior, para o que já estabeleceu os primeiros contatos. Não se pode dizer que a Semana não teve falhas na sua programação, claro que sim, mas estas foram insignificantes no contexto geral dos fatos. A vitória foi palpável, principalmente porque se obteve do reitor, publicamente, a promessa de uma escola superior em Campo Maior. Além do mais, os equívocos são corrigidos com o tempo, na medida que se obtém mais experiências. No florescer e na execução de idéias brilhantes assim, pequenas omissões são apenas uma neblina no meio do temporal.<sup>110</sup>

A “II Semana Universitária Campomaiorense” se mostrou, além de um evento recreativo, como um espaço para debates e defesa de ideias que o grupo de estudantes considerava importantes para a cidade. Portanto, podemos inferir que a principal reivindicação dizia respeito à criação de uma escola de ensino superior no município, ideia que anteriormente foi, também, discutida pela Ala Jovem. O grupo apresentou para o prefeito Jaime da Paz, em 1971, a importância da criação da faculdade de veterinária e agronomia.

### **2.3 Escritos de uma cidade sensível: Campo Maior entre a história e memória.**

Nas páginas do jornal *A Luta*, os textos de Antônio Andrade Filho<sup>111</sup>, chamado de Irmão Turuka, e Octacílio Eulálio<sup>112</sup>, destacam-se dos demais textos pela sua forma de narrar a cidade de Campo Maior, tendo como ponto de partida fatos ocorridos durante a primeira metade do século XX e até trazendo, muitas vezes, reflexões sobre o momento presente de sua escrita.

Nos textos escritos por Irmão Turuka, eram rememorados nomes de pessoas, suas características, suas moradias, ou seja, detalhes de uma cidade quase que desconhecida pelo

<sup>110</sup> IDÉIAS & Fatos. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 13 fev. 1977.

<sup>111</sup> Antônio Andrade Filho nasceu em Campo Maior no ano de 1924. Fundador do Centro Espírita Caridade e Fé. Pertenceu à Loja Maçônica Fraternidade Campomaiorense e à Liga de Radioamadores do Piauí. Escreveu textos no jornal *A Luta*. Cf.: LIMA, 1995, p. 219.

<sup>112</sup> Octacílio Eulálio nasceu em Campo Maior no ano de 1914. Foi jornalista, poeta e comerciante, tesoureiro da Paróquia e do patrimônio da Matriz de Santo Antônio, no município de Campo Maior. Fundou o jornal *O Estímulo* e colaborava com o jornal *A Luta* e *O Tombador*. Cf.: LIMA, 1995, p. 253.

citadino em meio às transformações espaciais que Campo Maior vivenciou no período em estudo. No texto “No tempo do ‘Quero e Posso’”, o leitor começa a viajar pela cidade da década de 1930 através da narrativa de Turuka:

Lá pelos idos de 1933/34, apareceu em Campo Maior o tipo humano a quem dedico estas recordações. Cinquenta anos na aparência, pardo na côr e grosso na estatura, cabelos longos negros e barbas longas, trajando calça e blusa de riscado, o místico cordão de S. Francisco na cintura e nos pés, modestas alpargatas de cabresto... era um homem sério e calmo, verdadeiramente compenetrado do que dizia ser: “um enviado de Deus para tirar os pecados do mundo”. Às vezes suas “pregações” acorriam centenas de pessoas crédulas em busca de conselhos e orações. Em Campo Maior foi hóspede do falecido José Tomé, que morava ali por trás do mestre Zeba. De modo geral ao fim de um Têrço e do Sermão, alguém se levantava para dizer: “Meu padrinho, amanhã é lá em casa”.<sup>113</sup>

No trecho destacado, observa-se o cotidiano da cidade marcado pela religiosidade, uma vez que o personagem descrito na escrita de Turuka assemelhava-se à imagem de um santo, no caso, São Francisco. Nesse sentido, a escrita de Irmão Turuka buscava, de alguma forma, mostrar para os leitores acontecimentos ocorridos no passado, destacando, principalmente, o cotidiano da cidade.

Outros textos de Turuka tratam de uma dimensão biográfica, como foi o caso de “Um louco filósofo”, que retrata uma temporalidade anterior ao nascimento de Turuka e nos evidencia como as histórias eram preservadas na família do autor:

Sua vida decorreu entre 1860 e 1929. Como todo “ilustre” aprendeu a ler, escrever e contar, segundo as possibilidades da terra. Teve bons recursos a ponto de chamarem-lhe rico. Tinha loja de tecidos na melhor rua da Vila, morando na mesma casa onde hoje mora o Prof. Zeca Lima. Tinha Patente de Capitão da Guarda Nacional e foi, segundo afirmam os mais antigos, Juiz e Conselheiro municipal. Ainda conhecemos em casa de meu avô Jesuíno, um retrato desse louco filósofo que respondia pelo nome de Diógenes Braga, trajando terno completo, colete e correntão de ouro.<sup>114</sup>

Irmão Turuka se vale dos relatos de pessoas que conviveram com Diógenes para construir sua narrativa, principalmente os dados biográficos. No cruzamento desses dados, ele consegue mostrar detalhes sobre o cotidiano da vila e localizar, no presente, onde ficavam

<sup>113</sup> TURUKA, Irmão. No tempo do “Quero e Posso”. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 26 jan. 1969.

<sup>114</sup> TURUKA, Irmão. Um louco filósofo. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 13 abr. 1969.

aqueles lugares. Turuka utilizou uma memória vivida por tabela que, segundo Michel Pollak, são:

Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.<sup>115</sup>

Podemos perceber, no texto de Irmão Turuka, a relação com o acontecimento histórico e a sua narrativa. No texto sobre a vida de Diógenes, Turuka narra a passagem da Coluna Prestes na cidade de Campo Maior:

Dia 7 de janeiro de 1926, Campo Maior foi tomada pela Coluna Prestes. Diógenes entra desafiando: “Matam lá ninguém!... Matam a Mim! Duvido que me matem!...” – O Cap. João Alberto Lins de Barros saca uma arma e diz: “Quer morrer mesmo, velhinho? Lá vai”. – O doido inteligente, cai de joelhos e tal qual um sacristão a responder o Credo em Latim, grita de mãos postas: “Pelo amor de Deus não me mate, seu Capitão, que eu sou um pobre louco lá da Vila Nova, que anda por aqui é pedindo uma esmola...” – O valente Revoltoso, sorrindo, atirou moedas que foram apanhadas com avidez.<sup>116</sup>

Esses aspectos biográficos em sua escrita podem ser vistos em outros textos sobre o que ele considerava como personagens importantes da história da cidade, como foi o caso do texto contendo a biografia de Lívio Lopes Castelo Branco e Miguel Borges Leal Castelo Branco, ambas publicadas no jornal em 1969.<sup>117</sup>

Turuka também se dedica a rememorar textos literários, como ocorreu na edição do dia 24 de novembro de 1968:

O campomaioirensense é como animal pasteiro. Ouviu trovão, sentiu o cheiro de terra molhada, sente logo um lêve apêrto de coração. A saudade o domina a ponto de chorar. Conheço muitos dessa têmpera e é para êles todos, os conterrâneos ausentes e saudosos que levo a notícia de que em Campo Maior choveu, trovejou e a babugem desponta. E à guisa de consôlo ou talvez, para alguns, de acicate, levo-lhes êste belíssimo poema, escrito em Jaicós, no dia 25 de setembro de 1857 pelo grande patriota David Moreira Caldas e que em

<sup>115</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. p. 201.

<sup>116</sup> TURUKA, Irmão. Um louco filósofo. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 13 abr. 1969.

<sup>117</sup> TURUKA, Irmão. Dr. Miguel de Sousa Borges Leal Castelo Branco- Um grande Campomaioirensense. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 11 maio 1969; TURUKA, Irmão. Filhos ilustres de C. Maior- Lívio Lopes Castello Branco e Silva. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 23 mar. 1969.

2/6/1905 foi publicado em Gazeta do Prof. Benedito Lemos a pedido de seu correspondente Moisés Eulálio. “A VILA DE CAMPO MAIOR, NA PROVÍNCIA DO PIAUÍ (durante o inverno)”.<sup>118</sup>

Ao ler o poema “A vila de Campo Maior, na província do Piauí”, escrito por David Caldas, o leitor, mesmo que esteja longe, poderia rememorar o período de inverno na cidade de Campo Maior, despertando o sentimento de saudade. Segundo Jacy Seixas:

Reformar o passado em função do presente via gestão das memórias significa, antes de mais nada, controlar a materialidade em que a memória se expressa (das relíquias aos monumentos, aos arquivos, símbolos, rituais, datas, comemorações...). Noção de que a memória torna poderoso(s) aqueles (s) que a gere(m) e controla(m).<sup>119</sup>

Podemos encontrar, na escrita de Turuka, uma memória que deveria ser preservada no presente. No texto “Passado e Presente”, em 13 de outubro de 1968, o autor faz comparações através de notícias e textos literários do início do século XX e acontecimentos recentes.

ONTEM: – Em 20/11/1904 a GAZETA do prof. B. Lemos publicava em Teresina: –“Campo Maior: – esta cidade, como já se deve saber por ahí, não é mais uma cidade das trevas: 43 lampeões projetam, à noite, sua belíssima luz sôbre as ruas, que ficam perfeitamente iluminadas. Este melhoramento introduzido pelo Conselho Municipal é digno dos maiores encômios”.

HOJE: “A Luta” publica: A luz da CEPISA foi mera ilusão. Luz simbólica, nem chega a retratar o conto da “bôa esperança” em que caímos todos.

ONTEM: – Em Teresina, dia 30/01/1913 a GAZETA gravava: “A municipalidade de Campo Maior, trata de melhorar a iluminação pública dessa cidade, pretendendo fazê-la a Carbureto; e para isso, fez encomenda do material preciso para o Ceará e Pernambuco”.

HOJE: – Tristemente o Prefeito deplora os belos discursos que levou o pôvo para assistir há poucos dias, na apressada inauguração do Dr. Livino. A esperança, mesmo não sendo muito bôa, nunca morre... Um dia...<sup>120</sup>

Turuka, ainda, retrata a situação da energia elétrica na cidade a partir de comparações, mostrando a pouca mudança em relação ao início do século, quando foram realizadas as primeiras instalações de iluminação na cidade. A memória é entendida como um ensinamento,

<sup>118</sup> TURUKA, Irmão. Um belo poema. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 24 nov. 1968.

<sup>119</sup> SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p. 42.

<sup>120</sup> TURUKA, Irmão. Passado e Presente. *A Luta*. Campo Maior, p. 4, 13 out. 1968.

na medida em que dava a entender que os feitos do passado deveriam reverberar no presente. Até a imagem de uma cidade “doce” e “formosa” fora modificada no presente:

ONTEM: – Moisés Eulálio fazia publicar em jornal Teresinense uma belíssima poesia em louvor de Campo Maior, em 13/11/1904 –  
 “Este clima... que doçura!  
 Paisagens... que formosura!  
 Que doce encanto meu Deus!  
 – Além vicejante prado,  
 Por cima um céu azulado,  
 Prodígios, arcanos teus”  
 HOJE: – “Ou calor danado, ou terra maldita... parece o inferno...” – Paciência pessoal: logo mais chega o inverno e tudo vai melhorar...<sup>121</sup>

Apesar de mostrar apenas recortes de jornais de diversas datas, entendemos que Turuka buscava provocar o leitor para que entendesse o que estava acontecendo no momento de sua escrita. Passado e presente se opõem no seu texto, construindo uma narrativa sobre dois períodos diferentes, em que, porém, a cidade “doce” do passado era desejada e a cidade do presente, que parecia “o inferno”, não representava as expectativas do autor.

As sensibilidades apareciam também nos textos escritos por Octacílio Eulálio. Seus textos retrataram assuntos relacionados com a religiosidade e as lembranças de sua infância e juventude:

Em dias da minha infância e, até mesmo, da juventude, ainda não existiam os atuais prédios da Prefeitura Municipal e da família Antônio Rufino de Sousa. Com a falta dos referidos prédios, as duas praças – Bona Primo e Rosário – entre si eram ligadas, e desta maneira se observava belo panorama; a velha igreja de N.S do Rosário, sobre um lindo pedestal florido, que deu motivo ao poeta campomaiorense Moisés Eulálio inspirar-se em uma das sextilhas da sua já conhecida poesia sobre Campo Maior, que transcrevo:

“E vêde... que estranho vulto  
 Ali, revelando o culto  
 Que aos céus tributa o mortal!  
 – É o templo da Virgem Santa  
 Que, altivo ali se levanta  
 Domina as flores do Val”.

É que era colocada sobre um morro (hoje já desfeito pelos tratores), com ligeiro declínio para a Praça Bona Primo, farto de “perpétuas” e “limõezinhos” cheirosos, que formavam um lindo pedestal florido, homenagem da natureza à Rainha dos céus e da terra, no primeiro inverno. São cousas do passado que trazem recordações e saudades. Eu quisera tivesse disso observada pela juventude de hoje; como era lindo êsse quadro da poesia campomaiorense.<sup>122</sup>

<sup>121</sup> TURUKA, Irmão. Passado e Presente. *A Luta*. Campo Maior, p. 4, 13 out. 1968.

<sup>122</sup> EULÁLIO, Otacílio. Cousas do passado. *A Luta*. Campo Maior, p. 5, 16 jan. 1971.

A cidade dos tempos de infância de Octacílio é rememorada com saudade. O escritor mostra como o espaço da Praça Bona Primo sofreu alterações com o passar do tempo. É possível notar que aquele espaço, na sua infância, era representado com árvores e flores e que, no momento da escrita do texto, não mais existia. Isso mostra uma percepção sensível da cidade pela escrita de Octacílio. Segundo Sandra Jatahy Pesavento:

A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. Assim, a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia.<sup>123</sup>

No texto “Passeio a cavalo”, Otacílio mostra sua saudade em relação à cidade de sua infância, que agora era visitada apenas na sua memória:

Nada mais belo e agradável do que um passeio a cavalo, em meio a um período invernososo às margens de um rio que corre cujas águas espumosas, em louca disparada, emprestam um lindo quadro à natureza, enriquecido com o cantar das aves aquáticas, que, em voos lentos, passam a cantarolar sobre as águas. Sentir o perfume das flores silvestres, que maravilha! Faz lembrar os dias felizes de uma infância que passou e que os anos não trazem mais. Quantas saudades esse quadro emprestou, até mesmo o ouvir do trotar dos cavalos e presenciar a fumaça dos cigarros da Sousa Cruz de encontro aos raios solares. De regresso, um bom banho de chuveiro, um farto almoço, regado com uma cervejinha Antártica bem gela-di-inha!... Sim, em falar de Antártica realmente é a de melhor sabor, é encontrada no alto da Rodoviária, um poético local! Tomá-la, recebendo a brisa mansa do açude é um prazer.<sup>124</sup>

A paisagem da cidade de sua infância é contemplada, revelando cheiros e sons que fazem parte da memória do escritor. O autor retrata os campos, as flores e até os cheiros que compõem “os dias felizes de uma infância”.<sup>125</sup> Podemos notar a saudade descrita pelo autor, para quem, no presente, o cenário da cidade conferia outras sociabilidades.

Portanto, ao analisar os textos dos escritores Irmão Turuka e Octacílio Eulálio, podemos compreender como a escrita pode nos mostrar as sensibilidades e o olhar sobre a cidade, uma

---

<sup>123</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, jun. 2007. p.14.

<sup>124</sup> EULÁLIO, Otacílio. Passeio a cavalo. *A Luta*. Campo Maior, p. 5, 7 ago. 1977.

<sup>125</sup> EULÁLIO, Otacílio. Passeio a cavalo. *A Luta*. Campo Maior, p. 5, 7 ago. 1977.

vez que os escritores ressaltaram suas lembranças e, principalmente, as saudades da cidade da infância, que naquele momento estava sofrendo alterações. Nesse sentido, seus escritos indicavam para o leitor como era o cotidiano na cidade de Campo Maior no passado e mostram quais foram as mudanças que aconteceram até aquele momento.

### **3 URBANIZAÇÃO DE CAMPO MAIOR NAS PÁGINAS DO JORNAL A LUTA (DÉCADAS DE 1960 E 1970)**

O objetivo deste capítulo é refletir sobre as representações que o jornal *A Luta* construiu sobre a cidade de Campo Maior. As transformações urbanas na cidade, durante o período em estudo, dotaram a cidade de uma infraestrutura moderna, principalmente, com as construções de prédios, de asfaltamento, da ampliação nos serviços de água e energia elétrica. Essas construções estavam em consonância com as propostas de urbanização das cidades brasileiras na época.

Dessa forma, analisamos as principais intervenções urbanas realizadas durante os mandatos dos prefeitos Raimundo Nonato Andrade e Jaime da Paz, no recorte temporal de 1969 a 1973, que correspondem às suas administrações. As intervenções urbanas ganharam bastante destaque no periódico, principalmente nas primeiras páginas, e eram comumente anunciadas nas manchetes. Entendemos que o destaque conferia os anseios dos colaboradores em mostrar que, como outras cidades brasileiras, a cidade de Campo Maior também estaria acompanhando o progresso tão propagado no período.

O presente capítulo também tem por objetivo analisar a repercussão da construção do Monumento aos Heróis do Jenipapo no município de Campo Maior e suas relações com a memória, a história e a identidade construída no Piauí acerca do monumento e do evento que ele simboliza.

#### **3.1 Construção de obras e representações da cidade**

Na edição do dia 30 de janeiro de 1971, os leitores de *A Luta* liam um longo artigo de Carlivan. O artigo foi escrito com o objetivo de mostrar as mudanças ocorridas na cidade durante a administração do prefeito Raimundo Nonato Andrade (1967-1971) e fazer uma análise da futura administração do prefeito Jaime da Paz (1971-1973). Segundo Carlivan, a sociedade campomaiorense tinha mudado a sua mentalidade:

Hoje, contudo, ao fitarmos a fisionomia da nossa gloriosa cidade, berço esplêndido dos heróis do Jenipapo, vemos sensibilizados que a decadência cedeu lugar ao desenvolvimento. Para o nosso orgulho e de toda a população campomaiorense, criou-se outra mentalidade, renovaram-se certos costumes surgindo, dêsse modo, outra concepção da vida da comunidade. É interessante notar-se que, apesar do avanço dos tempos, a cidade rejuvenesceu. Vê-se que ela está mais cuidada, mais desenvolvida e participa também do plano de

integração nacional, lançado em boa hora pelo govêrno do Presidente Médici. Acreditamos no seu aceleramento, no seu maior progresso, quando da chegada da redentora energia da Boa Esperança. Por esta razão, ansiamos por tamanho acontecimento.<sup>126</sup>

Essa leitura feita por Carlos Ivan demonstra como estava sendo construída a representação de Campo Maior como uma cidade moderna. O primeiro aspecto seria o rejuvenescimento da cidade, sendo representada na sua estrutura física, já que o autor, posteriormente, descreve o que ele considera como “outra feição urbana”. O segundo aspecto era a integração aos projetos propostos pelos governos militares. Carlivan ainda destaca os aspectos urbanos:

Campo Maior da atualidade tem outra feição urbana com a remodelação e arborização de suas praças e avenidas; com o surgimento de novas residências dentro do estilo da arquitetura moderna, bem ao gôsto de seus habitantes. A construção do majestoso estádio de futebol merece destaque que embora o seu gramado e a sua principal via de acesso estejam a exigir melhores cuidados. Por fim a existência de um restaurante à beira do açude, fruto magnifico de um trabalho científico e sóbrio, em lugar aprazível, pode-se tornar um ponto turístico e de reuniões assíduas da população e, especialmente, dos visitantes. Solicitaríamos, simplesmente, do arrendatário maior atenção e empenho. São estas realmente, obras arrojadas e que despertam a curiosidade dos que aqui chegam, fazendo-os, facilmente, declinarem de suas opiniões adversas, conforme nosso próprio testemunho.<sup>127</sup>

O texto não mostra a cidade por completo, fazendo, intencionalmente, recortes, que evidenciam apenas as praças que estavam sendo arborizadas, as residências construídas baseadas na arquitetura moderna e o restaurante construído perto do açude. Carlivan esqueceu ou omitiu os outros espaços da cidade, destacando somente os terrenos que tinham valor comercial e turístico, como era o caso do entorno do açude, que ganhou, naquele momento, iluminação e asfaltamento.

Podemos observar, também, na escrita do redator, a euforia em relação ao governo do presidente Garrastazu Médici. Um símbolo do progresso ressaltado é a construção da Barragem de Boa Esperança<sup>128</sup>, que, naquele momento, representava a possibilidade de ampliação da distribuição de energia elétrica na cidade. José Murilo de Carvalho, analisando o período

---

<sup>126</sup> CARLIVAN. Imagem de Campo Maior. *A Luta*. Campo Maior, p. 4, 30 jan. 1971.

<sup>127</sup> CARLIVAN. Imagem de Campo Maior. *A Luta*. Campo Maior, p. 4, 30 jan. 1971.

<sup>128</sup> Cf.: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Imprensa e imagens: a construção de representações do Piauí e Teresina através de jornais diários na década de 1970. *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica*, Recife, v. 28, n. 1, jan./jun. 2010, p. 7.

chamado de “milagre econômico”, ressalta que “na época, a urbanização significava para muita gente um progresso, na medida em que as condições de vida nas cidades permitiam maior acesso aos confortos da tecnologia, sobretudo à televisão e outros eletrodomésticos”.<sup>129</sup>

A leitura sobre Campo Maior, feita por Carlos Ivan, não estava desvinculada do contexto político vivenciado no Brasil durante as décadas de 1960 e 1970. Carvalho destaca que o governo de Emílio Garrastazu Médici apresentou para a população uma “euforia econômica”. Segundo o autor, “foi também o momento em que o Brasil conquistou no México o tricampeonato mundial de futebol, motivo de grande exaltação patriótica de que o general soube aproveitar-se para aumento da própria popularidade”.<sup>130</sup>

Diante do exposto, é possível perceber como os discursos do periódico buscavam representar as expectativas do “progresso”, uma vez que as promessas sobre construção de rodovias, asfaltamento, prédios modernos e ampliação do fornecimento energia elétrica são noticiadas nas primeiras páginas, destacando, assim, a sua importância na sociedade campomaioreense.

A figura 4 mostra a manchete do jornal *A Luta* do dia 2 de março de 1969, que evidencia a visita do Ministro de Transportes, Mário Andreazza, à cidade de Parnaíba, onde seria inaugurado um trecho de estrada pavimentada. Na ocasião, foi escolhido o jornalista Alberoni Lemos Filho para fazer a cobertura do evento. O texto realça os projetos prometidos pelo ministro, principalmente a construção de estradas que iria fazer ligação da capital Teresina com todas as capitais do Nordeste e com o Sul do país.<sup>131</sup>

---

<sup>129</sup> CARVALHO, José Murilo de Carvalho. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 169.

<sup>130</sup> CARVALHO, 2008, p. 168.

<sup>131</sup> ANDREAZZA promete porto e estradas ao Piauí. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 2 mar. 1969; MIN. ANDREAZZA: - Pôrto do Piauí vem breve. *A Luta*. Campo Maior, p. 3, 2 mar. 1969.



Figura 5: Manchete do jornal A Luta.

Fonte: ANDREAZZA promete porto e estradas ao Piauí. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 2 mar. 1969.

O Ministro Mário Andreazza, dos Transportes, visitou o litoral piauiense quarta-feira passada, examinando o local onde será construído o porto de Teresina e inaugurando a rodovia asfaltada que liga Parnaíba a Luís Correia. O Ministro Andreazza prometeu que brevemente o Piauí terá seu porto e que, ainda este ano, será instalado um trapiche que receberá navios menores até que o porto esteja pronto. Para fazer a cobertura jornalística da visita do Ministro dos Transportes, A LUTA mandou o jornalista Alberoni Lemos Filho como seu enviado especial a Parnaíba. Tudo sobre a visita do Ministro está na página 3.<sup>132</sup>

Ainda que a matéria não se refira especificamente a Campo Maior, podemos notar que as propostas do Ministro de Transportes também teriam impactos na cidade, principalmente em torno da construção de estradas e asfaltamento. A historiadora Cláudia Fontineles, analisando o contexto do Estado do Piauí na década de 1970, ressalta que:

Por meio da política de integração nacional, o Governo Federal pretendia inserir os Estados do nordeste no projeto de construção do Brasil Grande Potência, proposto principalmente pelo governo do presidente Garrastazu Médici, explicitado nos planos elaborados no período, como o Plano de Metas

<sup>132</sup> ANDREAZZA promete porto e estradas ao Piauí. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 2 mar. 1969.

e Bases para a Ação do Governo, I Plano Nacional de Desenvolvimento e Plano de Desenvolvimento do Nordeste.<sup>133</sup>

As matérias do jornal em estudo voltavam suas atenções para as construções de obras e inaugurações, que, por sua vez, tinham bastante destaque no jornal, principalmente nas primeiras páginas, na qual a urbanização se tornava uma pauta constante.

Durante a década de 1970, foi publicada a enciclopédia dos municípios piauienses, organizada por Sidney Soares. Ao visitar a cidade de Campo Maior, Sidney foi recebido pelo prefeito Jaime da Paz, que concordou que o município fizesse parte da enciclopédia. Para isso, foram escolhidos os espaços mais importantes do município para serem fotografados, se restringindo apenas à zona urbana, para compor as páginas sobre Campo Maior, como mostra a matéria do jornal *A Luta*, do dia 20 de março de 1971:

O prefeito Jaime da Paz recebeu recentemente, em seu gabinete, a visita do jornalista Sidney Soares. O integrante do corpo redacional d'O DIA, de Teresina, veio entabular negócios com o chefe do Executivo municipal com vista a incluir Campo Maior na 'Enciclopédia dos Municípios Piauienses', livro que êle pretende editar no próximo mês de maio. O Prefeito Jaime da Paz encomendou ao responsável pela coluna 'Sinopse', do Jornal do Cel. Otávio Miranda, quatro páginas sobre Campo Maior, com seis fotos, dos melhores pontos da cidade: prédios do Fórum, Hospital Regional, Maternidade Sigefredo Pachêco, da praça Bona Primo.<sup>134</sup>

As seis fotografias mostravam os novos prédios construídos durante a administração anterior, do prefeito Raimundo Nonato Andrade, destacando, assim, sua importância. A justificativa da escolha do local das fotografias era que tais espaços representavam “os melhores pontos da cidade”. Assim, o prefeito desejava evidenciar que a cidade tinha uma infraestrutura moderna, destacando o fórum, o hospital e a maternidade. Mais uma vez, os usos políticos da cidade e de seus logradouros recorrem à fotografia para difundir suas ideias, reconhecendo que a fotografia é “[...] um fragmento do real escolhido pelo fotógrafo, por meio do enquadramento, do foco, da direção, do sentido, da luminosidade, da forma, da seleção do tema, dos sujeitos, do entorno e dos objetos a serem fotografados”.<sup>135</sup>

<sup>133</sup> FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e história do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2015, p. 158.

<sup>134</sup> C. MAIOR é incluído em enciclopédia. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 20 mar. 1971.

<sup>135</sup> MONTEIRO, Charles. Construindo a história da cidade através de imagens. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI; Miriam de Souza (org.) *Narrativas, imagens e práticas em história cultural*. Porto Alegre: Asterico, 2008, p. 148.

Outras fotografias produzidas no mesmo período reproduzem essa dimensão, representando uma cidade limpa, arborizada, higienizada, como pode ser vista na figura 6, que exhibe uma fotografia datada do início da década de 1970, que retrata a avenida Demerval Lobão.



*Figura 6: Avenida Demerval Lobão.*  
Fonte: Acervo Francisco de Assis Lima.

A partir das fontes analisadas, podemos compreender que a representação da urbanização de Campo Maior tanto na escrita das matérias jornalísticas quanto nas lentes dos fotógrafos, na qual se tem o objetivo de deixar para a posteridade o conjunto de transformações urbanas realizadas nas décadas de 1960 e 1970. A historiadora Ana Maria Maud, ao refletir sobre a fotografia como fonte histórica, ressalta que:

No primeiro caso, considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado – condições de vida, moda, infra-

estrutura urbana ou rural, condições de trabalho etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro.<sup>136</sup>

Como uma fonte histórica, as fotografias podem e devem ser problematizadas e questionadas, sendo uma possibilidade para entender o contexto de urbanização de Campo Maior durante o recorte analisado, pois, como nos adverte o historiador Charles Monteiro, a fotografia é “[...] uma imagem técnica de natureza híbrida – em parte produzida por processos físico-químicos e, em parte, produzida pela mão do homem –, na qual entram as concepções socioculturais do fotógrafo e as da sociedade à qual ele pertence (técnicas, estéticas, históricas, políticas, etc.)”.<sup>137</sup>

No período em estudo, foram construídos o Terminal Rodoviário e o Mercado Público Municipal. A construção do Terminal Rodoviário estava em consonância com as propostas de urbanização no que se refere ao setor de transporte. O jornal *A Luta* informava, em 1972, que:

A Estação Rodoviária será uma realização feita no menor espaço de tempo do que se imaginava. O prefeito Jaime da Paz vai iniciá-la já na próxima 2ª feira e pretende terminá-la antes do dia 31 de janeiro de 73, quando deixará o mandato. A Construtora Penta Ltda, de Teresina, já entregou ao chefe do Executivo o projeto para a construção da primeira Rodoviária do Estado, em que vai entrar a importância de aproximadamente 200 mil cruzeiros, arrecadada com a venda de ações da Petrobrás de propriedade da Prefeitura. A edificação, a ser feita dentro de uma área de 1.206.09 m<sup>2</sup>, constará de um andar térreo com duas pistas para embarques e desembarques e 6 lojas de comércio; de um andar superior com salas para a administração, 6 guichês, 1 agência dos Correios, 1 posto policial, 1 posto telefônico, 1 farmácia, 1 restaurante, 1 bar, 3 lanchonetes, 1 barbearia, 1 souvenir, etc.; de uma jardineira; de estacionamento para veículos diversos. A área de construção limita-se com as ruas Siqueira Campos, Francisco Conrado, Cap. Manoel Oliveira e Santa Maria. Para melhor efeito urbanístico, um quarteirão inteiro será demolido para descortinar a fachada do prédio e ali, construída uma praça.<sup>138</sup>

O título da matéria é bem sugestivo, ao afirmar que a obra seria construída em tempo acelerado, mostrando como estava em pauta, na administração de Jaime da Paz, a construção de obras em um curto tempo de espaço. Notamos como a matéria destaca as novidades que, após construída a Rodoviária, iriam surgir, tornando-se, além de um espaço para o embarque e

<sup>136</sup> MAUAD, Ana Maria. *Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*. Niterói: Editora da UFF, 2008, p. 37.

<sup>137</sup> MONTEIRO, 2008, p. 148.

<sup>138</sup> RODOVIÁRIA será construída em ritmo acelerado. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 13 ago. 1972.

desembarque de passageiros, também, um lugar de sociabilidades, tendo em vista a quantidade de espaços que poderiam usufruir.



Figura 7: Terminal Rodoviário em fase de construção.  
Fonte: Acervo Francisco de Assis Lima.



Figura 8: Terminal Rodoviário década 1970.  
Fonte: Banco do Nordeste do Brasil.

A partir das fotografias (figuras 7 e 8), podemos perceber que a construção do Terminal Rodoviário possibilitou o calçamento e arborização do entorno. Isso pode ser entendido pela importância dada à urbanização, em que a representação que se queria construir, naquele momento, seria a de uma cidade que estava integrada aos discursos de progresso.

Assim, entendemos o contexto da construção dessas obras e seu sentido na urbanização de Campo Maior, que visava criar um embelezamento, na medida em que o Terminal Rodoviário foi configurado como um local de passagem para aqueles que entram e saem. Os símbolos de Campo Maior, enquanto uma cidade moderna, deveriam começar ali, fazendo as pessoas se deslumbrarem com as inúmeras possibilidades oferecidas. O jornal *A Luta* informava, em 1973, que:

A Estação Rodoviária de C. Maior, que vai se constituir no único ponto de estacionamento da zona urbana e suburbana da cidade para embarque e desembarque de passageiros de todos os ônibus de que transitam por esta cidade. O Serviço de Trânsito fiscalizará o embarque e desembarque de passageiros fora da Estação e aplicará a multa cabível às empresas infratoras.<sup>139</sup>

A reportagem ressalta uma mudança que iria começar após a inauguração da Estação Rodoviária, levando os ônibus a obedecerem às novas regras estabelecidas. Portanto, a ideia de modernização da cidade perpassa o cotidiano, que deveria seguir os novos preceitos, diante das transformações do espaço urbano. Como afirma o historiador Antônio Paulo Rezende, ao estudar a cidade de Recife, na primeira metade do século XX:

Rapidez, conforto e higiene foram palavras de ordem da modernização, pois correspondiam às necessidades de se libertar de um cotidiano anterior, marcado pelo pouco interesse em acelerar as mudanças. O progresso chocava-se com a tradição, ele tinha pressa.<sup>140</sup>

Esse desejo de acelerar as mudanças foi encontrado nas transformações urbanas da cidade de Campo Maior, principalmente na necessidade de novas construções. As construções do Terminal Rodoviário e do Mercado Público Municipal apresentavam a promessa de conforto para a população.

---

<sup>139</sup> JAIME inaugura dia 29 a primeira Estação Rodoviária do Estado. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 21 jan. 1973.

<sup>140</sup> REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)encantos modernos: Histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: Editora UFPE, 2016, p. 100.

Uma das discussões encontradas no periódico em estudo dizia respeito à sujeira no Mercado Público. Os colaboradores e redatores não poupavam suas críticas, cobrando do prefeito Jaime da Paz as melhorias necessárias em torno da higienização do mercado:

Apesar da política de urbanização e higiene não haver sido esquecida pela administração municipal, reclama-se o sujo nas proximidades do mercado de frutas e verduras. As descargas feitas ali de caminhões que trazem os produtos de cidades vizinhas e do interior, ocasionam o sujo que várias das vezes não é recolhido pelos garis. Também as pessoas que compram frutas e ali mesmo, após comerem, deixam as cascas. Há, outrossim, várias outras maneiras de provocar sujeira naquele logradouro, proliferam os insetos e micróbios. Os encarregados da limpeza pública muitas das vezes não cuidam da sua função, decerto com o desconhecimento do Prefeito Jaime da Paz, que tem, sem dúvida, dado esforço seu para primar a sua administração.<sup>141</sup>

A reportagem inicia elogiando a administração do prefeito, porém, a atuação da prefeitura na higienização do mercado é criticada, uma vez que os hábitos das pessoas que ali frequentavam causavam sujeira naquele espaço. A denúncia evidencia a relação entre a urbanização da cidade e os modos como os cidadãos deveriam se comportar, visto que é cobrada a fiscalização da prefeitura. Isso põe em evidência como naquela configuração histórica a sujeira era considerada como um problema que deveria ser tratado com cuidado especial. Ao estudar o contexto da cidade de Teresina, o historiador Francisco Alcides do Nascimento observa que “Teresina passa a ser pensada, desejada como uma cidade moderna, mas para ser moderna precisava ser limpa, e a limpeza passava pela higiene dos corpos dos moradores”.<sup>142</sup> Mesmo que o contexto histórico analisado seja a cidade de Teresina, o estudo de Nascimento nos ajuda a entender como era tratada a questão da higiene e limpeza na década de 1970. Assim, observamos esse aspecto na matéria sobre o Mercado Público da cidade de Campo Maior, que chama a atenção da prefeitura, no sentido de tornar aquele espaço limpo.

É importante reiterar que existiam críticas sobre a urbanização da cidade nas matérias jornalísticas e nas colunas de opinião. Sobre a coluna “O povo reclama”, a reportagem intitulada “Jaime aceita críticas construtivas” mostrava que o prefeito agradeceu as sugestões e afirmava que as reclamações publicadas na coluna seriam atendidas.<sup>143</sup> O título é revelador, uma vez que,

<sup>141</sup> SUJEIRA no mercado de frutas. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 29 nov. 1971.

<sup>142</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cidades das Letras. In: MONTEIRO, Charles; NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; ARRAES, Ricardo; NASCIMENTO, Francisco Alcides do; MATOS, Maria Izilda Santos de; AVELINO, Yvone Dias. (Org.) *Cidades: representações, experiências e memórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2017, p. 22.

<sup>143</sup> JAIME aceita críticas construtivas. *A Luta*, Campo Maior, s/p, 27 fev. 1971.

diante das reclamações, chama a atenção para a postura democrática do prefeito. Nesse sentido, o jornal dava bastante destaque aos elogios à gestão municipal.

A higienização do mercado foi pauta de edições anteriores no periódico, como, por exemplo, na edição do dia 12 de junho de 1971, em que informava que “[...] o Mercado Público com novas condições higiênicas, pois passou por um processo de limpeza pelo Prefeito Municipal”.<sup>144</sup> Além disso, na edição também foi mostrado “um apanhado que fizemos nos quatros meses de gestão do governo de Jaime da Paz”.<sup>145</sup> Com base nisso, podemos entender que, além dos interesses de higienização, também havia o interesse de divulgar, no jornal, as realizações da prefeitura. Isso diz muito sobre como a cidade de Campo Maior era representada no periódico, seguindo as propostas de urbanização do período estudado.

No contexto em estudo, podemos observar a relação da urbanização com a construção de obras. Ao estudar o contexto piauiense, a pesquisadora Cláudia Fontineles esclarece que “[...] construir, reformar, transformar tornou-se um imperativo administrativo para os governos Federal e locais de então” e, ainda, “[...] o progresso seria filho do concreto, do ferro e do vidro ou de qualquer ação que os usasse como veículos de ação”.<sup>146</sup> Nessa perspectiva, compreendemos como, na cidade de Campo Maior, a construção de obras buscava inserir a cidade nas propostas de urbanização em vigor na época.

Foi durante esse contexto que ocorreu a construção do novo Mercado Público. Em uma reportagem, publicada em 30 de setembro de 1972, foi realçada a inauguração do mercado como mais uma obra do prefeito Jaime da Paz. Em relação ao destino do antigo prédio do mercado, o texto afirmava que seria demolido e o seu espaço poderia dar lugar às novas construções:

O prefeito Jaime da Paz, que vem realizando obras de vulto, acertou para outubro, mas sine die, a inauguração de sua realização maior – o Mercado Modelo do Piauí. Todas as bancas para venda de carnes e salas para comércio varejistas já estão alugados. O chefe do Executivo está fazendo reforma no mercado de frutas e verduras, instalando 4 bancas para venda de carnes, solicitadas ao prefeito pelos verdureiros para não prejudicá-los, já que não houve mais lugar para eles no mercado novo em face da completa afluição de interessados. Quanto ao mercado velho, ficará fechado totalmente. Jaime da Paz vai entregar seu destino ao sucessor. Mas sugere que o antigo prédio seja demolido para a construção de uma praça, da biblioteca municipal ou do hotel. Sobre o hotel, disse o prefeito que incluirá seu erguimento no orçamento programa para 73. A decisão de sua construção caberá a Dácio Bona.<sup>147</sup>

<sup>144</sup> A *LUTA*, Campo Maior, p.1, 12 jun. 1971.

<sup>145</sup> A *LUTA*, Campo Maior, p.1, 12 jun. 1971.

<sup>146</sup> FONTINELES, Cláudia Cristina Da Silva. Patrimônios arquitetônicos em Teresina: combates pela memória (década de 1970). *Revista História & Perspectivas*, v. 29, n. 54, ago. 2016. p. 171.

<sup>147</sup> JAIME inaugurará mercado em outubro. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 30 set. 1972.

O jornal enfatizava em suas páginas que a construção do novo mercado, na avenida José Pauliano, chamava atenção por ser uma das obras de grande porte da administração de Jaime da Paz. O jornal ressalta que a venda das bancas foi bastante disputada, sendo destinado um outro local para os vendedores de frutas e legumes. Talvez isso tenha sido proposto como forma de realçar a grandiosidade da obra. O mesmo ocorre ao tratar essa construção como o mercado modelo para o estado do Piauí, tentando situar-se no contexto de inovações tão divulgado como estando em sintonia com as propostas arquitetônicas defendidas no período.

Na matéria analisada, podemos observar que foi conferida ao prefeito Dácio Bona<sup>148</sup> a decisão sobre o destino do prédio do antigo Mercado. Isso também teve repercussões no *A Luta*, na qual José Rodrigues de Miranda, diretor do periódico, foi contrário à demolição do prédio, através de texto publicado em 1972 intitulado “A demolição”:

E vem a interrogação. Por que não se evita essa demolição desnecessária e improcedente, embora sabendo-se que a Prefeitura não fará nenhuma despesa na limpeza do terreno, transformando o que era antes um Mercado num prédio para receber, englobando-os ali, todas as repartições federais e estaduais aqui sediadas e dispostas em diferentes pontos da cidade? Ademais, afóra isso, estaria resguardado aquilo que em passado remotíssimo se constituiu em grande esforço e dedicação às coisas da gleba-berço de dois administradores que marcaram época com a construção do Mercado que a terra reclamava, como acontece hoje com esse trabalho gigantesco de realizador-mor em todos os tempos na história deste glorioso Município. Naquela época era o Mercado de que carecia a gente resumida e acanhada do lugar, mas que nem por isso deixava de ter o seu valor e que com poucas transformações e cuidados higiênicos, serviu até o dia 14 de outubro deste 1972. Portanto, teve ele, mesmo nos moldes em que foi construído, uma serventia pública de 45 anos, quase alcançando o cinquentenário de pleno atendimento aos hábitos cotidianos da gente do passado e do presente.<sup>149</sup>

O trecho citado denota a importância do prédio para a história da cidade de Campo Maior, uma vez era um espaço de convívio dos cidadãos desde sua construção, criando, assim, afetividades com aquele espaço. Isso remete às proposições da pesquisadora Raquel Ronilk quando afirma que:

Na cidade-escrita, habitar ganha uma dimensão completamente nova, uma vez que se fixa em uma memória que, ao contrário da lembrança, não se dissipa com a morte. Não são somente os textos que a cidade produz e contém

---

<sup>148</sup> Dácio Bona nasceu em Campo Maior no dia 1 de novembro de 1920. Formou-se em Odontologia pela Universidade Federal do Pará. Foi prefeito na cidade de Campo Maior no período de 1973 a 1977. Cf.: LIMA, 1995, p. 153-154.

<sup>149</sup> MIRANDA, José. A demolição. *apud* LIMA, 1995, p. 304.

(documentos, ordens, inventários) que fixam esta memória, a própria arquitetura urbana cumpre também este papel.<sup>150</sup>

A discussão sobre os problemas no Mercado Público apareceu durante a administração de Raimundo Andrade. Um texto, elaborado pelo colaborador Antônio Andrade Filho, conhecido por Irmão Turuka, escrito em 1969, revela como, naquele ano, o Mercado Público era visto como obsoleto. A sua narrativa informa que, até meados da década de 1920, a cidade possuía açougues. No texto “Marchantes e Magarefes”, Irmão Turuka aponta os nomes dos açougueiros e as sociabilidades desenvolvidas naqueles espaços. O escritor admite que os açougues não possuíam higiene e, no mesmo parágrafo, expõe a motivação de sua escrita: “Os açougues eram verdadeiros cubículos salitrados, sem higiene é verdade, mas de grande prestimosidade. Impossível falar dos pioneiros que a história não registrou; descrevo aqueles que em menino conheci ou dêles houvi falar”.<sup>151</sup>

O texto escrito por Irmão Turuka é importante para esta pesquisa, posto que sua escrita se deu no período em que já existia o debate sobre a construção do novo Mercado Público. A relação das memórias do autor com o tempo vivido por ele pode ser observada nos parágrafos finais do texto. Após lembrar sobre os principais açougueiros da cidade, durante os primeiros anos do século XX, o autor relata os acontecimentos, no momento de sua escrita:

O tempo passa depressa. Hoje o bonito mercado está sendo considerado antiquado e ruim. Para substituí-lo, o Prefeito já se munuiu de moderna planta e amplos terrenos para a arrojada construção segundo a planta encomendada. Vejamos quantos anos êle vai servir. Deixei para o fim, falar dos dois mais autênticos marcos do abastecimento de carne em Campo Maior. Trabalharam juntos e sempre foram bons amigos: o honrado Francisco Conrado de Araújo e o velho magarefe João Paraguai.<sup>152</sup>

O novo mercado, mesmo sendo ainda um projeto, já era considerado como uma obra moderna. Assim, no texto de Irmão Turuka, podemos perceber como, a partir da escrita, desejava-se combater o esquecimento daqueles que contribuíram com o abastecimento de carne, antes da construção do Mercado Público. Isso faz lembrar o que afirma Lucília de Almeida Neves Delgado sobre o memorialista:

Como narrador, o memorialista reconstrói lugares perdidos pela inexorável transformação paisagística da urbe. Reconstrói, buscando nas réstias do

<sup>150</sup> RONILK, Raquel. *O que é cidade?* São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 16-17.

<sup>151</sup> TURUKA, Irmão. Marchantes e magarefes. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 2 mar.1969.

<sup>152</sup> TURUKA, Irmão. Marchantes e magarefes. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 2 mar.1969.

passado imagens paradoxais, intactas nas suas lembranças, mas na realidade transfiguradas, transformadas em novos espaços, que representarão para as novas gerações outras imagens, que se tornarão suportes de novas memórias (memória em movimento).<sup>153</sup>

Podemos observar a relação entre o passado e o presente da cidade, em que o autor demonstra o entendimento de que o “tempo passa depressa” e que o “bonito mercado”<sup>154</sup> era considerado antiquado para aquele momento. Isso porque “reencontrar temporalidades é também reencontrar lugares e identidades”.<sup>155</sup> Portanto, ao analisar o texto publicado no jornal, percebemos como a escrita pode nos mostrar as sensibilidades e o olhar sobre a cidade, uma vez que o escritor ressaltava suas lembranças sobre o mercado, que, naquele momento, estava sofrendo alterações. Nesse sentido, concordamos com Sandra Pesavento, quando afirma que:

A modernidade urbana propicia pensar tais tipos de representação: aqueles referentes aos planos e utopias construídas sobre o futuro da cidade, inscrevendo uma cidade sonhada e desejada em projetos urbanísticos. Realizados ou não, eles são a inscrição de uma vontade e de um pensamento sobre a cidade e, logo, são matérias da história, porque fazem parte da capacidade imaginária de transformar o mundo. Assim como pensa o seu futuro, a cidade inventa o seu passado, sempre a partir das questões do seu presente.<sup>156</sup>

Notamos, com isso, como as construções e os embelezamentos na cidade eram tratados nas matérias jornalísticas como importantes, no sentido de tornar a cidade saneada e bela. Nesse viés, nas colunas de opinião, destinadas às cartas de leitores, existiam críticas em torno das permanências de elementos que deixavam a cidade “feia”, fora dos padrões propostos pelos discursos oficiais. A nível de exemplo, podemos citar a reclamação publicada na coluna “O povo reclama”, em 1971, em que se criticava a permanência dos postes de madeira:

A CEPISA implantou potentes postes de cimento há aproximadamente 3 anos. Mas os antigos postes de madeira permanecem em seus lugares, enfeando a cidade. É verdade que alguns deles foram arrancados, muito bem; mas, para que haja aplausos, é necessária a retirada de todos. A culpa pela manutenção dos postes velhos é aparentemente da CEPISA. Entretanto, é, na verdade, a TELEPISA a responsável, uma vez que, até hoje, a empresa não transferiu os fios telefônicos dos postes de madeira para os de cimento. O povo, que zela

<sup>153</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Literatura, memória e cidades: interseções. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 137-145, mar. 2004. p. 141.

<sup>154</sup> TURUKA, Irmão. Marchantes e magarefes. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 2 mar.1969.

<sup>155</sup> DELGADO, 2004. p. 140.

<sup>156</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, São Paulo: ANPUH, v. 27, n. 53, p. 11-23, jan./jun. 2007. p. 17.

pelo urbanismo de sua cidade, pede que a TELEPISA (que lhe não tem dado desgosto) faça êsse reparo para serem ‘banidos’ os tradicionais postes.<sup>157</sup>

No trecho citado, o jornal publica que a permanência dos postes de madeira prejudicava o embelezamento da cidade, pois sua presença era o oposto do que se esperava que deveria ser adotado nos espaços urbanos. Nesse sentido, notamos o destaque dado pelo noticioso, ao chamar a atenção das autoridades sobre essa questão.

Desse modo, esses textos representam as intervenções urbanas, como a construção de novos prédios e o embelezamento dos logradouros da cidade de Campo Maior e como isso possui ressonância no cotidiano de seus habitantes. Como afirma Ana Fani Alessandri Carlos, a paisagem urbana “[...] revela um ‘fazer-se incessante’ que tende a aniquilar o que está produzido criando sempre novas formas, marcando o processo de estranhamento do indivíduo, habitante da grande cidade”.<sup>158</sup>

Ao mesmo tempo que o jornal noticiava o cotidiano da cidade, também procurava interferir nas decisões tomadas pelas autoridades no município, ou seja, o periódico não se contentou em informar a respeito do contexto histórico, mas ele propôs intervenções, ou seja, também interferiu nas decisões.

### **3.3 Monumento aos Heróis do Jenipapo: História, identidade e disputas pela memória**

A Batalha do Jenipapo, ocorrida em 1823, é comemorada no dia 13 de março, data em que é feriado no município de Campo Maior. Nas escolas e nos meios de comunicação, a data é sempre lembrada com uma programação especial, mostrando a importância do acontecimento no município, principalmente o heroísmo dos campomaiorenses ao lutar pela unidade nacional. Por essa razão, o município também é conhecido como o “Berço dos Heróis”.

As relações entre história, memória e identidade podem ser observadas na construção narrativa em torno da Batalha do Jenipapo. A Historiografia Piauiense aponta que historiadores destacaram a importância do conflito no contexto das lutas pela Independência. Iara Moura ressalta que “Sobre este assunto, observamos que na maioria dos relatos históricos existe muita

---

<sup>157</sup> O POVO reclama. *A Luta*. Campo Maior, p. 6, 27 fev. 1971.

<sup>158</sup> CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: FFLCH, 2007, p. 48.

exacerbação em relação a este episódio e a seus participantes, os quais são descritos como valentes e patrióticos heróis”.<sup>159</sup>

A pesquisadora ainda destaca que a produção historiográfica, do final do século XIX até a metade do século XX, privilegiou os personagens de elite, que correspondiam a “figuras ilustres que se destacaram nas áreas militar, econômica, e administrativa do Estado do Piauí”.<sup>160</sup> A autora ressalta, também, que as pesquisas de Pe. Chaves, Claudete Dias e Adrião Neto “[...] passaram a legitimar o povo simples – vaqueiros e roceiros – como pontos de referência para a identidade piauiense”.<sup>161</sup>

A participação do povo simples na Batalha do Jenipapo ressoa com intensidade nos textos escritos sobre Campo Maior, tornando-se parte da identidade do município. No tópico “Aspectos gerais do município de Campo Maior”, do livro *Geração Campo Maior: anotações para uma enciclopédia*, o escritor Reginaldo Gonçalves de Lima destaca a importância da Batalha do Jenipapo para o município de Campo Maior e para o estado do Piauí:

Na batalha do Jenipapo não houve vencedores e nem vencidos. Houve sim, heróis de um lado, os piauienses, e do outro, um exército poderoso, o de Fidié, destroçado pela bravura e coragem de patriotas sem formação militar – em sua grande maioria vaqueiros e agricultores armados de foices, facões, chuços e velhas espingardas.<sup>162</sup>

Na escrita de Reginaldo Miranda, a bravura e o patriotismo conferiam a marca das ações dos piauienses durante a Batalha. A narrativa em torno do heroísmo permaneceu a tônica central contida nos escritos sobre o conflito.

Assim, é importante salientar o papel desenvolvido pelos homens letrados na escrita sobre a Batalha do Jenipapo. Para tal, toma-se a produção escrita dos colaboradores do jornal *A Luta*, periódico que circulou na cidade de Campo Maior no recorte estudado. O periódico, durante as datas comemorativas da Batalha do Jenipapo, publicou textos de escritores, e as ações políticas em torno da proposta de construção do monumento, no local onde ocorreu a Batalha do Jenipapo.

---

<sup>159</sup> MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda Moura. A Batalha do Jenipapo e seus heróis: símbolos de uma piauiensidade. In: SILVA, Cleide Maria de Carvalho; SILVA, Márcio Douglas de Carvalho e; SILVA, Ronyere Ferreira da. (Org) *História, memória e práticas de ensino*. Teresina: EDUFPI, 2019, p. 49.

<sup>160</sup> MOURA, 2019, p. 50.

<sup>161</sup> MOURA, 2019, p. 53.

<sup>162</sup> LIMA, Reginaldo Gonçalves de. *Geração Campo Maior: anotações para uma enciclopédia*. Teresina: Gráfica e Editora Júnior Ltda, 1995, p. 31.

Em 13 de março de 1971 foi publicada, na primeira página do jornal *A Luta*, a campanha promovida pelos escritores Otacílio Eulálio e Antônio Andrade Filho, este último conhecido como Irmão Turuka, intitulada “Campanha deverá ser a Luta de todos”. A campanha visava sensibilizar a população para colaboração de ajuda financeira para a construção do monumento:

Otacílio Eulálio com Antônio Andrade Filho – O Irmão Turuka – encetaram um movimento meritório entre março e abril de 1970, no sentido de se construir o sonhado monumento alusivo ao grande ato de bravura de campomaiorenses no dia 13 de março de 1823. E em conta – de n.º 31.001 – foi aberta por Otacílio e Irmão Turuka no Banco do Brasil SA, agência de Campo Maior em nome do primeiro, pró construção do monumento aos heróis do Jenipapo. Ontem, a pedido de Otacílio Eulálio, o que fôra solicitado por nossa reportagem, um extrato da conta foi expedido pelo Banco do Brasil, que mostra a quantia de 192 cruzeiros, depositada até esta data. E quem toma ciência dêsse valor diz que ainda é muito pequeno, haja vista que a obra sonhada deve ser verdadeiramente monumental. A sua conta, porém, continua aberta, à espera dos que amam a sua terra e os seus heróis.<sup>163</sup>

Para mobilizar a população, o jornal dava destaque à bravura dos participantes da Batalha e destacava a declaração dos promotores da iniciativa, segundo os quais a obra deveria ser monumental. Isso mostra como a construção do monumento era importante para a sociedade campomaiorenses. Jean Sirinelli, ao estudar as elites culturais, ressalta que “[...] muitos intelectuais se julgarão implicitamente habilitados a envolver-se na defesa de grandes causas, em nome da sua qualidade de peritos reconhecida no espelho social”.<sup>164</sup>

Assim, podemos perceber que a atuação desses escritores ocorria tanto pela escrita quanto pela defesa de causas, como o caso da proposta de construção do monumento que, segundo a campanha, deveria ter o apoio de toda sociedade campomaiorenses. É possível notar a relação entre memória e identidade no momento em que a matéria chama a atenção para o apoio “dos que amam a sua terra e os seus heróis”. Segundo Michel Pollak, “[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”.<sup>165</sup>

As publicações de textos sobre a Batalha do Jenipapo, principalmente durante as comemorações, indicam as maneiras de tentar preservar a memória e, principalmente, o seu

---

<sup>163</sup> CAMPANHA deverá ser a Luta de todos. *A Luta*, Campo Maior, p.1, 13 de mar. 1971.

<sup>164</sup> SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In RIOUX, Jean-Pierre SIRINELLI; Jean-François (Org.) *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p. 263.

<sup>165</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p.200-212, 1992. p. 204

relacionamento com a identidade campomaiorense. Segundo Joël Candau, “[...] todo aquele que recorda domestica o passado e, sobretudo, dele se apropria, incorpora e coloca sua marca em uma espécie de selo memorial que atua como significante da identidade”.<sup>166</sup>

Dessa maneira, ao mesmo tempo em que promoviam uma campanha para a construção do monumento, também buscavam, a partir da escrita, ressignificar a Batalha do Jenipapo, inscrevendo-se eles também nessa escrita, pois “certos escritores passam mesmo a ser, a este respeito, símbolos das expectativas ou das sensibilidades de uma época”.<sup>167</sup>

As propostas para homenagear os Heróis do Jenipapo não tiveram início na década de 1970. Segundo a pesquisa de Francisco Assis Lima, já na década de 1920, Antônio Maria Eulálio Filho, na época em que foi conselheiro da Câmara Municipal, conseguiu aprovar decreto de lei que “[...] destinava recursos para a construção de um obelisco em homenagem aos mortos na Batalha do Jenipapo”.<sup>168</sup> Segundo o pesquisador, o obelisco foi inaugurado durante as comemorações do Centenário da Independência, no dia 7 de setembro de 1922.<sup>169</sup>

Na década de 1970, os escritores requisitaram um monumento que mostrasse a grandiosidade da Batalha do Jenipapo. Dessa forma, acreditava-se que, a partir de sua construção, a memória em torno do acontecimento poderia ser preservada e, principalmente, valorizada. Isso remete às imbricações do monumento à memória, por meio da afetividade, pois:

A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar.<sup>170</sup>

Nas fontes consultadas, fica perceptível a relação afetiva e familiar em torno da construção do Monumento aos Heróis do Jenipapo. Nos dados biográficos de Octacílio Eulálio, no livro *Geração Campo Maior*, o escritor é considerado como “[...] o mais pertinaz lutador para a construção do Monumento do Jenipapo, em homenagem aos heróis da independência do

<sup>166</sup> CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2019, p. 74.

<sup>167</sup> SIRINELLI, 1998, p. 267.

<sup>168</sup> LIMA, Francisco de Assis. *A Batalha: O reconhecimento*. Campo Maior: Edição do autor, 2009, p. 57.

<sup>169</sup> LIMA, 2009, p. 57

<sup>170</sup> CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade; Editora UNESP, 2017, p. 18.

Piauí. Foi o iniciador do movimento pró-construção”.<sup>171</sup> Os relatos de memória sobre Octacílio Eulálio também demonstram a afetividade que o escritor manifestava ao explicar seu desejo em construir o monumento, uma vez que a memória em torno da Batalha do Jenipapo passou a fazer parte da própria vida pessoal do escritor. Ao rememorar suas vivências com Octacílio, Zeferino Alves Neto ressalta que:

Um dia Octacílio chegou mais alterado do que o normal. Narrou com toda a seriedade um sonho, quase pesadelo, que tivera na noite anterior. Sonhou que estava lutando na batalha do Jenipapo. Gritos de guerra, tiros, sangue e morte. Todo mundo sabia da verdadeira obsessão de Octacílio pela história da batalha do Jenipapo, onde inclusive haviam tombado antepassados seus. Turuka tentou de todo jeito interpretar o sonho do amigo do ponto de vista kardecista, ou seja, Octacílio tinha de fato lutado na batalha, encarnado num dos seus antepassados. Essa visão deixava Octacílio entre a cruz e a espada, literalmente. Por um lado, seria fascinante ter convicção de que lutara na batalha do Jenipapo. Por outro, a ortodoxia católica que professava não lhe permitia admitir a idéia de reencarnação. Resultado: os sonhos se tornaram recorrentes.<sup>172</sup>

Podemos inferir, por meio da análise das lembranças de Zeferino Neto, a relação afetiva e familiar mantida por Octacílio Eulálio ao evento tão aclamado, visto que seus antepassados haviam participado na Batalha do Jenipapo. A narrativa nos mostra que o escritor contemplava o acontecimento muito além das comemorações cívicas realizadas no dia 13 de março. À medida que Zeferino narra suas vivências com Octacílio Eulálio, principalmente dando destaque à importância da Batalha do Jenipapo na sua vida, ressalta as “heranças identitárias e das tradições”, pois:

As narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições. Narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são caracterizadas pelo movimento peculiar à arte de contar, de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo.<sup>173</sup>

O contexto da construção do Monumento, na década de 1970, durante o governo de Alberto Silva, suscitou as disputas de memória entre os aliados do governador que o consideravam o precursor na defesa da construção e os que defendiam o pioneirismo da atuação

---

<sup>171</sup> LIMA, 1995, p. 253.

<sup>172</sup> ALVES NETO *apud* LIMA, 2009, p. 121.

<sup>173</sup> DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, n. 6, p. 9-25, 2003. p. 21-22.

dos escritores locais nessa empreitada. O jornal *A Luta* veiculou alguns desses embates. Em várias matérias, buscou-se reconhecer a atuação dos letrados na proposta de construção do monumento, em especial, a atuação de Octacílio Eulálio.

A construção do Monumento aos Heróis do Jenipapo ocorreu na década de 1970, durante o governo de Alberto Silva. A escolha do local da construção – onde teria ocorrido o sepultamento dos combatentes da Batalha do Jenipapo<sup>174</sup> – pode ser visto pelo seu significado histórico, principalmente no sentido patriótico. Segundo afirma Maristela Rodrigues, o governo de Alberto Silva “[...] concentrou esforços para impulsionar o lado histórico-cultural piauiense, pois enxergava a possibilidade de beneficiar o estado e seu governo”.<sup>175</sup> A autora ainda ressalta as comemorações cívicas realizadas durante o governo de Alberto Silva, ao qual “[...] criou-se a imagem de um povo heroico, com um passado de luta. As homenagens reclamavam a ação de cada brasileiro, deixando claro que deveriam se orgulhar e trabalhar pelo Brasil”.<sup>176</sup>

Em dezembro de 1971, o jornal *A Luta* noticiava a visita do arquiteto Raul Cisne e do jornalista A. Tito Filho<sup>177</sup> ao município de Campo Maior, para conhecer o local onde seria construído o monumento:

Estiveram a 13 dêste em Campo Maior o jornalista Tito Filho e o arquiteto mineiro Raul Cisne, responsável pela construção do estádio ‘Albertão’<sup>178</sup>, visitando o cenário da Batalha do Jenipapo, com o auxílio do sr. Achilles Rocha. O arquiteto vai fazer o projeto de um monumento alusivo ao feito, para o que foi contratado pelo Governador Alberto Silva. No gabinete do Prefeito Jaime da Paz, o técnico Raul Cisne expressou sua grande impressão pelo local, segundo êle belíssimo para que se erga um monumento à altura, com museu, motel, pista e bosque, para boa atração turística. Por sua vez, disse o Prof. Tito Filho que o heróico episódio permanece, a quase 150 anos, infelizmente, ausente dos compêndios da história pátria, injustiça das maiores,

---

<sup>174</sup> CHAVES, Monsenhor. *Obra completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998; NEVES, Abdias. *A guerra do Fidié*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985; COSTA, Francisco Augusto Pereira da. *Cronologia histórica do Estado do Piauí*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

<sup>175</sup> RODRIGUES, Maristella Muniz. *Entre comemorações cívicas e lutas pela construção da memória: a política cultural do governo Alberto Silva*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018. p. 99.

<sup>176</sup> RODRIGUES, 2018, p. 101.

<sup>177</sup> José de Arimathéa Tito Filho nasceu no município de Barras, estado do Piauí, no ano de 1924. Atuou como jornalista nos jornais da cidade de Teresina e foi presidente da Associação Profissional dos Jornalistas do Piauí e presidente da Academia Piauiense de Letras. Também atuou como professor em escolas e faculdades na cidade de Teresina. Publicou livros, como “Teresina, meu amor”, “Praça Aquibadã, sem número”, “Sermões aos Peixes”, dentre outros.

<sup>178</sup> Cf.: FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. O cenário esportivo como arena de disputas políticas: entre a memória recitada e o apagamento de rastros. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 43, p. 428-441, 2017.

acrescentando que foi uma batalha sangrenta e decisiva para a independência do Norte, que, não fôsse ela, permanecesse anos sob o jugo luso.<sup>179</sup>

O primeiro objetivo seria a valorização turística, uma vez que, além do monumento, seriam construídos um museu, motel, pista e bosque. O segundo objetivo seria conferir importância à Batalha do Jenipapo no contexto da independência do Brasil, recorrendo, para tanto, às afirmações de A. Tito Filho, um prestigiado homem das letras no Piauí. A matéria salienta a relevância da Batalha para a consolidação da emancipação política do país, cuja importância era desconhecida devido à ausência de registros nos livros de História do Brasil.

Na presente pesquisa, consideramos o Monumento aos Heróis do Jenipapo como uma possibilidade para pensar a relação da sociedade com o passado e com o presente, sendo assim, encarado por nós como um documento, na perspectiva do que fora enunciado por Jacques Le Goff, para quem “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”.<sup>180</sup>

A construção do monumento se deu no contexto em que se valorizava a construção de grandes obras arquitetônicas, tanto no cenário nacional quanto localmente. Na capital Teresina, durante o governo de Alberto Silva, foram construídas inúmeras obras, consideradas símbolos da modernização. Segundo a historiadora Cláudia Cristina da Silva Fontineles:

Quando, no Piauí, anseia-se por um projeto de desenvolvimento e de progresso, chancela-se esse projeto em um modelo que lhe dê sustentação e, mais que isso, que exija sua manifestação. É o que ocorre durante a década de 1970, cuja principal promessa é o desenvolvimentismo pautado nas gigantescas obras públicas que dessem visibilidade à atuação estatal junto à sociedade.<sup>181</sup>

Nas fontes analisadas, a construção do Monumento aos Heróis do Jenipapo era tratada com bastante euforia, pois, enquanto uma obra gigantesca, garantia a valorização da Batalha do Jenipapo e também promoveria o turismo no município. O projeto arquitetônico do monumento foi feito pelo arquiteto mineiro Raul de Lagos Cirne, também responsável pela construção do

---

<sup>179</sup> ISTO é alvissareiro: visitaram o Jenipapo arquiteto e Tito Filho. *A Luta*, Campo Maior, p.1, 18 dez. 1971.

<sup>180</sup> LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 2003, p. 535-536.

<sup>181</sup> FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2015, p. 214.

Estádio Albertão<sup>182</sup>. Nesse sentido, o monumento seria mais uma das obras modernas construídas pelo governador Alberto Silva, garantindo a imagem de um estado próspero.<sup>183</sup>

O jornal *A Luta*, em 1973, anunciava com entusiasmo a imagem do projeto do monumento (figura 9), dando-lhe destaque na primeira página.



Figura 9: Projeto do Monumento.

Fonte: UM SONHO que se tornará realidade: Eis o projeto do grandioso Monumento do “Jenipapo”. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 8 abr. 1972.

A matéria “Um sonho que se tornará realidade” evidencia que a inauguração do Monumento iria acontecer no dia 13 de março de 1973, nas comemorações dos 150 anos da Batalha do Jenipapo. Segundo a matéria, a inauguração teria a presença do presidente da República, Emílio Garrastazu Médici.<sup>184</sup> Podemos notar que a construção do monumento estava

<sup>182</sup> COSTA, Alcilia Afonso de Albuquerque. Arquitetura brutalista do Piauí nos anos 1970. *Vitruvius*, ano 15, dezembro. 2014. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/15.174/5367> Acesso em: 20 dezembro de 2020.

<sup>183</sup> FONTINELES, 2017.

<sup>184</sup> UM SONHO que se tornará realidade: Eis o projeto do grandioso Monumento do “Jenipapo”. *A Luta*, Campo Maior, p.1, 8 abr. 1972.

integrada à programação das comemorações cívicas propostas pelo governo do estado. Como observa Maristela Rodrigues, “a afirmação de que o estado teve participação decisiva na história e na formação do Brasil, deveria despertar o orgulho nos piauienses”.<sup>185</sup> Nessa ótica, compreendemos o monumento enquanto a tentativa perpetuação de uma memória, na perspectiva apresentada por Jacques Le Goff:

A palavra latina *monumentum* remete à raiz indo-européia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*). O verbo *monere* significa “fazer recordar”, de onde “avisar”, “iluminar”, “instruir”. O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos.<sup>186</sup>

Ao ser edificado, o monumento evocaria o patriotismo do povo piauiense, exaltando seus heróis e evitando o seu esquecimento. Até os dias atuais, a Batalha do Jenipapo confere a representação de Campo Maior como o “Berço dos Heróis”. Segundo François Choay, ao analisar a definição de monumento, assevera que:

A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. Nesse sentido primeiro, chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças.<sup>187</sup>

A inauguração do Monumento não ocorreu no dia 13 de março de 1973, como era esperado para as comemorações dos 150 anos da Batalha do Jenipapo. Segundo matéria do jornal *A Luta*, o governador Alberto Silva lamentava o atraso das obras devido a questões financeiras. Contudo, seriam realizadas as comemorações do sesquicentenário, no dia 13 de março daquele ano, com a presença do governador.<sup>188</sup>

Em janeiro de 1973, o jornal *A Luta* informava que a inauguração do Monumento aconteceria em setembro daquele ano. O atraso do início da obra era apontado como o principal motivo para o não cumprimento da promessa de inauguração no dia 13 de março. Por essa razão, foi prometida a inauguração para o dia 7 de setembro, que correspondia a outra data

---

<sup>185</sup> RODRIGUES, 2018, p. 111.

<sup>186</sup> LE GOFF, 2003, p. 526.

<sup>187</sup> CHOAY, 2017, p. 18.

<sup>188</sup> ALBERTO vem dia 13 de março e promete inaugurar monumento este ano. *A Luta*, Campo Maior, p.1, 18 fev. 1973.

cívica muito relevante e conectada à data 13 de março, por ser o dia em que se comemora oficialmente em todo o país o dia da Independência do Brasil.<sup>189</sup> Nesse sentido, podemos entender que, ao associar o monumento às comemorações cívicas, buscavam criar perante a sociedade uma “grande exaltação patriótica”<sup>190</sup>, como afirma o historiador José Murilo de Carvalho, ao analisar o governo do presidente Emílio Garrastazu Médici.<sup>191</sup>

As escolas também tiveram importante participação nos preparativos da solenidade de inauguração do monumento. Uma peça teatral estava sendo organizada e teria a participação de 500 alunos da rede estadual de ensino, conforme noticiava o jornal *A Luta* no dia 29 de outubro de 1973.<sup>192</sup> Nessa matéria, pode ser percebida a relação entre educação e comemorações cívicas em torno das inaugurações de obras do governo. Isso, por sua vez, não é uma novidade daquele período, pois, como observa o historiador José de Arimatéa Aguiar Júnior, ao analisar as festividades cívicas no Piauí durante o Estado Novo, ressalta que elas “enalteciam os sentimentos cívicos, que eram muito valorizados pelos intelectuais e políticos nessas comemorações, com a intenção de impor uma imagem de sociedade harmônica e reprimindo tudo que ameaçava a ordem e o propósito patriótico”.<sup>193</sup>

Em outubro de 1973, uma reportagem publicada no jornal *A Luta* questionava a data de inauguração do monumento, que foi anunciado para o dia 6 de novembro daquele ano. Argumentava-se que o governo tinha marcado as datas de solenidade inicialmente para o dia 13 de março. Data que foi alterada sucessivas vezes, para as datas 7 de setembro, para 19 de outubro, para 16 de novembro e para 15 de novembro.<sup>194</sup>

A edição do dia 6 de outubro de 1973 anunciava a inauguração do monumento, com a manchete “Todo Piauí vem presenciar a guerra simulada do Jenipapo”, destacando a participação de estudantes na peça teatral sobre a Batalha do Jenipapo e a presença “[...] das

---

<sup>189</sup> SERÁ em setembro a inauguração do monumento. *A Luta*, Campo Maior, p.1, 7 jan. 1973.

<sup>190</sup> CARVALHO, 2008, p. 168.

<sup>191</sup> O país vivia sob uma ditadura militar com forte caráter repressor, mas que procurava legitimar-se por meio do patriotismo ufano. Cf.: KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. 2001. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001; FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura- regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

<sup>192</sup> ESTUDANTES encenarão a Batalha do Jenipapo. *A Luta*, Campo Maior, p.1, 29 out. 1973.

<sup>193</sup> AGUIAR JUNIOR, José de Arimatéa Freitas. *Festas, hinos e marchas: constituição do patriotismo e o serviço militar no Piauí (1935-1945)*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014, p. 37.

<sup>194</sup> INAUGURAÇÃO no dia 6? *A Luta*, Campo Maior, p.1, 29 out. 1973.

mais altas autoridades estaduais e municipais [...]”.<sup>195</sup> É importante ressaltar que o jornal *A Luta*, na edição que anunciava a inauguração do Monumento aos Heróis do Jenipapo, possuía um equívoco na data, pois a inauguração ocorreu no dia 6 de novembro de 1973 e a edição foi datada sendo do dia 6 de outubro de 1973. Não encontramos informações sobre qual o motivo do problema, mas podemos inferir que ocorreu um contratempo na impressão do jornal. Todavia, a partir da análise das reportagens, encontramos a data correta.

Após a construção do Monumento Heróis do Jenipapo, houve conflitos envolvendo a defesa de uma memória que deveria ser reconhecida, no caso, sobre a atuação dos intelectuais que promoveram, nas páginas do jornal *A Luta*, a campanha em prol da construção do monumento:

O Monumento que hoje se inaugura é o coroamento de um esforço que data de alguns anos passados e que contou com a participação de muita gente que talvez hoje esteja esquecida neste momento de euforia. Há quatro anos, mais ou menos, surgiu na mente de um punhado de idealistas, a idéia da construção do monumento. De princípio foram considerados visionários e sonhadores. Com o tempo, porém, o esforço desses abnegados, obteve o apoio e a colaboração de outros e, finalmente, o interesse das autoridades. Entre esses denodados conterrâneos, citamos, entre outros, o nosso querido e saudoso Irmão Turuka, o Monsenhor Mateus, o jornalista Raimundo Antunes Ribeiro (Totó), a também saudosa escritora e mestra Marion Saraiva, para citarmos só estes.<sup>196</sup>

Segundo Michel Pollack, a memória é constituída por acontecimentos e pessoas.<sup>197</sup> Nesse sentido, podemos notar a ligação do acontecimento de inauguração do Monumento com os nomes dos escritores campomaiorenses.

Expor homenagens aos jornalistas e escritores campomaiorenses na primeira página do periódico em estudo, juntamente com a matéria sobre a inauguração do monumento, indica as maneiras de conferir importância a eles na construção da referida obra e no que ela significava para o município de Campo Maior, para o Piauí e para o Brasil.

Segundo Jacy Seixas, “a memória é ativada visando, de alguma forma, ao controle do passado (e, portanto, do presente)”.<sup>198</sup> Dessa maneira, entendemos a inauguração do

<sup>195</sup> TODO o Piauí vem presenciar a guerra simulada do Jenipapo. *A Luta*, Campo Maior, p.1, 6 out [nov.]. 1973.

<sup>196</sup> A LUTA pelo Monumento. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 6 out. [nov.] 1973.

<sup>197</sup> POLLAK, 1992, p. 201.

<sup>198</sup> SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p. 42.

Monumento aos Heróis do Jenipapo como o ativador da memória, utilizando textos escritos no jornal *A Luta* como uma forma de evitar o esquecimento. Conforme a pesquisadora Cláudia Cristina da Silva Fontineles:

Os sinais emitidos e conservados contribuem para compor os modos de durar de um indivíduo ou de um grupo. Daí a valorização atribuída aos vestígios, principalmente em sua dimensão material, que funciona como a conservação dos vestígios e suas maneiras de se inscrever na memória de uma época, agindo como a permanência daquilo que é passageiro.<sup>199</sup>

Podemos perceber que a construção do Monumento aos Heróis do Jenipapo foi idealizada como a possibilidade de preservar as lutas do povo piauiense que, com poucos recursos, lutou em prol da unidade nacional. Porém, o monumento ganhava novos significados, sendo que o governador Alberto Silva passou a figurar como o seu principal idealizador. Nesse sentido, os escritores campomaiorenses entendiam isso como o esquecimento de suas realizações, tendo em vista a campanha publicada no jornal *A Luta* em 1971. De acordo com Maristela Rodrigues:

Constata-se que o monumento em Campo Maior em homenagem aos heróis do Jenipapo é resguardado de intenções que não são meramente as de guardar a memória daquela batalha para a sociedade, mas nele identificar valores que atravessam o cenário político piauiense, ou seja, que há nesse investimento do governo do Estado um conjunto de interesses para que este monumento não rememore apenas a Batalha do Jenipapo, mas também o governo que se empenhou em construí-lo.<sup>200</sup>

É importante observar que, assim como outras obras realizadas pelo governador Alberto Silva, a exemplo do Estádio Albertão, suas intenções, enquanto um “engenheiro na política”<sup>201</sup> (FONTINELES, 2015), seria deixar nessas construções as marcas do seu governo. A historiadora Cláudia Cristina Fontineles, analisando o governo de Alberto Silva, preconiza que:

As ações governamentais erigidas ainda na década de 70 funcionaram como verdadeiros palácios de memória e geraram aplausos e reconhecimento social, tornando-se os alvos privilegiados durante as recitações em defesa de seu nome ou mesmo quando a ele voltava-se qualquer crítica. Suas obras integram quase todos os discursos em torno dos principais feitos administrativos já realizados no território piauiense.<sup>202</sup>

---

<sup>199</sup> FONTINELES, 2015, p. 53.

<sup>200</sup> RODRIGUES, 2018, p. 135.

<sup>201</sup> FONTINELES, 2015.

<sup>202</sup> FONTINELES, 2015, p. 153.

No dia da inauguração do Monumento aos Heróis do Jenipapo, na primeira página do jornal *A Luta*, foi feita uma homenagem ao escritor Octacílio Eulálio. A razão da publicação do texto era mostrar a importância da atuação do escritor na campanha de construção do monumento:

Não podemos ficar indiferentes, porém, ao esforço que um campomaiorense, quase que sozinho, fez em favor da construção do Monumento aos Mortos do Jenipapo. Este campomaiorense chama-se Octacílio Eulálio e todos nesta cidade conhecem o entusiasmo com que este conterrâneo se entregou a esta campanha, quase que superando em desprendimento e patriotismo, os heróis que tomaram naquela batalha, pela independência da pátria. Inegavelmente, grande parte do mérito pelo que se pretendeu fazer com a construção do monumento deve-se à quase obsessão com que se entregou de corpo e alma o Octacílio à tarefa de concretização de seu sonho maior de patriota ardente. Rendemos aqui nossa sincera homenagem ao seu Ota.<sup>203</sup>

A campanha realizada por Octacílio Eulálio não se deu apenas no jornal *A Luta*. Segundo o depoimento de José Miranda Filho, Octacílio distribuía “[...] em praça, cópias de um artigo que redigiu em favor da causa”.<sup>204</sup> Dessa maneira, os escritores que atuaram na defesa de construção do monumento deveriam evitar beber da fonte do esquecimento, que, na mitologia grega, era chamado de rio Letes. Contudo, Mnemósine, a deusa da memória, seria o antídoto para o esquecimento. Segundo Jacques Le Goff, ao escrever sobre Mnemósine: “ela é o antídoto do Esquecimento. No inferno órfico, o morto deve evitar a fonte do esquecimento, não deve beber no Letes, mas, ao contrário, nutrir-se da fonte da Memória, que é uma fonte de imortalidade”.<sup>205</sup>

Nesse sentido, as páginas do jornal *A Luta* se assumiram como uma possibilidade de evitar o esquecimento, que, a partir da escrita, buscava mostrar a importância dos escritores campomaiorenses. Por essa razão, o jornal *A Luta* também era homenageado, sendo reconhecido como participante da campanha de construção do monumento, conforme evidencia o texto “Nossa participação”:

Poderia parecer incoerente não escondermos que estivemos ao lado de todos aqueles que batalharam pela construção do Monumento e que a nossa ação em favor do que se conseguiu fazer foi decisiva, pra não dizer fundamental. E o fazemos aqui principalmente para lembrar aos que hoje se orgulham do

---

<sup>203</sup> OCTACÍLIO Eulálio. *A Luta*, Campo Maior, p.1, 6 out. [nov.].1973.

<sup>204</sup> MIRANDA FILHO *apud* LIMA, 2009, p. 118.

<sup>205</sup> LE GOFF, 2003, p. 434.

Monumento que um jornal como o nosso, mesmo circulando com a precariedade que nós não desconhecemos, conseguiu de maneira palpável, transformar a idéia de um grupo de sonhadores na realidade do que se presencia.<sup>206</sup>

Podemos observar as “lutas de representações”<sup>207</sup>, nas quais o grupo a que pertencia o jornal buscava reivindicar sua participação como idealizadores do monumento. Nesse sentido, os textos publicados no jornal se tornam um documento-monumento no sentido do que fora defendido pelo historiador Jacques Le Goff ao esclarecer que “resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias”.<sup>208</sup>

Ao fazer a cobertura jornalística acerca da construção e da inauguração do monumento, e relacionar isso ao envolvimento dos colaboradores do periódico, o jornal *A Luta* procurou enfatizar sua própria participação nessa conquista e, dessa forma, tentou contribuir para inscrever a si e a seus integrantes nessa conquista e na história do Piauí.

Portanto, as narrativas que compõem a construção do Monumento aos Heróis do Jenipapo possibilitam entender como história, memória e identidade se relacionam, revelando os desejos, os anseios e os conflitos de uma sociedade que ressignifica a Batalha do Jenipapo e cria novas lutas e novos heróis.

---

<sup>206</sup> NOSSA participação. *A Luta*, Campo Maior, p.1, 6 out [nov.]. 1973.

<sup>207</sup> CHARTIER, 2002, p. 17.

<sup>208</sup> LE GOFF, 2003, p. 538.

## 4 URBANIZAÇÃO, COTIDIANO E SOCIABILIDADES

O presente capítulo tem por objetivo analisar a urbanização de Campo Maior a partir das colunas de opinião, matérias jornalísticas e propagandas, do jornal *A Luta*, que abordam o cotidiano na cidade. No decorrer deste capítulo, questionamos em que medida a ênfase dada à energia elétrica, bem como o apelo das propagandas para o consumo das novidades do mercado, estavam relacionados com a urbanização, e como isso repercutiu na cidade de Campo Maior, tendo o periódico como espaço privilegiado para tais discussões.

Tendo isso em vista, observamos como a energia elétrica se tornou pauta de inúmeras reportagens do *A Luta*, que buscavam a regularização desse serviço. No período em análise, a cidade ainda possuía horários limitados, sendo privilegiado o período noturno. O consumo de aparelhos de TV e geladeiras, dentre outros produtos, eram anunciados nas propagandas. Isso possibilitou entender como se davam as sociabilidades, que requisitavam a oferta regular de energia e um sinal de televisão de qualidade.

Na cidade de Campo Maior, durante o recorte em estudo, podemos perceber que a urbanização provocou conflitos. Nas colunas de opinião analisadas no presente capítulo, as moradias de pessoas pobres e os seus hábitos eram condenados e considerados impróprios, sendo proposta a retirada daquelas moradias das áreas centrais da cidade. Os serviços de água, de calçamento e de saneamento foram sendo requisitados na medida em que se buscava um cotidiano pautado nas práticas higiênicas. Nesse contexto, condenava-se a sujeira nas ruas e a poeira.

Ao adentrar no cotidiano da sociedade campomaiorense através do *A Luta*, encontramos as expectativas de uma cidade urbanizada e a escrita de preceitos de como os cidadãos deveriam se comportar no espaço urbano. Apesar disso, como alerta Michel de Certeau: “[...] as estratégias são capazes de produzir, mapear e impor, ao passo que as táticas só podem utilizá-los, manipular e alterar”.<sup>209</sup> Seguindo essa perspectiva, foi possível entender que, mesmo com as normas de utilização do espaço urbano, os cidadãos poderiam, ao seu modo, manipular e alterar, criando assim suas maneiras de viver na cidade.

### 4.1 A energia elétrica

---

<sup>209</sup> CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 87.

No estado do Piauí, entre as décadas de 1960 e 1970, podemos observar a expansão do serviço de energia elétrica para vários municípios. Conforme a pesquisa de Cláudia Fontineles, em 1966 foi aprovado o primeiro plano de eletrificação do Piauí. A expansão para outros municípios se deu entre 1967 e 1968, quando foi “[...] implantada a primeira unidade térmica no município de Floriano e passaram a funcionar redes de distribuição nesse município, bem como em Altos, Campo Maior e Picos”.<sup>210</sup> Durante o governo de Alberto Silva, na década de 1970, foi intensificado o fornecimento de energia elétrica para o Estado do Piauí, “[...] depois da incorporação em seu capital social dos acervos da Companhia Luz e Força, de Parnaíba, e da Companhia de Eletrificação Rural do Nordeste”.<sup>211</sup>

Em Campo Maior, durante a administração de Raimundo Nonato Andrade (1967 a 1971), foram inauguradas as instalações da rede elétrica da empresa Centrais Elétricas do Piauí S/A (CEPISA).<sup>212</sup> Anterior a isso, o fornecimento se dava através do sistema de energia “[...] composto por geradores movidos a óleo diesel”.<sup>213</sup>

Contudo, a inauguração das instalações elétricas da CEPISA não significou que não existissem problemas de energia elétrica na cidade. Nas fontes consultadas, notamos inúmeros problemas causados pela falta de energia na cidade, principalmente no que diz respeito à iluminação pública e ao consumo de produtos que dependiam da energia elétrica para seu funcionamento.

A edição do dia 7 de novembro de 1970 mostra uma reportagem com os esclarecimentos do diretor técnico da CEPISA sobre os motivos que favoreciam a falta de energia elétrica:

Para melhor esclarecer ao consumidor campomaiorense, esteve quinta-feira desta semana o diretor de A LUTA Dílson Trindade com o Dr. Edmar Rocha, diretor-técnico da CEPISA. O problema de iluminação desta cidade está sendo olhado com muito carinho pela direção da CEPISA. O que está acontecendo é que os quatro motores disponíveis estão super carregados; a capacidade dos motores é de 600 Kva, isto para motores novos, sendo que os fabricantes pedem que seja dada uma margem de 10% na carga, haja vista que com êste desconto a capacidade dos motores fica reduzida a 500 Kva. O que está acontecendo é uma demanda acima do possível, pois no mês passado a energia consumida por nós foi de 590 Kva; logicamente com êsse esforço das máquinas que não são novas apresentam vários problemas; entre êles o mais

---

<sup>210</sup> FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e história do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2015, p. 279.

<sup>211</sup> FONTINELES, 2015, p. 279.

<sup>212</sup> LIMA, Reginaldo Gonçalves de. *Geração Campo Maior: anotações para uma enciclopédia*. Teresina: Gráfica e Editora Júnior Ltda, 1995, p. 152.

<sup>213</sup> JESUS, Pauliana Maria de. *Reflexões sobre a modernização de Campo Maior entre 1930 e 1970*. 2018. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018, p. 52.

comum é o da bomba injetora. Aquê director da emprêsa mostrou-se muito empolgado com a capacidade do consumo de energia de Campo Maior, e pensa, inclusive, de transferir um motor existente em Oeiras, que, a partir de 30 do corrente, passará a ser beneficiada pela COHEBE e dependendo do tempo que levará para que aquê núcleo ligue Campo Maior, o citado motor poderá ou não ser transferido.<sup>214</sup>

A matéria mostra que o principal problema da falta de energia elétrica na cidade seria o aumento do consumo que causava o aquecimento dos motores. Nesse caso, os motores que estavam em funcionamento já não condiziam com a demanda por energia elétrica, sendo necessário outro motor. No final da matéria, o diretor da CEPISA se mostra esperançoso com a energia elétrica que seria gerada na Barragem de Boa Esperança, ao afirmar que “[...] se torna cada dia mais próxima da realidade”.<sup>215</sup> Mais que isso, o trecho analisado sinaliza que, naquele momento, a energia elétrica se tornava palco das matérias jornalísticas do periódico e como isso correspondia às expectativas em torno das transformações promovidas por esse serviço. A pesquisadora Cláudia Fontineles, ao estudar o contexto da cidade de Teresina, afirma que “segundo o que era relatado nos meios de comunicação da época, o progresso agora era transportado em fios de alta tensão e prometia avançar cada vez mais por todo o Estado, embora seus principais brilhos se manifestassem na capital, irradiando-a com sua luz”.<sup>216</sup>

O jornal *A Luta* buscava mostrar os problemas enfrentados pela população, trazendo informações sobre as soluções que seriam realizadas em torno da falta de energia elétrica no município. Além das matérias, as diversas colunas de opinião do jornal mostravam a percepção dos leitores sobre esses problemas. Nesse período, destacam-se as colunas “O povo reclama” e “Problemas que clamam soluções”, dedicadas especialmente às denúncias feitas pela população sobre diversos problemas na cidade.

Nesse sentido, podemos compreender como as matérias jornalísticas do *A Luta* mostravam, de maneira enfática, as medidas que deveriam ser tomadas para solucionar o problema de energia elétrica. Dessa forma, considerava-se inadequado que uma cidade que se queria moderna ainda ficasse na escuridão, ou que os cidadãos não pudessem usufruir das novidades tecnológicas, que necessitavam da energia elétrica para seu funcionamento.

A partir das matérias analisadas no periódico, percebemos como a iluminação ganhou dimensão no cotidiano da cidade, tornando-se, assim, um elemento de grande importância. Uma

---

<sup>214</sup> CEPISA dá explicações. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 7 nov. 1970.

<sup>215</sup> CEPISA dá explicações. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 7 nov. 1970.

<sup>216</sup> FONTINELES, 2015, p. 279.

matéria do dia 9 de março de 1969 narra cenas do cotidiano marcado pela falta de iluminação nas ruas:

Ainda anteontem a tenebrosa escuridão voltou a incomodar o campomaioense, tendo, entre outras, as seguintes consequências: Atraso na impressão de duas páginas de *A Luta*. Na avenida José Paulino um ciclista atropelou um cachorro, que, no mínimo com duas costelas partidas, saiu correndo aos uivos, enquanto o môço da bibicleta sem farol levava um tombo que lhe custou o nariz quebrado e arranhões num cotovelo. Num trecho particularmente escuro da rua senador José Euzébio, um bovino de côr, dono e sexo ignorados esbarrou num transeunte que, felizmente, só levou o susto. O novilho (ou novilha) nada sofreu. Nos pés de muro campeou a pouca vergonha, para desespero das dignas famílias que sabiam (ou adivinhavam) o que estava acontecendo e nada podiam fazer. Perto do mercado, uma velha queimou duas caixas de fósforos até encontrar sua dentadura, que lhe caíra da boca quando ela – a velha – escorregou numa casca de melancia que não vira por causa da escuridão.<sup>217</sup>

A matéria se diferencia das outras analisadas, visto que os exemplos abordados no texto exploram o humor do leitor, e possivelmente tinha o intuito de causar a indignação em torno de problemas que não deveriam existir na cidade. O texto objetiva provocar no leitor risos e descontentamento com fatos vivenciados pelas pessoas descritas na matéria. Esse texto possui características do jornalismo das sensações ou sensacionalista, que a pesquisadora Marialva Barbosa caracteriza como “[...] um tipo de notícia que apela às sensações, que provoca emoção, que indica uma relação de proximidade com o fato, reconstruído exatamente a partir dessa memória de sensações”.<sup>218</sup>

Ademais, textos mostrando a importância da iluminação pública nas ruas e avenidas da cidade são bastante recorrentes no jornal, principalmente alertando para os perigos das ruas escuras, como o exemplo a seguir:

Êste Jornal já, por uma vez, em uma de suas edições anteriores, fêz reclamação da permanência, sem utilidade, dos pés metálicos onde se assentavam os coletores de lixo, em um atentado aos pés dos transeutes. Não fomos atendidos, e houve quem sofresse as consequências. Agora nos dirigimos à autoridade municipal, solicitando-lhe que sejam retirados os restos imprestáveis dos bancos que já foram tão confortáveis, do passeio da Av. Dermeval Lobão. Tivemos notícia de que uma senhora foi vítima de um dêles, em meio à assombrosa escuridão reinante nas vias públicas. A senhora ficou de tal forma contundida, que, a custo, um prestimoso cidadão a soergueu. Omitimo-lhes os nomes porque não estamos autorizados a mencioná-los. Urge que sejam retirados aquêles restos de banco, ou, o que seria melhor,

<sup>217</sup> ESCURIDÃO provoca acidentes em Campo Maior. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 9 mar. 1969.

<sup>218</sup> BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 214.

substituídos, para, aproveitando a ocasião, vermos se os campomaiorenses descuidados os quebrariam de nôvo. Desta vez, esperamos ser ouvidos e atendidos.<sup>219</sup>

O trecho da matéria, veiculada no jornal no dia 16 de janeiro de 1971, relata a situação dos bancos quebrados da avenida Demerval Lobão, que, sem utilidade, apenas provocavam acidentes durante as noites. Novamente, podemos observar a associação do medo com a ausência de iluminação nas ruas e avenidas, em que a cidade era representada como “assombrosa”.

Na edição do dia 3 de março de 1971, foi publicada uma matéria que exemplificava os benefícios da iluminação das ruas e avenidas da cidade:

Desde o dia 1º de abril voltou a regularizar-se a iluminação pública da cidade. Segundo o chefe do escritório da empresa concessionária, José Júlio Matos, a normatização veio com um motor que acaba de ser trazido de Teresina, para onde fôra levado daqui a fim de que fôsse consertado. Com a ausência do aludido motor, três motores estiveram em funcionamento, e êstes não suportavam todo o consumo de energia elétrica. A luz nas vias públicas traz tantos benefícios, sobretudo às jovens que estudam no turno da noite. A Cepisa, porém, deve, ainda, proceder à verificação dos postes, para saber quais não têm lâmpadas, pois há vários trechos da cidade que continuam às escuras.<sup>220</sup>

O trecho sinaliza para a importância atribuída à iluminação pública como uma maneira de garantir a segurança dos jovens que estudavam no período noturno. Nesse sentido, a reclamação se direciona para a CEPISA, uma vez que deveria ocorrer a verificação das lâmpadas dos postes que apresentavam defeito e, com isso, provocava a escuridão das ruas. O pesquisador Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho, ao estudar a cidade de Fortaleza no período de 1945 a 1965, ressalta que “[...] era notavelmente duradoura a associação entre a noite e a criminalidade e, em tempos mais recentes, o elo entre falta de luz e atraso urbano, renovando aflições que perturbavam tanto a existência presente quanto as aspirações dirigidas ao futuro”.<sup>221</sup> Percebemos esse aspecto em Campo Maior, pois, através das matérias jornalísticas analisadas no presente estudo, a vida noturna se tornava uma preocupação constante, principalmente referente aos perigos causados pela escuridão e como um fornecimento regular de energia elétrica poderia proporcionar conforto para a população.

<sup>219</sup> A RESPEITO de alguns bancos quebrados. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 16 jan. 1971.

<sup>220</sup> ILUMINAÇÃO pública. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 3 mar. 1971.

<sup>221</sup> SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. *Fascínio e projeto: percursos da energia elétrica no espaço urbano (Fortaleza, 1945-1965)*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2015, p. 31.

Os horários de funcionamento da energia elétrica eram preferencialmente durante o período noturno, como sinalizam as matérias publicadas no periódico. Contudo, podemos perceber que existia a preocupação de mudar o horário de funcionamento. Em 1971, o prefeito Jaime da Paz levou para o escritório da empresa CEPISA, localizada na capital Teresina, a proposta de uma nova tabela de horário da energia elétrica. Sobre isso, o *A Luta* informava que:

O prefeito Jaime da Paz manteve entendimento com o escritório local da Cepisa, no sentido de mudar o horário noturno do fornecimento de energia elétrica. De acordo com a nova tabela, a luz chegaria mais cedo, às 17:30 horas, embora fôsse até as 23:30 horas. Esse horário seria obedecido pela Cepisa a partir de 2ª feira última.<sup>222</sup>

É possível notar que o novo horário não trazia muitas modificações, sendo ainda restrito ao período noturno. Além disso, os problemas de falta de energia não foram resolvidos. Na edição do dia 17 de outubro de 1970, o chefe do escritório da CEPISA na cidade de Campo Maior, José Júlio Matos, foi procurado pela reportagem do *A Luta* para falar sobre a falta de energia, porém, preferiu não se pronunciar. Sem conseguir as informações, a equipe de reportagem relatou os problemas enfrentados pela população e pedia esclarecimentos à CEPISA:

Há dias vem faltando a iluminação pública da cidade. A reportagem de A LUTA dirigiu-se à usina local procurando saber a razão disso. Apavorados, os eletricitistas nada disseram. Alegaram apenas um defeito existente numa bomba injetora, que impossibilita o funcionamento de um dos motores e, em consequência o racionamento de energia com o desligamento das rêsdes das ruas. E disseram-nos que o único com possibilidades de nos dar melhores detalhes seria o sr. José Júlio Matos – chefe do escritório da Cepisa nesta cidade. Fomos a êle. Enervou-se mais que os anteriores. Temeroso de sofrer a mesma punição (suspensão de 15 dias no serviço) de que foi passivo um colega por haver fornecido informações à imprensa, não nos deu qualquer resposta. Agora, sim, chegou o momento de um esclarecimento. O povo não mais se conforma com a situação. As ruas e as praças escuras; nas residências, de quando em vez, a luz falta, e aos domingos ela não diz presente em nossos lares. Afinal de contas, não somente a indústria, mas as famílias também pagam a taxa mensal, inclusive, os excessos, para gozar do progresso científico, como são os aparelhos elétricos. A espera pela energia é em vão, têm o direito de reclamar. A emprêsa é rica e, portanto, são inexplicáveis as falhas, o que não é mais admitido pelo povo. Supondo-se senhora de tudo, a Cepisa ainda nega a prestar esclarecimentos. Cuidado, senhores, com a cousa pública. E, a nosso ver, a Cepisa é isto. Saibam, ainda, que não fazem favores a ninguém; a população paga-lhes o serviço, e muito bem.<sup>223</sup>

<sup>222</sup> HÁ NÔVO horário da energia. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 3 mar. 1971.

<sup>223</sup> A CEPISA deve explicações. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 17 out. 1970.



Figura 10: Matéria do jornal *A Luta*

Fonte: A CEPISA deve explicações. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 17 out. 1970.

Mais uma vez, as matérias jornalísticas do periódico voltam as atenções para o cotidiano daqueles que possuíam ligação com a rede elétrica, mas por causa das constantes faltas, impossibilitava a iluminação nas residências e o uso de aparelhos elétricos. Contudo, o trecho também sinaliza para os conflitos existentes em relação aos esclarecimentos sobre a regularidade do serviço, por meio do qual podemos perceber o temor do diretor do escritório em ter que prestar qualquer informação à imprensa, e como isso poderia causar a suspensão do funcionário.

É importante ressaltar que, mesmo com a ampliação do serviço de energia elétrica nas décadas de 1960 e 1970, a lamparina ainda era usada nas residências, como informam os estudos sobre a urbanização de Campo Maior. O historiador Celso Chaves informa que “a velha e boa lamparina permaneceria por muito tempo ainda como acessório doméstico

indispensável nas inúmeras choupanas e casas locais”.<sup>224</sup> Isso também ocorria devido ao horário de fornecimento da energia, pois após as 23:00 “[...] apagavam-se as luzes e as pessoas usavam lampião a gás ou lamparinas [...]”.<sup>225</sup>

Outro aspecto que conferia a importância da energia elétrica se refere às sociabilidades. Na edição do dia 27 de fevereiro de 1971, era relatado, na coluna “Nossa Integração”, editada pelo estudante Ernâni Napoleão, que a falta de energia influenciou no carnaval daquele ano:

Continua insolúvel o problema de energia elétrica em Campo Maior. Durante o carnaval, por exemplo, a CEPISA nos negou, absurdamente, a energia diurna, que causou um descontentamento geral à população, havendo, inclusive, atingido o abastecimento d’água. E enquanto cidades irmãs super iluminaram as avenidas, Campo Maior, para profundo desgosto dos seus filhos, estêve entregue à escuridão total de seus logradouros. Mas não foi somente durante o carnaval; a caligem é total nas vias públicas, e agora com o inverno a gravidade duplicou. E as autoridades não buscam uma solução para isto. Chamamos a atenção do Prefeito Jaime da Paz para que êle, interessado em dar melhores condições de vida aos campomaiorenses, vá à direção da CEPISA, em Teresina, reivindicar à empresa mais luz para a nossa cidade, porque o que ocorre é já um abuso, e não temos mais paciência para esperar por um futuro mais distante.<sup>226</sup>

O trecho mostra que festividades na cidade durante os períodos diurno e noturno dependiam da energia elétrica para sua realização. Ao comparar Campo Maior com outras cidades, o autor mostra como a urbanização estava acontecendo em ritmo diferenciado, isto porque é feita uma comparação em relação a outras cidades que possuíam iluminação nas avenidas, diferente de Campo Maior, cuja falta de iluminação era uma constante.

Também encontramos textos memorialísticos, mostrando uma outra leitura sobre a energia elétrica na cidade. No texto escrito por Irmão Turuka, admiração e saudade se misturavam na sua narrativa:

Comparei a luz bruxuleante dos candeeiros antigos que conheci, estrepados na ponta dos postezinhos modestos do passado, com estes gigantes de concreto que a Cepisa nos trouxe e as lâmpadas maravilhosas de vapor de mercúrio, com que nossos pais e avós nunca suspeitaram e muito menos acreditaram pudesse o progresso fazê-las brotar dos bredos antigos. Na Praça Bona Primo tudo agora é beleza, mas para quem nela viveu desde o começo de sua existência, agora como sempre, tudo é saudade.<sup>227</sup>

<sup>224</sup> CHAVES, Celson. *Rua Santo Antônio*. Campo Maior: EDUFPI 2014, p. 39-40.

<sup>225</sup> JESUS, 2018, p. 43.

<sup>226</sup> NOSSA Integração. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 27 fev. 1971.

<sup>227</sup> TURUKA, Irmão. Recordar é viver. *apud* LIMA, 1995, p. 287-288.

Irmão Turuka evidencia, no seu texto, as mudanças que estavam ocorrendo na cidade. Seu olhar é direcionado para os postes antigos que foram substituídos por postes de tamanho maior, feitos de concreto. Ele se mostra admirado pelo embelezamento que a iluminação pública poderia proporcionar à praça Bona Primo, considerada, naquele momento, como um dos principais espaços de sociabilidades. Apesar da beleza da praça, Turuka reproduz a sensação de saudade, ficando a praça da sua infância apenas nas suas lembranças. Isso começa a ser anunciado a partir do título do texto, a saber: “Recordar é viver”.

#### **4.2 Urbanização e segregação: vivências no espaço urbano**

O pesquisador Roberto Lobato Corrêa entende o espaço urbano capitalista como “[...] fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas – é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço”.<sup>228</sup> Desse modo, podemos entender que as vivências no espaço urbano de Campo Maior estão repletas de significados.

Diante disso, é possível observar que as propostas de urbanização vivenciadas nesse período, na cidade de Campo Maior, buscavam embelezar a cidade. Assim, as pessoas pobres, que viviam nas áreas centrais da cidade, perto de praças e prédios, foram sendo afastadas de suas moradias, com a transferência para outros lugares. Esse fenômeno é caracterizado como segregação urbana. Segundo Ana Fani Carlos: “homogênea e fragmentada, a cidade revela, ainda, a hierarquização dos lugares e pessoas como articulação entre morfologias espacial e social e esta estratificação revela as formas da segregação urbana”.<sup>229</sup>

Nas páginas do jornal *A Luta* podemos encontrar textos abordando o cotidiano da cidade, em que eram destacadas as propostas de urbanização e, também, o que era considerado contrário a essa proposta. As colunas de opinião foram os principais espaços ocupados por essas reivindicações, em que a maioria das críticas eram direcionadas à prefeitura, por meio das quais eram solicitadas fiscalizações. Na coluna “Problemas que clamam soluções”, foi denunciada a situação de moradia e os hábitos de uma família que residia próximo da praça Gentil Alves:

‘Água mole em pedra dura tanto bate até que fura’. É isso que estamos procurando fazer com relação à praça que se dominou de ‘Gentil Alves’ até que um dia possa acontecer o milagre, face a providências que a autoridade

<sup>228</sup> CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo: Editora Ática, 2004, p. 11.

<sup>229</sup>CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: FFLCH, 2007, p. 27.

competente ache por bem de tomar. Da forma como o problema está situado é que não é possível continuar. Afinal, tudo ali constitui uma aberração, contrastando com o panorama geral da cidade, em que, em toda ela, não se conhece maior descalabro. Medita-se sobre aquilo e veja-se não dizemos a verdade! Em que parte do mundo vamos encontrar um teatro (e como ele antiquado) rodeado de sujeiras e ainda, para completar o horrível quadro, uma casinhola bem na frente do dito cujo e deste a alguns passos apenas. Já viram agora como a coisa se encontra? Na casinhola mora uma família que resolveu fazer do local um ‘restaurante’, colocando fora do casebre e no meio da ‘praça’ uma mesa e em volta desta troncos de árvore para os fregueses se sentarem. Será cabível isso? De certo que deve haver nisso alguém, querendo avacalhar o ambiente, do contrário já se teria feito do local um recanto dos mais apazíveis da cidade!<sup>230</sup>

A reclamação inicia chamando a atenção das autoridades para retirar os habitantes das “casinholas” e “casebres”, que eram consideradas habitações inadequadas à ideia de urbanização. Assim, as moradias e os hábitos eram condenados, sobretudo, pelo fato de as moradias estarem localizadas perto de uma praça, no centro da cidade. Roberto Corrêa afirma que, apesar de o Estado ser um agente modelador do espaço urbano, os grupos excluídos também são produtores e consumidores desse espaço. Conforme o autor, o Estado “tende a privilegiar os interesses daquele segmento ou segmentos da classe dominante que, a cada momento, estão no poder”.<sup>231</sup>

Outra matéria publicada no jornal analisado, no dia 3 de setembro de 1978, mostra, novamente, uma proposta de retirada das moradias nas proximidades da Praça Gentil Alves:

Quando apenas se começou a falar em doação que o Presidente da Pesquisa, Dr. Sigefredo Pacheco, faria à Prefeitura do Teatro construído naquela praça, transpiraram rumores acerca de uma imediata transformação do local, tão logo as coisas ali se fixassem em termos definitivos, por parte do Prefeito. Acontece que muitos dias já se passaram de quando se realizou essa transferência e nenhuma providência foi tomado no sentido daquela reforma. Nem mesmo alguma referência com vista à retirada dos moradores da casinhola ali defronte, cujo morador parece ser o fiscal ou vigia, como queiram, daquele prédio, já hoje carente também de modernização.<sup>232</sup>

No trecho citado, as moradias, chamadas “casinholas”, são consideradas como impróprias para as áreas que se situavam próximas do teatro, no centro da cidade. É evidente que, ao cobrar das autoridades competentes a reforma daquele prédio, nota-se, na matéria, a exclusão dos moradores e seus hábitos. Em Teresina, o historiador Francisco Alcides do

<sup>230</sup> PROBLEMAS que clamam soluções. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 24 jul. 1977.

<sup>231</sup> CORRÊA, 2004, p. 26.

<sup>232</sup> PRAÇA Gentil Alves continua na mesma. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 3 set. 1978.

Nascimento, ao analisar a modernização da cidade, ressalta como as pessoas pobres foram expulsas para outros locais:

A cidade, ao ter o espaço urbano modernizado e com maior visibilidade, expulsa os mais pobres para áreas periféricas, sem criar meios para atender às suas demandas, o que não significa necessariamente que os pobres não resistam, até mesmo usando os espaços modernizados.<sup>233</sup>

Podemos notar esse aspecto a partir das fontes analisadas nesta pesquisa, que defendiam a necessidade de expulsar das áreas centrais as pessoas que viviam em moradias simples, mas que não demonstravam preocupação com as demandas por empregos e serviços básicos desses moradores. Por isso, a construção de um restaurante no meio da praça, utilizando como mobiliário troncos de árvores, numa tentativa de garantir a renda familiar, incomodava aqueles que condenavam tal prática, por considerá-la um dos “problemas que clamam soluções”, título dado à coluna em que foi veiculada a denúncia.<sup>234</sup> Mesmo com as proibições do uso dos espaços urbanizados, devemos levar em consideração aquilo que Certeau chama de táticas e estratégias, pois:

Habitar, circular, falar, ler, ir às compras ou cozinhar, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas: gestos hábeis do ‘fraco’ na ordem estabelecida pelo ‘forte’, arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos.<sup>235</sup>

Dessa forma, podemos entender as táticas utilizadas por esses moradores e suas maneiras de usar o espaço urbano diante das regras impostas. Uma matéria do dia 29 de junho de 1975 retrata as pessoas pobres, que frequentavam os principais logradouros da cidade, como “vagabundos”:

A cidade está infestada de pedintes, na sua maioria crianças, que durante todo o dia (e até noite a dentro são notados) vagueiam rua acima e rua abaixo, nos bares, botequins e nos restaurantes, nas praças e avenidas, nos mercados públicos, quando não em casas comerciais e residências particulares, onde penetram sorrateiramente para pegar alguma coisa no que se iniciam na senda do furto, ou para pedirem uma esmola, apoiados pelos pais que os orientam

---

<sup>233</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 195-214, 2007. p. 211.

<sup>234</sup> PROBLEMAS que clamam soluções. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 24 jul. 1977.

<sup>235</sup> CERTEAU, 2014, p. 98.

para essa prática miserável, daí se transformando em mendigos definitivos enquanto viverem. Um bando desses vagabundos vem agindo, ultimamente, na Demerval Lobão, chegando ao extremo, na sua nefanda prática, com xingamentos e descomposturas quando não são atendidos, causando balbúrdias e expondo as pessoas ao ridículo com cenas desrespeitosas. A denúncia partiu de alguns comerciantes da Demerval Lobão, a mais movimentada artéria da cidade.<sup>236</sup>

É possível observar, no trecho citado, o tratamento dado à questão da pobreza como algo que deveria ser evitado nas áreas urbanizadas, como a avenida Demerval Lobão, que, naquele momento, abrigava os principais estabelecimentos comerciais da cidade, ou seja, isso revela uma forma de segregação urbana<sup>237</sup>, visto que aquela região era destinada para uma determinada camada social, ou seja, aquelas que teriam condições financeiras.

Outro aspecto abordado nas páginas do *A Luta* foi a questão das ruas que não possuíam condições higiênicas adequadas devido à ausência de calçamento:

No bêco chamado da ‘Pêna’ vê-se, constantemente, muito lixo, espalhado por todo o trajeto que vai dali à badalada ‘Baixa’, onde já deu até acertador dos 13 pontos da Loteca. As pessoas que são obrigadas a passar no bêco, o fazem, mas com muita dificuldade, por outro lado ficam expostas a contaminação por vírus diversos ao contato com aquele material deletério, além de sentirem náuseas na presença de animais mortos ali jogados. Sugerimos como medida saneadora e mais compatível com a condição humana daquela gente, a colocação de calçamento, que é pequeno, não acarretando, por isso, maiores despesas.<sup>238</sup>

O texto publicado na coluna “Problema que clamam soluções” evidencia que o mau cheiro era causado pelo depósito de lixo no beco, e que o possível calçamento da rua poderia solucionar o problema, tornando aquele local urbanizado e inibindo o descarte de lixo pelos moradores.

Os bairros afastados do centro da cidade também se tornaram pauta de algumas denúncias, que mostravam que a falta de calçamento causava poeira. A preocupação com a poeira era relacionada com os problemas de saúde que isso poderia causar, como é o caso denunciado na coluna “Problemas que clamam soluções”, do dia 17 de julho de 1977:

Afinal, que é feito do calçamento que se disse estava prestes a ser colocado naquelas ruas que demandam o Estádio e o cemitério São Luiz? Por que é que em Campo Maior certas coisas são assim tão difíceis de ser realizadas?

<sup>236</sup> BANDO de vagabundos assalta a cidade. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 29 jun. 1975.

<sup>237</sup> CARLOS, 2007.

<sup>238</sup> PROBLEMAS que clamam soluções. *A Luta*. Campo Maior, p. 4, 3 jul. 1977.

Perguntamos nós! Muitas das vezes uma coisa de somenos é longo feita, enquanto outras de maior importância, delongam, permanecem esquecidas não se lhes dando lugar de primazia. Ora, essas duas ruas já deviam estar calçadas porque elas muito representam para a vida desta cidade, ainda muito carente no setor urbanístico-sanitário. Em dias que se realizam enterros, especialmente quando uma fileira enorme de carros vai até aquele campo santo, ou quando um jogo de futebol é realizado no ‘Deusdeth Melo’, em partida movimentada, ó como é grande o sacrifício do povo que, inclusive, pode sacrificar até a saúde tendo em vista as sucessivas nuvens de poeira nessas ocasiões e, ainda por cima, os solavancos por conta da buraqueira. Vamos lá, autoridades competentes, solucionar esses problemas, que já tardam? Todavia nunca é tarde demais para solucioná-los. Certo?<sup>239</sup>

Diante disso, podemos entender que a ideia de calçar as ruas e evitar a poeira tanto estava pautada na preocupação com a saúde pública, quanto na ideia de embelezar o espaço urbano. Além disso, a urbanização da cidade estava associada às práticas de sociabilidades, uma vez que é mostrado o exemplo do estádio, que, nos dias de jogo, a poeira e os buracos na rua causavam incômodo na população.

A construção do cemitério em outro bairro também estava relacionada às preocupações com a saúde pública. Uma denúncia do ano de 1967, publicada na coluna “Observando”, mostra a falta de espaço no cemitério localizado no centro da cidade, que não tinha mais capacidade para sepultamentos:

Problema seríssimo que está desafiando as autoridades de Campo Maior é o velho Cemitério. Além de situado no centro da cidade, completamente superlotado. Estão enterrando uns por cima dos outros, por simples teimosia, uma vez que já foi construído outro onde sobram lugares para sepultamentos. Há quem afirme que no pequeno e velho cemitério há gente sepultada em igual ou maior número do que a atual população da cidade. O problema sanitário decorrente do superpovoamento e da localização daquele campo santo está a exigir enérgicas providências das autoridades. Sugerimos a imediata e completa interdição, para em etapa posterior, a exemplo de outros lugares, transformá-lo, não em praça que seria desrespeito aos mortos, mas em um Jardim, com sepulturas bem cuidadas, com muro com grades de ferro, aberto apenas à visitação pública.<sup>240</sup>

Podemos notar que, apesar da construção de outro cemitério, ainda prevalecia a preferência pelo cemitério do centro, que, naquele momento, era considerado inadequado para sepultamentos. Isso pode indicar o que as outras denúncias informam, ou seja, a falta de urbanização nos bairros afastados do centro. Em 1978, Octacílio Eulálio denunciava o problema

<sup>239</sup> PROBLEMAS que clamam soluções. *A Luta*. Campo Maior, p. 5, 17 jul. 1977.

<sup>240</sup> OBSERVANDO. *A Luta*. Campo Maior, p. 5, 3 dez. 1967.

de falta de água no cemitério do bairro São Luiz. O texto evidencia que a água chegava em horas incertas e quase sempre durante a noite. O escritor requisitava ao prefeito que fosse construído um reservatório de água que teria a função de regar as plantas.<sup>241</sup>

Havia, também, nesses bairros, outros problemas, como, por exemplo, mato nas ruas, conforme denúncia da coluna “Povo Reclama”, no ano de 1971:

Algumas ruas que se distanciam mais do centro da cidade, encontram-se com muito mato nascido neste inverno. Ervas, até daninhas, margeiam as vias públicas, pondo – por que não dizer? – em risco seus moradores e os que por elas transitam. Ademais, tornam-nas feias, como vilas ou... ‘caminhos de roça’. Os residentes em tais ruas, sobretudo êles, pedem ao sr. Prefeito mande averiguar a fim de constatar a veracidade da reclamação; e como acreditam na boa vontade do chefe da municipalidade, aguardam atendimento em breve.<sup>242</sup>

A partir dessas reclamações, é possível compreender que aspectos eram considerados não aceitáveis no espaço urbano, principalmente os riscos que poderiam causar à saúde pública. A coluna “O povo reclama”, no dia 20 de fevereiro de 1971, mostra a reclamação dos moradores do bairro de Fátima, onde existiam buracos nas ruas que acumulavam água. Os moradores estavam preocupados com a formação dos poços de lama que poderiam prejudicar sua saúde.<sup>243</sup>

Dessa maneira, entendemos que as colunas do *A Luta*, aqui analisadas, buscavam mostrar os aspectos necessários para a urbanização da cidade, utilizando-se de denúncias que eram direcionadas à prefeitura. Uma das principais questões percebidas nas fontes se refere à infraestrutura urbana da cidade. Reinaldo Lindolfo Loh, no seu estudo sobre a cidade de Florianópolis, afirma que “a heterogeneidade discursiva e a pluralidade de projetos e representações fazem o espaço urbano ser muito mais do que suas ruas e prédios construídos: é lugar de disputa e conflito que envolve relações de força suscitadas por expectativas sociais”.<sup>244</sup> Percebemos, nas matérias e colunas do *A Luta*, que tudo que era discordante da ideia urbanização devia ser combatido, sempre evidenciados os problemas que deveriam ser resolvidos.

A prostituição foi um dos temas relacionados à urbanização da cidade, debatidos no jornal *A Luta*. Os cabarés estavam localizados no centro da cidade, perto da igreja matriz, das

---

<sup>241</sup> A CIDADE faz apelo ao Sr. Prefeito. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 25 jun. 1978.

<sup>242</sup> O POVO reclama. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 20 mar. 1971.

<sup>243</sup> O POVO reclama. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 20 fev. 1971.

<sup>244</sup> LOHN, Reinaldo Lindolfo. Limites da utopia: cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 297-322, 2007. p. 307.

praças e de prédios comerciais, na chamada Rua Santo Antônio, como é possível observar na matéria publicada no dia 5 de dezembro de 1971:

Começa a sair do centro da cidade as casas noturnas, que por muito tempo envergonham as famílias compomaiorenses. Agora, está constituindo um grande problema a localização de outros ambientes para que as ‘madamas’ instalem seus cabarés. Com isto, é necessária a intervenção do sr. Prefeito para que dê as devidas condições às meretrizes cujo problema tem desafiado muito. Achamos, pois, merecedora a ajuda das autoridades no sentido de solucionar o problema das prostitutas que não é nada menos um fruto da sociedade em que vivemos. Auxiliando a essas mulheres, estaremos por certo prezando pela moralização social e higienização.<sup>245</sup>

“Moralização” e “higienização” foram as palavras usadas para justificar a retirada dos cabarés do centro da cidade, que, na visão do redator, era um problema da prefeitura. O historiador Celson Chaves, ao pesquisar sobre a prostituição na cidade de Campo Maior, enfatiza que existia a preocupação dos políticos e também dos religiosos sobre o assunto, tendo em vista a proximidade daquele espaço com a igreja matriz. Segundo o autor:

O Delegado Regional, assim como algumas autoridades políticas e religiosas, temia que a vida desregrada na Santo Antônio pudesse contaminar a sociedade, haja vista que atos e práticas libidinosos das meretrizes eram registradas fora do gueto: a proliferação de cabarés ‘encubados’ em outras ruas do centro; a presença constante de meretrizes em festas na zona urbana e em povoados como Nazaré, Boqueirão e Jatobá.<sup>246</sup>

Dessa maneira, podemos entender que não era apenas a urbanização que motivava o discurso em favor da retirada das casas de prostituição do centro de Campo Maior. Havia também a vontade de manter sob vigilância as formas como homens e mulheres se comportavam naqueles espaços. O historiador Francisco Alcides do Nascimento, analisando o contexto da cidade de Teresina, afirma que “o discurso médico-sanitarista orientava a limpar a cidade daqueles lugares perigosos à saúde pública, enquanto setores mais conservadores da Igreja católica festejavam o fim dos ‘lugares de perdição’”.<sup>247</sup>

Ademais, existiam cabarés localizados em outros bairros de Campo Maior. Na matéria intitulada “Prática indecorosa”, publicada no jornal *A Luta* em julho de 1979, é relatada a indignação sobre um cabaré localizado no bairro São Luiz:

<sup>245</sup> MERETRIZES merecem ajuda das autoridades. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 5 dez. 1971.

<sup>246</sup> CHAVES, 2014, p. 88.

<sup>247</sup> NASCIMENTO, 2007, p. 211.

Famílias que residem no bairro ‘São Luiz’, imediações do Posto de Gasolina, nesta cidade, estão reclamando do ‘cabaré’ ali instalado, recentemente, e bem próximo dessas honradas famílias, as quais, por tanta falta de respeito, já não mais podem suportá-lo. Daí virem de público protestar contra aquele desregrado exercício da pouca vergonha de homens e mulheres que não se pejam de expor órgãos sexuais sem quaisquer atenções devidas a pessoas de que ainda não se destituíram de princípios morais que lhes legaram seus antepassados, quando, saindo de seus esconderijos (o cabaré fica escondido entre palhas de buriti) servem-se de áreas abertas e bem próximas delas, para suas necessidades fisiológicas, o que fazem de forma aberrante e altamente atentatória ao pudor público. Que o ‘prostíbulo’ ficasse restrito ao seu próprio ambiente, não invadindo o campo alheio, ainda se poderia aceitar, mesmo por que dos umbrais a dentro da casa do vizinho ninguém ousa mandar. Mas, no caso em apreço, a repulsa maior dos reclamantes prende-se a esse sem-vergonhismo de certos frequentadores que vão ali, costumeiramente, com maus propósitos, contrariando os sadios hábitos que devem reger um chefe de família ou a um jovem rapaz, que se dê ao respeito para ser respeitado.<sup>248</sup>

A matéria chama a atenção para duas questões que incomodavam os moradores que residiam próximo ao cabaré. A primeira dizia respeito aos atos considerados indecentes em relação à exposição da nudez. A segunda questão, por sua vez, seria a prática de usar os espaços próximos ao cabaré para as necessidades fisiológicas. Podemos inferir que o maior incômodo para os moradores eram os atos obscenos dos frequentadores do cabaré, que iam contra o modelo de “chefe de família” e “jovem rapaz”.

No trecho citado, a descrição dos hábitos de homens e mulheres nos cabarés visava mostrar como a moral e a higiene dos moradores do bairro estavam ameaçados, chamando assim a atenção de autoridades competentes para tomar as medidas cabíveis. Célio Losnak, ao estudar a cidade de Bauru, no período de 1950 a 1980, ressalta que:

A noção de ‘limpeza’ articulava-se com concepções da cidade higiênica da sociedade moderna. A higienização conjugava saneamento e embelezamento do espaço urbano com a expulsão dos ‘tipos sociais’ considerados perigosos, visando à homogeneização do social.<sup>249</sup>

Podemos perceber, ao longo da pesquisa, que era pauta constante, nas matérias jornalísticas e em denúncias publicadas nas colunas de opinião, a atenção em relação à higienização e ao embelezamento do espaço urbano, por meio das quais era requisitada a fiscalização das autoridades competentes. Contudo, a cidade também é consumida e produzida pelos chamados “grupos perigosos”. Suas práticas nos possibilitaram entender o contexto de

<sup>248</sup> PRÁTICA indecorosa. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 22 jul. 1979.

<sup>249</sup> LOSNAK, Célio José. *Polifonia urbana: imagens e representações (Bauru 1950-1980)*. Bauru: Edusc, 2004, p. 237.

urbanização da cidade não apenas pode ser pensada na perspectiva do embelezamento dos espaços urbanos, mas também como um espaço de conflitos e lutas pela sobrevivência.

### 4.3 A cidade e consumo: Televisão no cotidiano

Diversas propagandas encontradas no jornal *A Luta* anunciavam produtos que eram vendidos à vista ou a prazo. No recorte analisado, os produtos mais anunciados eram a televisão, os rádios, as radiolas e as geladeiras. As propagandas utilizavam frases que despertavam euforia em torno do consumo, como pode ser visto na edição do dia 18 de junho de 1978: “Casas Pernambucanas. Onde o preço é a grande atração, compre à vista ou pelo crediário tentação”.<sup>250</sup> A pesquisadora Denise Bernuzzi Sant’Anna, no seu estudo sobre a propaganda de remédios em revistas e jornais, ressalta que:

Assim, a partir do contato com os anúncios e com as demais fontes percebemos, por um lado, que a história da publicidade é atravessada por repetições e por fórmulas de sucesso que insistem em permanecer e se transformam em clichês – tal como o apelo ao ‘novo’, o abuso de superlativos e de promessas milagrosas.<sup>251</sup>

Analisar as propagandas publicadas no jornal *A Luta* ajuda a compreender as possibilidades de consumo daquilo que era considerado moderno. Podemos perceber que a palavra “novo” era usada para enfatizar novas possibilidades de vivências na cidade. Segundo Cláudia Cristina Fontineles, “ser moderno representa ser moderno em relação a algo ou a um dado tempo que se acredita estar superando ou aperfeiçoando”.<sup>252</sup>

Assim, “as novidades” anunciadas no espaço dedicado a propagandas no jornal *A Luta* indicam um distanciamento do que era considerado “atrasado”, principalmente no que se refere à linguagem utilizada pelas lojas. Além da publicação nos jornais, as lojas utilizavam outras maneiras de anunciar seus produtos, como rememora o cronista Corinto Brasil:

No final dos anos 60, com a chegada das primeiras imagens de televisão, o CINE NAZARÉ começou a sofrer consequência devido à novidade, a TV Ceará, afiliada da extinta Rede Tupy do Rio de Janeiro, com imagem ainda em preto e branco, transmitida através de uma torre implantada no município de Pedro II. A movelaria Santo Onofre, para vender seus televisores, usava como propaganda os próprios aparelhos ligados em suas vitrines de 18 às 24

<sup>250</sup> CASAS Pernambucanas. *A Luta*. Campo Maior, p. 4, 18 jun. 1978.

<sup>251</sup> SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. Propaganda e história: antigos problemas, novas questões. *Projeto História*, São Paulo, v. 14, p. 89-112, fev. 1997. p. 95.

<sup>252</sup> FONTINELES, 2015, p. 214.

horas, todos os dias. Mesmo com uma sucinta programação, aquele local, situado na av. Demerval Lobão, tornava-se o ponto de referência, atração e lazer do momento, conquistando cada vez mais adeptos.<sup>253</sup>

O trecho sinaliza para a importância que a televisão estava ganhando na cidade de Campo Maior no final da década de 1960, uma vez que possibilitou novas formas de lazer. O impacto disso pode ser visto quando o cronista afirma que a movelaria Santo Onofre utilizava os aparelhos de televisão em sua vitrine como uma maneira de chamar a atenção da população para a novidade daquele momento.

Os leitores do jornal *A Luta*, além de contemplar as novidades anunciadas pelas lojas, também poderiam adquiri-las a partir de duas possibilidades: ou à vista ou no crediário. O historiador Antônio Luiz Macêdo e Silva Filho, no seu estudo sobre a cidade de Fortaleza no período de 1945 a 1965, ressalta que:

Por outro lado, o sistema de crédito, que se tornou imprescindível aliado no processo de difusão das inovações técnicas, indicava uma forma diferente de lidar com o dinheiro: as pessoas não precisariam mais empreender todo um esforço prologado de poupança para a compra de determinados produtos; tornava-se possível adquiri-los de imediato, sem para tanto ter de exercitar a tradicional renúncia a satisfações de curto prazo em proveito de um futuro desejado.<sup>254</sup>

As propagandas analisadas no presente estudo davam ênfase ao crediário, o que permite entender as mudanças que estavam acontecendo na cidade, principalmente as formas como as propagandas buscavam atingir o público, por meio das quais a ideia de futuro era relacionada à compra de novos produtos. No final da propaganda da movelaria Sto. Onofre, publicada em fevereiro de 1971, era enfatizado: “Ano nôvo, móveis novos”.<sup>255</sup> É importante observar que a urbanização da cidade de Campo Maior ocorreu de maneira diferenciada de outras cidades brasileiras, principalmente no que diz respeito ao consumo.

Na edição do dia 30 de junho de 1968, foi anunciada a venda de geladeiras da marca Consul pela Casa Marc Jacob S/A. O leitor, ao abrir a segunda página, encontrava a frase “AVISO IMPORTANTE!!!”. Abaixo dessa frase, era apresentado o seguinte texto:

---

<sup>253</sup> BRASIL, Corinto. *Cine Nazaré*. Campo Maior, 2019. Disponível em: <<https://blogdoprofessorjorgecamara.blogspot.com/2019/06/cine-nazare-por-corinto-brasil.html?m=1>> Acesso em: 10 set. 2020.

<sup>254</sup> SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. Técnica e Cultura material na cidade de Fortaleza (1945-1965). *Projeto História*, São Paulo, v. 40, p. 293-317, jun. 2010. p. 300.

<sup>255</sup> NA MOVELARIA Sto. Onofre. *A Luta*. Campo Maior, p. 6, 6 fev. 1971.

A Casa Marc Jacob, S/A – sempre com o propósito de melhor servir à sua distinta freguesia, está vendendo o novo refrigerador CONSUL em dois belíssimos modelos, com acabamento mais aprimorado e sistema de refrigeração mais perfeito. Vendas à vista e em módicas prestações. Vá hoje mesmo à CASA MARC JACOB, S/A: e adquira o seu refrigerador CONSUL.<sup>256</sup>



Figura 11: Propaganda Casa Marc Jacob

Fonte: AVISO Importante!!!. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 30 jun. 1968.

A propaganda utilizava a palavra “novo” para evidenciar o produto e torná-lo atrativo. Outro recurso usado foi mostrar as características dos produtos que se diferenciavam por seu acabamento “aprimorado”. A pesquisadora Márcia Bomfim de Arruda, no seu estudo sobre as máquinas elétricas no ambiente doméstico, afirma que:

Analisando a propaganda de eletrodomésticos, podemos encontrar um imaginário em torno desses objetos. Expectativas sobre os benefícios que podiam trazer para a saúde, para o corpo; a utilidade para a dona-de-casa na realização de tarefas domésticas; o conforto que podiam propiciar; a felicidade que trariam; a capacidade de tornarem mais fácil o trabalho. Nas propagandas, os eletrodomésticos eram apresentados como sinônimos de modernidade, progresso, desenvolvimento e avanço tecnológico.<sup>257</sup>

Essas expectativas em relação ao conforto promovido pelos eletrodomésticos são encontradas nas propagandas e reportagens analisadas no presente estudo. O público-alvo de algumas lojas eram as mulheres, como mostra o *slogan* da movelaria Santo Onofre: “A ideal

<sup>256</sup> AVISO Importante!!!. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 30 jun. 1968.

<sup>257</sup> ARRUDA, Márcia Bomfim de. Considerações acerca do uso de máquinas elétricas no ambiente doméstico. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 367-382, dez. 2007. p. 380.

companheira de uma dona de casa”.<sup>258</sup> Na edição do dia 6 de fevereiro de 1971, essa movelaria, localizada na avenida Demerval Lobão, anunciava:

...você encontra tudo em eletro-domésticos: geladeiras, fogões a gás e a carvão, móveis de fórmica e imbuia, camas e colchões para solteiros e casais, bicicletas, discos, rádios, radiolas, máquinas de costura Leonan, Vigorellie Elgim. Não esqueçam, campomaiorenses, Ano Nôvo, móveis novos.<sup>259</sup>



Figura 12: Propaganda Movelaria Santo Onofre.

Fonte: NA MOVELARIA Sto. Onofre. *A Luta*. Campo Maior, p. 6, 6 fev. 1971.

Indo além da euforia anunciada nas propagandas, o serviço de energia elétrica na cidade causava transtorno para aqueles que consumiam esses produtos, como foi noticiado na reportagem do dia 24 de outubro de 1971:

Nossa cidade ficou novamente com seu período diurno do domingo sem os benefícios da energia elétrica. Quase sempre aos domingos ela se ausenta para uma semanal manutenção dos seus materiais. Desde cedo até à tardinha, os campomaiorenses e co-estaduanos servidos pela Barragem da Boa Esperança sofrem as consequências da falta da energia. Em Campo Maior, cessam o seu funcionamento as bombas do Serviço Autônomo de Água e esgoto, já que tôdas são elétricas e a cidade padece a carência d'água. Os aparelhos elétricos domésticos param, e a comunidade sente muito o não funcionamento sobretudo das geladeiras. Tudo parecem problemas sem importância. Mas não são, de forma nenhuma. Pergunte-se às donas de casa e à população em geral. Que a energia falte uma ou duas horas, vá lá. Dez é demais.<sup>260</sup>

Além de mostrar a insatisfação das donas de casa, no que se refere ao uso dos eletrodomésticos, também podemos perceber que a falta de energia elétrica ocorria por várias

<sup>258</sup> NA MOVELARIA Sto. Onofre. *A Luta*. Campo Maior, p. 6, 6 fev. 1971.

<sup>259</sup> NA MOVELARIA Sto. Onofre. *A Luta*. Campo Maior, p. 6, 6 fev. 1971.

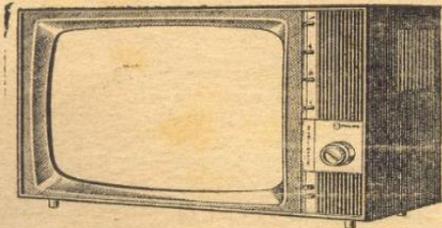
<sup>260</sup> POVO sofre falta de luz e água aos domingos. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 24 out. 1971.

horas e até dias. Logo, não bastava ter o poder aquisitivo para adquirir essas novidades, era necessário o pleno funcionamento do serviço de energia elétrica.

As propagandas das lojas localizadas na cidade de Campo Maior não usavam imagens, somente a descrição dos produtos à venda, geralmente com frases que tornavam os produtos atrativos para o consumidor. Em contrapartida, as propagandas das lojas Pedro Machado S/A, localizadas nas cidades de Teresina e Parnaíba, utilizavam imagens para anunciar aparelhos de televisão, como mostra a figura 13.

**CONTINUE NO CANAL 2**

**Você Vê Melhor no único  
APARELHO DE CIRCUITOS  
AUTOMATICOS NO MUNDO**



**Televisor PHILIPS Stabilimatic**  
Modêlo de mesa, de 59 cm. Estabilidade automática total: a imagem não tomba, não treme, não rola, não sofre interferências. Móvel luxuoso e prático. Som frontal.

E PHILIPS  COM:

**Pedro Machado S.A.**

A Melhor Assistência Técnica Total  
Teresina — Parnaíba

Figura 13 Propaganda Lojas Machado S.A.

Fonte: PROPAGANDA lojas Pedro Machado S/A. A Luta. Campo Maior, p. 7, 12 jul. 1970.

A propaganda destaca quais eram as vantagens de adquirir um aparelho de televisão da marca Philips Stabilimatic: “Modêlo de mesa, de 59 cm. Estabilidade automática total: a imagem não tomba, não treme, não rola, não sofre interferências. Móvel luxuoso e prático.

Som frontal”.<sup>261</sup> Além disso, no final da propaganda, podemos observar que a loja Pedro Machado S/A também prestava serviço de assistência técnica aos aparelhos de televisão. Ainda que a localização da loja fosse nas cidades de Teresina e Parnaíba, a propaganda, nas páginas do jornal *A Luta*, indica como esse aparelho eletrônico se consolidava na cidade de Campo Maior.

Mesmo com o anúncio de aparelhos de televisão, as constantes irregularidades no fornecimento de energia elétrica provocavam reclamações e, ainda, mostravam as dificuldades de uso. Na edição do dia 20 de fevereiro de 1971, o jornal denunciava que não seria possível acompanhar o carnaval pela televisão devido à falta de energia elétrica durante o período diurno:

O escritório local da CEPISA recebeu expediente da empresa, em Teresina, através do qual veio uma ordem absurda e que causará impacto muito desagradável aos seus usuários. É que, durante o carnaval, isto é, a partir já de hoje, a cidade não está sendo provida de energia elétrica diurna, fato que prejudicará a população. Hoje de manhã e 2ª feira, as atividades foram e serão normais. As famílias fruem diariamente do progresso científico, e toda a gente já se preparava para assistir, pela TV Ceará, via embratel, a lances do carnaval por este Brasil a fora. E até o consumo d'água do SAAE poderá ser prejudicado. Mas apenas 4ª feira é que a luz voltará na parte diurna.<sup>262</sup>

A sala de estar representava uma possibilidade de diversão, a partir da imagem na tela do aparelho de televisão. Assim, a reportagem chama a atenção para a relação problemática da energia elétrica e a imagem da televisão, pois era fundamental o funcionamento regular desse serviço para as famílias aproveitarem “o progresso científico”<sup>263</sup> que a televisão representava.

Além da energia elétrica, o sinal de televisão era uma das questões debatidas no jornal *A Luta*. A edição do 18 de outubro de 1971 noticiava um telegrama enviado para a direção da TV Ceará, por Raimundo Helvécio Lima, presidente da Câmara Municipal, informando que a imagem e o som estavam sendo mal captados. Segundo o telegrama transcrito na reportagem:

O presidente da Câmara Municipal, Vice-Prefeito Raimundo Helvécio Lima, telegrafou à direção da Tv Ceará Canal 2, de Fortaleza, nos seguintes termos :“O Legislativo campomaiorense a fim de atender ao pedido dos telespectadores desta comuna, agradecerá aos distintos amigos a fineza de informar os motivos pelos quais, ultimamente, a imagem e o som desse canal estão se tornando mal captados nesta região” A idéia do telegrama partiu do vereador Raimundo Ribeiro dos Santos, que, na sessão de 13 deste mês

<sup>261</sup> PROPAGANDA lojas Pedro Machado S/A. *A Luta*. Campo Maior, p. 7, 12 jul. 1970.

<sup>262</sup> NÃO TEMOS luz diurna no carnaval. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 20 fev. 1971.

<sup>263</sup> NÃO TEMOS luz diurna no carnaval. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 20 fev. 1971.

solicitara à Presidência o dirigisse à TV Ceará, pois, de fato, a imagem e o som da emissora fogem de quando em vez e, se permanece, são defeituosos. E, aproveitando: os telespectadores reclamam, também, das seguidas paralisações dos programas para exibição das mensagens publicitárias. São 5 minutos de programa para o dôbro, ou quase, de propaganda. Isto cansa e irrita o telespectador. Sem publicidade a empresa não sobrevive. Mas excesso, não!<sup>264</sup>

O problema de som e imagem com defeito é a reclamação exposta no telegrama direcionado à TV Ceará. O sinal era transmitido para os municípios do Piauí através das repetidoras. A pesquisadora Aline Maria Grego Lins, analisando as instalações de repetidoras de televisões em cidades e estados do Nordeste, ressalta que:

Esses sinais das repetidoras nem sempre eram de qualidade, na verdade, alguns apresentavam qualidade técnica bastante comprometida: ‘chuviscos’, fantasmas nas imagens e falhas no áudio estavam entre os problemas enfrentados, ainda assim, essa experiência para muitos nordestinos foi suficiente para alimentar o sonho de ver, em suas cidades, emissoras de televisão funcionando.<sup>265</sup>

Assim, a imagem de qualidade era fundamental para aproveitar essa tecnologia. A construção da primeira emissora de televisão no estado do Piauí ocorreu em 1972, durante o governo de Alberto Silva. Abordando a construção da TV Rádio Clube, a historiadora Cláudia Cristina da Silva Fontineles ressalta que isso contribuiu para:

[...] a mudança de postura no comportamento da população local, à medida que se acompanhava a tendência a uma maior permanência em casa ou em ambientes fechados que oferecessem tal diversão, inclusive as propagandas nos jornais locais destacavam o fato de a população poder encontrar diversão sem ter que sair de casa.<sup>266</sup>

Diante dessas mudanças, em que a televisão se tornava parte do cotidiano das famílias, requisitava-se dos políticos uma atenção em relação ao problema. Esse foi o caso de uma matéria veiculada no dia 10 de abril de 1977, relatando a ação do vereador José Felipe de Oliveira sobre o sinal de televisão:

---

<sup>264</sup> TELEGRAFA a Câmara à TV Ceará. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 18 out. 1971.

<sup>265</sup> LINS, Aline Maria Grego. Quando a televisão ainda era uma aventura no nordeste brasileiro. In: KNEIPP, Valquíria A.P. (org.). *Trajetória da televisão no Rio Grande do Norte: a fase analógica*. Natal: EDUFRRN, 2017, p. 59-75. p. 61.

<sup>266</sup> FONTINELES, 2015, p. 290.

Estão compensados dos aborrecimentos por que passou a população durante o tempo em que se processaram os trabalhos de reforma da TV local visando trazer até nós imagem e som perfeitos, já que os até então existentes não vinham satisfazendo a grande legião de telespectadores. Agora, sim, podemos dizer que temos realmente televisão em Campo Maior. E aqui ressaltamos, por dever de justiça, e em forma de agradecimento, a figura do precursor dessa benfazeja reforma, dotado de muita criatividade e dinamismo, que é o vereador José Felipe de Oliveira, que em boa hora apresentou ao Sr. Prefeito Municipal uma indicação no sentido de que esta suprema autoridade do município mandasse executar serviço de reforma na torre de TV local, que se apresentava deficiente desde quando fora implantada.<sup>267</sup>

No trecho, notamos a importância conferida ao sinal de televisão que, naquele momento, ganhava espaço no cotidiano dos campomaiorenses. Nesse sentido, o mau funcionamento do sinal de televisão provocou a insatisfação da população, tomando uma dimensão política.

Podemos inferir, a partir das reportagens e propagandas analisadas, que a televisão ganhava cada vez mais espaço nas residências. Isso não significa dizer que outras práticas de sociabilidades foram deixadas de lado, porém, notamos que começava a existir novas possibilidades de lazer no cotidiano dos campomaiorenses. Portanto, podemos entender que a preocupação relacionada à oferta de energia elétrica em horários regulares, assim como o sinal de televisão com imagem e som de qualidade se tornava cada vez mais constante.

---

<sup>267</sup> TELEVISÃO tem agora ótima imagem e perfeito som. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 10 abr. 1977.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, podemos concluir que o discurso sobre a urbanização da cidade de Campo Maior, nas páginas do jornal *A Luta*, possui imbricação com os interesses de seus produtores. Para isso, foi necessário problematizar sobre o modo que esse discurso foi construído, pois, no recorte analisado, o periódico apresentava, com bastante destaque, as matérias sobre a urbanização da cidade.

Os redatores e colaboradores representavam o jornal *A Luta* como “porta-voz” da sociedade, porém, ao longo da pesquisa, foi possível problematizar essa afirmação e compreender a quais grupos o periódico pertencia e, portanto, que interesses defendiam. Nesse sentido, colaboraram com o *A Luta* estudantes do ensino secundário e universitário, empresários, jornalistas, políticos e escritores.

As fontes analisadas nos permitiram inferir quais as relações que os proprietários do periódico mantinham com empresários e políticos, sendo que o apoio recebido possibilitou que o jornal se mantivesse em circulação. Além disso, existia, também, a colaboração de jornalistas, responsáveis pelos melhoramentos gráficos do periódico.

Percebemos que a imprensa na cidade de Campo Maior, durante o recorte analisado, estava relacionada aos debates literários na redação do jornal e na socialização dos textos em suas páginas, sem, contudo, deixar de se envolver com temas referentes ao contexto local, como foi observado na publicação de matérias e colunas que explicitam a opinião dos que escreviam para o jornal.

Analisamos a atuação de estudantes do ensino secundário e universitário na escrita de textos no periódico que ressaltavam o protagonismo dos jovens. Foi o caso das colunas “A Voz do UCES”, “Nossa Geração” e “Coluna do Estudante”. Além disso, o *A Luta* publicou matérias sobre a “II Semana Universitária Campomaiorense” e também divulgou sua programação, em que foram promovidos atividades esportivas, bailes e conferências.

Analisar a construção do Monumento aos Heróis do Jenipapo possibilitou entender a identidade campomaiorense, compreendida até os dias atuais como “O Berço dos Heróis”. Assim, podemos observar o contexto histórico em que se deu a valorização da Batalha do Jenipapo enquanto importante acontecimento nas lutas pela unidade nacional, e como isso é ressignificado no recorte temporal estudado no presente trabalho.

O jornal *A Luta* foi um importante espaço de divulgação da campanha de construção do monumento promovido pelos escritores Octácilio Eulálio e Irmão Turuka. As páginas do jornal

também se dedicaram a divulgar as ações do governador Alberto Silva e os preparativos das comemorações de inauguração do monumento. Notamos, também, que o periódico se tornou um importante espaço para as disputas de memória, por meio do qual, após a inauguração do monumento, é possível perceber a insatisfação com o esquecimento dos escritores campomaiorenses, principalmente de Octacílio Eulálio, o principal envolvido na campanha.

As fontes aqui analisadas nos permitem entender como as construções arquitetônicas em Campo Maior não apenas modificaram o espaço urbano, mas também eram percebidas por seus habitantes. Através dos textos de Octacílio Eulálio e Irmão Turuka foi possível perceber as sensibilidades sobre a cidade. Esses textos destacavam aspectos sobre o presente e passado de Campo Maior, mostrando as memórias de uma cidade ainda pacata que, aos poucos, ia se transformando.

Ao analisar as matérias do *A Luta* e fotografias produzidas no período estudado, concluímos que as administrações locais tentavam representar a cidade de Campo Maior como uma cidade moderna, focando nas construções arquitetônicas e melhoramentos urbanísticos. Porém, enquanto fonte histórica, foi necessário questionar até que ponto essas narrativas representavam os interesses dos grupos que estavam no poder.

Podemos afirmar que os serviços de infraestrutura urbana transformam o dia a dia das pessoas, prometendo uma vida mais tranquila. Notamos, nos textos analisados, que a energia elétrica trazia a promessa de segurança durante as noites e mudanças na vida doméstica, através do uso de novas tecnologias.

Foi possível analisar, nas colunas de opinião, que se requisitavam melhoramentos urbanos nos bairros da cidade. Esse foi o caso das ruas próximas ao Cemitério e ao Estádio Deusdeth de Melo, em que foi evidenciado que a falta de calçamento causava poeira e poderia prejudicar a saúde da população.

É importante destacar que, diferentemente de outras cidades, Campo Maior possuía suas especificidades, uma vez que, no recorte analisado, a energia elétrica apresentava problemas no seu funcionamento, causando descontentamento e sendo pauta das matérias jornalísticas. Isso também teve repercussão no cotidiano da cidade, visto que a energia elétrica era fundamental para as sociabilidades diurnas e noturnas, bem como para o funcionamento de aparelhos de televisão e geladeira.

Na década de 1970, podemos notar as possibilidades de experimentar as novidades, principalmente a televisão. A cidade agora é compreendida a partir do desejo, pela possibilidade de entrar em contato com novas experiências. Nesse sentido, ao nos debruçarmos sobre as

representações da cidade de Campo Maior, o *A Luta* nos possibilita compreender as vivências na cidade.

## 6 REFERÊNCIAS E FONTES

ABREU, Alzira de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: ABREU, Alzira de. (org.). *Imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 1950*. Rio de Janeiro: FGV, 2008, p. 13-60.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009.

AGUIAR JUNIOR, José de Arimatéa Freitas. *Festas, hinos e marchas: constituição do patriotismo e o serviço militar no Piauí*. 2014. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

ARRUDA, Márcia Bomfim de. Considerações acerca do uso de máquinas elétricas no ambiente doméstico. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 367-382, dez. 2007.

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique (org.). *Passados recompostos: campos e canteiros da história*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1998.

BRASIL, Corinto. *Cine Nazaré*. Campo Maior, 2019. Disponível em: <<https://blogdoprofessorjorgecamara.blogspot.com/2019/06/cine-nazare-por-corinto-brasil.html?m=1>> Acesso em: 10 set. 2020.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade, cidadania e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, p. 13-20.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2019.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988.

CAPELATO, Maria Helena. A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Ligia Coelho (org.). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. 1. ed. São Paulo: Humanitas/CAPES, 2015, p. 114-136.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARVALHO, José Murilo de Carvalho. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão, 1998.

CHAVES, Celson. *Rua Santo Antônio*. Campo Maior: EDUFPI, 2014.

CHAVES, Monsenhor. *Obra completa*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade/Editora UNESP, 2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo: Editora Ática, 2004.

COSTA, Alcília Afonso de Albuquerque. Arquitetura brutalista do Piauí nos anos 1970. *Arquitextos*. 15 dez. 2014. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/15.174/5367>. Acesso em: 20 dez. 2020.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da. *Cronologia histórica do Estado do Piauí*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, n. 6, p. 9-25, 2003.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Literatura, memória e cidades: interseções. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 137-145, 18 mar. 2004.

FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura- regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. O cenário esportivo como arena de disputas políticas: entre a memória recitada e o apagamento de rastros. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 43, p. 428-441, 2017.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e história do Piauí*. Teresina: EDUFPI, 2015.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. Patrimônios arquitetônicos em Teresina: combates pela memória (década de 1970). *História & Perspectivas*, Uberlândia, v. 29, n. 54, p. 167-188, jan./jun. 2016.

FONTINELES, Cláudia Cristina Da Silva. Patrimônios arquitetônicos em Teresina: combates pela memória (década de 1970). *Revista História & Perspectivas*, v. 29, n. 54, ago. 2016.

JESUS, Pauliana Maria de. *Reflexões sobre a modernização de Campo Maior entre 1930 e 1970*. 2018. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. 2001. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 2003.

LIMA, Francisco de Assis. *A Batalha: o reconhecimento*. Campo Maior: Edição do Autor, 2009.

LIMA, Reginaldo Gonçalves de. *Geração Campo Maior: anotações para uma enciclopédia*. Teresina: Gráfica e Editora Júnior Ltda, 1995.

LINS, Aline Maria Grego. Quando a Televisão ainda era uma aventura no nordeste brasileiro. In: KNEIPP, Valquíria A.P. (org.). *Trajetória da televisão no Rio Grande do Norte: a fase analógica*. Natal: EDUFRN, 2017, p. 59-75.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Limites da utopia: cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 297-322, 2007.

LOSNAK, Célio José. *Polifonia urbana: imagens e representações (Bauru 1950-1980)*. Bauru: Edusc, 2004.

MAUAD, Ana Maria. *Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*. Niterói: Editora da UFF, 2008.

MONTEIRO, Charles. Construindo a história da cidade através de imagens. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (org.) *Narrativas, imagens e práticas em história cultural*. Porto Alegre: Asterico, 2008, p. 148-171.

MOURA, Iara Conceição Guerra de Miranda Moura. A Batalha do Jenipapo e seus heróis: símbolos de uma piauiensidade. In: SILVA, Cleide Maria de Carvalho; SILVA, Márcio Douglas de Carvalho e; SILVA, Ronyere Ferreira da. (org.) *História, memória e práticas de ensino*. Teresina: EDUFPI, 2019.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 195-214, 2007.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cidades das Letras. In: MONTEIRO, Charles; NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; ARRAES, Ricardo; NASCIMENTO, Francisco Alcides do; MATOS, Maria Izilda Santos de; AVELINO, Yvone Dias. (Org.) *Cidades: representações, experiências e memórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2017.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Imprensa e imagens: a construção de representações do Piauí e Teresina através de jornais diários na década de 1970. *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica*, Recife, v. 28, n. 1, jan./jun. 2010.

NEVES, Abdias. *A guerra do Fidié*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1985.

OLIVEIRA, Natália; AFONSO, Alcília. *Da matriz vejo a cidade: a igreja de Santo Antônio em Campo Maior*. Teresina: Halley, 2015.

PEREIRA, Raimundo Nonato B. *Modernização urbana de Campo Maior (1930-1937)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Campina Grande, Paraíba, 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, jun. 2007.

PINHEIRO FILHO, Celso. *História da Imprensa no Piauí*. 3. ed. Teresina: Zodíaco Editora, 1997.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 2016.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 147-160, 2003.

RODRIGUES, Maristella Muniz. *Entre comemorações cívicas e lutas pela construção da memória: a política cultural do governo Alberto Silva*. 2018. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

RONILK, Raquel. *O que é cidade?* São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Propaganda e história: antigos problemas, novas questões. *Projeto História*, São Paulo, v. 14, p. 89-112, fev. 1997.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

SENA ROSA, José Ribamar de. *A luta, falando de trocas e meios*. Teresina: Halley Gráfica e Editora, 2015.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. Técnica e Cultura material na cidade de Fortaleza (1945-1965). *Projeto História*, São Paulo, v. 40, p. 293-317, jun. 2010.

SILVA FILHO, Antonio Luiz Macêdo e. *Fascínio e projeto: percursos da energia elétrica no espaço urbano (Fortaleza, 1945-1965)*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2015.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org.) *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa; 1998, p. 259-279.

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL (PI). *Eleições 1945 a 1992*. Disponível em: <<https://www.tre-pi.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1945-a-1992>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

## PERIÓDICOS

A CEPISA deve explicações. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 17 out. 1970.

A CIDADE faz apelo ao Sr. Prefeito. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 25 jun. 1978.

A LUTA dirige-se a Jaime. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 28 jan. 1973.

A LUTA pelo Monumento. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 6 out. [nov.] 1973.

A LUTA tem novo cabecalho. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 2 mar. 1969.

A LUTA, Campo Maior, p. 1, 12 jun. 1971.

A NOSSA Imprensa. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 21 jul. 1968.

A RÁDIO Clube de Campo Maior em breve voltará ao ar. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 10 out. 1970.

A RESPEITO de alguns bancos quebrados. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 16 jan. 1971.

A VOZ da UCES. *A Luta*. Campo Maior, p. 3, 23 mar. 1969.

ABREU, Agenor. Jornal. *A Luta*. Campo Maior, p. 3-8, 28 jul. 1968.

ALA jovem dá sugestões para plano do novo prefeito. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 13 fev. 1971.

ALA Jovem discutiu problema da seca. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 12 jul. 1970.

ALA jovem e seus princípios. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 29 mar. 1970.

ALBERTO vem dia 13 de março e promete inaugurar monumento este ano. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 18 fev. 1973.

ALVES NETO, Zeferino. Falta d'água continua. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 27 ago. 1978.

ALVES NETO, Zeferino. Mudança na direção. *A Luta*, Campo Maior, p. 1, 29 nov. 1976.

ANDREAZZA promete porto e estradas ao Piauí. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 2 mar. 1969.

ANIVERSARIA nossa companheira Sílvia Mello. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 18 mai. 1969.

ANÚNCIOS. *A Luta*, Campo Maior, p. 2, 3 dez. 1967.

AOS LEITORES, a verdade. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 27 fev. 1971.

ATENÇÃO... *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 13 ago. 1978.

AVISO Importante!!! *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 16 jun. 1968.

BANDO de vagabundos assalta a cidade. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 29 jun. 1975.

C. MAIOR é incluído em Enciclopédia. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 20 mar. 1971.

CAMPANHA deverá ser a Luta de todos. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 13 mar. 1971.

CAMPO Maior- 217 anos. *A Luta*, Campo Maior, s/p, 12 ago. 1979.

CARLIVAN. Imagem de Campo Maior. *A Luta*. Campo Maior, p. 4, 30 jan. 1971.

CASAS Pernambucanas. *A Luta*. Campo Maior, p. 4, 18 jun. 1978.

CELESTINO, Pedro. Revolução & Desenvolvimento. *A Luta*. Campo Maior, p. 4, 30 mar. 1969.

CEPISA dá explicações. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 7 nov. 1970.

CLCC fará aniversário e elegerá nova diretoria. *A Luta*. Campo Maior, p. 5, 19 dez. 1970.

COLUNA do estudante. *A Luta*. Campo Maior, p. 3, 30 jun. 1968.

ERRATA... *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 13 ago. 1978.

ESCURIDÃO provoca acidentes em Campo Maior. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 9 mar. 1969.

ESTUDANTES encenarão a Batalha do Jenipapo. *A Luta* Campo Maior, p. 1, 29 out. 1973.

EULÁLIO, Otacílio. Passeio a cavalo. *A Luta*. Campo Maior, p. 5, 7 ago. 1977.

EULÁLIO, Otacílio. Cousas do passado. *A Luta*. Campo Maior, p. 5, 16 jan. 1971.

GRATIDÃO. *A Luta*, Campo Maior, p. 1, 29 jun. 1975.

HÁ NÔVO horário da energia. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 3 mar. 1971.

IDÉIAS & Fatos. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 13 fev. 1977.

ILUMINAÇÃO pública. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 3 de mar. 1971.

INAUGURAÇÃO dia 6? *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 19 out. 1973.

ISTO é alvissareiro. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 18 dez. 1971.

JAIME aceita críticas construtivas. *A Luta*, Campo Maior, s/p, 27 fev. 1971.

JAIME inaugura dia 29 a primeira Estação Rodoviária do Estado. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 21 jan. 1973.

JAIME Inaugurará Mercado em outubro. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 30 set. 1972.

JUVENTUDE é comunicação. *A Luta*. Campo Maior, p. 5, 17 out. 1970.

LAMENTAVELMENTE. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 31 out. 1970.

LITERATURA. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 3 jul. 1977.

LOBÃO, Osvaldo. A Luta: mais uma vitória. *A Luta*. Campo Maior, p. 3, 9 mar. 1969.

MANUCA com o presidente do BB. *A Luta*, Campo Maior p. 1, 16 mar. 1975.

MANUCA e suas atividades. *A Luta*, Campo Maior, p. 3, 12 nov. 1976.

MERETRIZES merecem ajuda das autoridades. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 5 dez. 1971.

MIN. ANDREAZZA: - Pôrto do Piauí vem breve. *A Luta*. Campo Maior, p. 3, 2 mar. 1969.

NA MOVELARIA Sto. Onofre. *A Luta*. Campo Maior, p. 6, 6 fev. 1971.

NÃO TEMOS luz diurna no carnaval. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 20 fev. 1971.

NOSSA Integração. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 27 fev. 1971.

NOSSA Integração. *A Luta*. Campo Maior, p. 5, 17 out. 1970.

NOSSA participação. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 6 out. [nov.] 1973.

NOSSO “High- Society”. *A Luta*. Campo Maior, p. 4, 9 mar. 1969.

NOTAS sociais. *A Luta*. Campo Maior, p. 5, 28 jul. 1968.

O POVO reclama. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 20 fev. 1971.

O POVO reclama. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 20 mar. 1971.

O POVO reclama. *A Luta*. Campo Maior, p. 6, 27 fev. 1971.

OBSERVANDO. *A Luta*. Campo Maior, p. 5, 3 dez. 1967.

OCTACILIO Eulálio. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 6 out. [nov.] 1973.

POVO sofre falta de luz e água aos domingos. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 24 out. 1971.

PRAÇA Gentil Alves continua na mesma. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 3 set. 1978.

PRÁTICA indecorosa. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 22 jul. 1979.

PROBLEMAS que clamam soluções. *A Luta*. Campo Maior, p. 4, 3 jul. 1977.

PROBLEMAS que clamam soluções. *A Luta*. Campo Maior, p. 5, 17 jul. 1977.

PROBLEMAS que clamam soluções. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 24 jul. 1977.

PROPAGANDA lojas Pedro Machado S/A. *A Luta*. Campo Maior, p. 7, 12 jul. 1970.

REVOLUÇÃO & Desenvolvimento. *A Luta*. Campo Maior, p. 4, 30 mar. 1969.

RIBEIRO, Raimundo Antunes. Para trás, intrigantes. *A Luta*. Campo Maior, p. 3, 19 jan. 1969.

RODOVIÁRIA será construída em Ritmo acelerado. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 13 ago. 1972.

SAUDAMOS nesta data, o aniversário da Revolução, saudamos o direito, a ordem, a liberdade e o progresso nacional. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 30 mar. 1972.

SERÁ em setembro a inauguração do monumento. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 7 jan. 1973.

SUCURSAL de A Luta em Teresina. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 10 mar. 1973.

SUJEIRA no Mercado de Frutas. *A Luta*. Campo Maior, 5 dez. 1971.

TELEGRAFA a Câmara à TV Ceará. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 18 out. 1971.

TELEVISÃO tem agora ótima imagem e perfeito som. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 10 abr. 1977.

TODO o Piauí vem presenciar a guerra simulada do Jenipapo. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 6 out. [nov.]. 1973.

TORRES, João de Deus. Meus aplausos. *A Luta*. Campo Maior, p. 1-8, 3 dez. 1967.

TURUKA, Irmão. Marchantes e magarefes. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 2 mar. 1969.

TURUKA, Irmão. Passado e presente. *A Luta*. Campo Maior, p. 4, 13 out. 1968.

TURUKA, Irmão. Um louco filósofo. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 13 abr. 1969.

TURUKA, Irmão. Dr. Miguel de Sousa Borges Leal Castelo Branco- Um grande Campomaiorense. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 11 maio 1969.

TURUKA, Irmão. Filhos ilustres de C. Maior- Lívio Lopes Castello Branco e Silva. *A Luta*. Campo Maior, s/p, 23 mar. 1969.

TURUKA, Irmão. No tempo do “Quero e Posso”. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 26 jan. 1969.

TURUKA, Irmão. Um belo poema. *A Luta*. Campo Maior, p. 2, 24 nov. 1968.

ÚLTIMOS comícios da Arena II foram sucesso. *A Luta*, Campo Maior, s/p, 12 nov. 1976.

UM giro pelo mundo. *A Luta*. Campo Maior, p. 6, 28 nov. 1970.

UM SONHO que se tornará realidade. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 8 dez. 1972.

VOCÊ não sabia, pois saiba agora. *A Luta*, Campo Maior, p. 2, 22 jul. 1979.

ZEFERINO é alvo de vil agressão por alguém de maus costumes. *A Luta*. Campo Maior, p. 1, 12 dez. 1970.